

**Sociedade Portuguesa**  
**BOLETIM**  
**de Educação Física**

Congresso da SPEF • As Representações de Sucesso e Insucesso Profissional em Professores de Educação Física • Preferência Manual: Suas Relações com os Níveis de Avaliação em Educação Física • Noção e Prática de Psicometricidade • O Ócio da Lisboa de 1900 • 50 Ans d'Éducation Physique en Europe

**Número 4 — PRIMAVERA de 1992**

# **Sociedade Portuguesa** **BOLETIM** **de Educação Física**

**Congresso da SPEF • As Representações de Sucesso e Insucesso Profissional em Professores de Educação Física • Preferência Manual: Suas Relações com os Níveis de Avaliação em Educação Física • Noção e Prática de Psicomotricidade • O Ócio da Lisboa de 1900 • 50 Ans d'Éducation Physique en Europe**



**BOLETIM SPEF/Trimestral**

N.º 4 (2.ª série) — Primavera de 1992

*Director*

Francisco Sobral

*Conselho editorial*

Francisco Carreiro da Costa • João Carlos Rodrigues • Jorge Soares Nicola • Leonardo Rocha • Manuel Brito • Rui Gomes

*Conselho de redacção*

Rui Gomes

*Apoio administrativo e assinaturas*

João Carlos Rodrigues

*Edição, propriedade e assinaturas*

Sociedade Portuguesa de Educação Física  
Apartado 103  
2796 LINDA-A-VELHA CODEX

*Assinatura anual (4 números)*

2500\$00 não sócios  
2000\$00 instituições

*Preço deste número*

sócios — distribuição gratuita  
850\$00 não sócios

Registo do título n.º 10 474/85

*Composição* Alfanumérico, Lda.

*Impressão* Tipografia Guerra, Viseu

Depósito legal n.º 43 392/91

---

Desejamos estabelecer intercâmbio com outras publicações  
We wish to establish exchange with other publications  
On désire établir l'échange avec d'autres publications  
Desejamos establecer intercambio con otras publicaciones

A Redacção do Boletim fará menção crítica de todas as obras de que sejam oferecidos dois exemplares à SPEF.

Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidades dos seus autores.  
O editor reserva-se o direito de propriedade sobre todo o material publicado, o qual não poderá ser reproduzido sob qualquer forma, total ou parcialmente, sem a sua expressa autorização.

## Índice

Editorial .....	5
<i>Francisco Sobral</i>	

### ESTUDOS, PRÁTICAS E PROBLEMAS

As Representações de Sucesso e Insucesso Profissional em Professores de Educação Física .....	11
<i>Francisco Carreiro da Costa, Luís Carvalho, Marcos Onofre, José Alves Diniz</i>	
Preferência Manual: Suas Relações com os Níveis de Avaliação em Educação Física e com a Assimetria Motora Funcional.....	31
<i>Olga Vasconcelos</i>	
Ensaio para um Percorso Histórico do Desenvolvimento da Noção e Prática de Psicomotricidade .....	47
<i>Pedro Soares Onofre</i>	

### ARQUIVO HISTÓRICO

O Ócio da Lisboa de 1900 — Tradição e mudança nas práticas e representações do ócio urbano .....	53
<i>Rui Gomes</i>	
50 Ans d'Éducation Physique en Europe .....	79
<i>Walter Dufour</i>	



## Editorial

Francisco Sobral \*

Nos dias 11 e 12 do próximo mês de Dezembro, a SPEF levará a efeito o seu IV Congresso, desta vez centrado nos problemas e nos desafios que afectam o exercício da profissão de professor de Educação Física.

Não é de mais repetir que a profissão atravessa um momento de crise — de identidade, de objectivos, de impacto social. A contribuição do Professor Walter Dufour para este número é um documento essencial (sê-lo-á «histórico», estamos seguros, daqui a breves tempos) para a compreensão dos factores e da forma da crise que atravessamos.

De *identidade* porque, sujeita à erosão de uma pseudo questionação epistemológica, acabou por se enredar num processo de má consciência e autofagia, onde já poucos reconhecem as fronteiras da profissão e, dentro delas, dificilmente se reconhecem a si próprios.

De *objectivos*, pelas hesitações teóricas e metodológicas que aquela «crítica epistemológica» veio introduzir — para mais conduzida de uma forma incipiente, feita de clichés desgarrados e destituída de qualquer rigor filosófico. Apesar disto, e por isto, um que outro «crítico» fez carreira nas franjas de uma profissão sempre complacente para com os arrivistas e os bem falantes.

De *impacto social* porque, custe o que custar reconhecê-lo e dizê-lo, a comunidade e os poderes deixaram de ver no professor de Educação Física o condutor indispensável das actividades físicas, remetendo a novos protagonistas — sem qualificação idónea mas destacados por

---

\* Presidente da SPEF.

Boletim SPEF, n.º 4 Primavera de 1992, pp. 5-7.

uma aura mediática — a educação e o lazer das crianças, dos jovens e de segmentos cada vez mais amplos da população adulta.

Esta descrição não é (antes o fora!) alarmista, nem sequer confinada à situação portuguesa. Nos contactos que a SPEF tem mantido com organizações congêneres de outros países, designadamente no âmbito da E. U. P. E. A., partilhamos a experiência de uma profunda apreensão, por toda a Europa, quanto ao futuro do estatuto e do potencial de satisfação profissional da Educação Física.

A circunstância de o processo degradativo a que se assiste não assumir ainda, entre nós, a mesma dimensão que já atingiu na Suécia ou na Irlanda, por exemplo, não significa que a nossa posição seja mais robusta. Não nos podemos permitir o luxo de sermos ingénuos a tal ponto.

É fácil apontar responsáveis. As universidades, por exemplo, de onde foram desferidos os primeiros golpes contra a Educação Física. Em nome do reforço científico dos seus fundamentos — uma ambição aliás muito respeitável — acabaram por perder-lhe o rasto, primeiro; depreciaram-na, depois, como «matéria de aplicação», ao mesmo tempo que piscavam um olho leviano ao desporto de rendimento.

Quando se tratava apenas de escolher pelas duas, os «académicos» votaram em alternativa — por aquela donde julgaram provir um futuro mais risonho: para eles, para os seus laboratórios, para as suas investigações. A vida dos «académicos» também é dura, certamente, mas uma equilibrada mistura de pudor e de bom senso não os deitaria a perder.

A ofensiva irradiou da América do Norte para a Europa e, entre nós, adquiriu a caricatura patética daquele que já quer parecer o que ainda está muito longe de poder ser. Só o atraso do país — na formação cultural dos seus dirigentes; na estrutura e nos recursos do sistema educativo; no poder de influência das universidades; e na expressão real do sistema desportivo — tem obstado ao avanço de certas aventuras.

Mas estarão os professores de Educação Física, dentro deste contexto, num estado de imaculada inocência? Estarão ao menos conscientes da situação e dispostos a considerá-la em todas as suas implicações?

Como aceitar então a letargia do grupo profissional perante a coexistência de modelos de formação diferenciados e contraditórios que irão gerar, a curto prazo, tensões sempre lamentáveis entre grupos de professores?

Como entender o silêncio dos professores de Educação Física face a uma proliferação escandalosa de cursos de estudos especializados que, desvirtuando a lei em que se estribam, fazem prosperar instituições sem tradição no «mercado» e que não estão sujeitas a qualquer controlo de qualidade?

Como interpretar a passividade dos professores de Educação Física ante a ausência de programas de formação permanente e de comple-

mento de habilitações; a sua complacência para com uma intervenção precária nos estágios pedagógicos que não os motiva nem valoriza; a sua crónica subalternidade na definição das condições em que devem exercer o ensino? Etc., etc.

Ao estabelecer, como tema do IV Congresso as *condições* e os *desafios* do exercício da profissão, a Direcção da SPEF teve presente aquele que é o princípio basilar da sua orientação — e, cremos, da sua própria existência:

A intervenção dos professores não se esgota na vertente sindical. Há outras esferas de argumentação e é urgente que sejam cultivadas.

Os professores de Educação Física têm contribuído de uma forma notável e prestigiante para o movimento sindical dos professores, de todos os professores. São indispensáveis agora empenho e sucesso idênticos no reforço da sua singularidade científica e sócio-profissional.

A SPEF quer — tem o dever de — acender o debate em torno das causas profundas que geram a insatisfação profissional. Quer — está obrigada a — contribuir para que se conheçam as condições em que os professores de Educação Física trabalham e as consequências que daí decorrem para a qualidade do trabalho, para o grau de realização pessoal, para a saúde e para o equilíbrio emocional. Quer também que se revelem, sem timidez nem ambiguidade, os seus interesses e as suas expectativas.

A SPEF organizará o Congresso — mas não *fará*, ela, o Congresso. São precisos os depoimentos, os testemunhos, as experiências de todos os Colegas para que, sobre um grande esforço de participação colectiva, possamos elaborar um autêntico Livro Branco da condição docente em Educação Física. Um instrumento que se pretende eficaz nos limites próprios da intervenção de uma sociedade como é a SPEF: sem alardes mas com rigor e convicções fundamentadas.



*ESTUDOS  
PRÁTICAS  
E PROBLEMAS*



## As Representações de Sucesso e Insucesso Profissional em Professores de Educação Física

Francisco Carreiro da Costa \*  
Luís Carvalho \*\*  
Marcos Onofre \*\*  
José Alves Diniz \*\*

### *Introdução*

A linha de investigação em educação vulgarmente conhecida por «Teacher Thinking» (Clark & Yinger, 1977; Shavelson & Stern, 1981; Clark & Peterson, 1986), permitiu formular algumas proposições acerca das relações entre as representações e os comportamentos dos professores. Destacamos as seguintes:

1. Os professores estruturam a sua actividade pedagógica a partir das representações que formulam dos fenómenos em que estão envolvidos, dos significados que lhes atribuem e dos valores que defendem.
2. A maioria das decisões e comportamentos de ensino reflectem o que os professores pensam acerca da sua função, da escola, dos conteúdos programáticos e do aluno.

Assim, a forma como os professores perspectivam a sua profissão, nomeadamente a maneira como representam o sucesso profissional e o sucesso na leccionação da sua disciplina, ou disciplinas, assim como a ideia que formulam sobre as condições e factores que promovem e obstam o sucesso educativo, não podem deixar de influenciar as suas opções, decisões e comportamentos quando concebem, conduzem e avaliam as situações de educação.

---

\* Professor na FMH-UTL.

\*\* Assistentes na FMH-UTL.

Boletim SPEF, n.º 4 Primavera de 1992, pp. 11-30.

Placek (1982), num estudo que visava conhecer os factores que influenciavam as decisões de planeamento, verificou que os objectivos de aprendizagem não condicionaram as decisões dos professores. As situações pedagógicas eram seleccionadas tomando por referência a experiência anterior do professor, a salvaguarda da segurança dos alunos, os equipamentos e recursos disponíveis, as condições climatéricas e a atitude dos alunos face às situações de aprendizagem.

Entre todos factores citados, a atitude dos alunos foi o mais valorizado. Questões tais como:

- que actividades suscitarão maior satisfação nos alunos?
- que actividades manterão os alunos empenhados durante mais tempo?
- que actividades provocarão menos indisciplina?

constituíram as questões que mais preocuparam os professores.

Perante tais resultados, o autor concluiu que os professores não consideravam a promoção de aprendizagens um indicador de sucesso pedagógico. A representação de sucesso no ensino em Educação Física podia caracterizar-se do modo seguinte: manter os alunos OCUPADOS («BUSY»), FELIZES («HAPPY») e DISCIPLINADOS («GOOD») durante a actividade pedagógica.

Os resultados descritos por Placek (1982), não diferem, no essencial, dos resultados encontrados por Jackson (1968), Zahorik (1980) e Macleod (1988) no ensino geral; e por Earls (1981), Arrighi & Young (1987) e Borys & Fishburne (1990) no ensino de actividades físicas.

Na verdade, Jackson (1968) observou que os professores utilizavam a participação dos alunos como o indicador principal do seu sucesso e colocavam pouca ênfase nas aprendizagens escolares. Zahorik (1980), constatou que os professores nunca utilizavam os termos «consecução» ou «aprendizagem» para justificar a alteração das estratégias de ensino. Macleod (1988), verificou que os professores apresentavam as aquisições dos alunos como o principal indicador de sucesso profissional; todavia, quando interrogados sobre os indicadores de sucesso da aula, os professores referiram em primeiro lugar as características da participação dos alunos.

Por outro lado, Earls (1981) observou que os professores de Educação Física apontavam as características da sua relação com os alunos os motivos principais do seu grau de satisfação relativamente ao ensino realizado. Arrighi & Young (1989) verificaram que tanto os professores em formação como os em serviço apresentavam o comportamento dos alunos como o primeiro indicador de sucesso no ensino, enquanto Borys & Fishburne (1990) constataram que os professores não consideravam a aprendizagem dos alunos um critério relevante na avaliação do sucesso do seu ensino.

Placek (1983), num outro estudo cujo objectivo era analisar o conceito de sucesso e insucesso no ensino de actividades físicas e desportivas, verificou que os professores referiam, por ordem decrescente de importância, os seguintes indicadores de sucesso:

- a) o grau de satisfação ou de prazer do aluno (48%);
- b) o nível de aprendizagem dos alunos (44%);
- c) o grau de empenhamento ou de participação dos alunos na actividade pedagógica (31%);
- d) a ausência de comportamentos de indisciplina (7%). Quanto aos factores responsáveis pelo insucesso, 65% dos professores indicaram variáveis exteriores à sua capacidade de controlo. Apenas 14% dos inquiridos apontaram a ausência de aprendizagem como um indicador de insucesso.

Os estudos sobre a eficácia pedagógica têm vindo a enumerar um conjunto de condições e factores — uns relacionados com a actividade pedagógica dos alunos, e outros com a intervenção dos professores — responsáveis pela promoção do sucesso na aprendizagem (Brophy & Good, 1986; Carreiro da Costa, 1988; Piéron, 1988). Estes estudos têm igualmente posto em evidência que o ensino é uma função específica e complexa e que a forma como o professor orienta a actividade de aprendizagem repercute-se na dimensão dos efeitos educativos obtidos.

Todavia, se os professores não se assumirem plenamente como agentes fundamentais de mudança da maneira de ser, pensar e agir dos alunos, dificilmente se poderá esperar que os resultados da investigação processo-produto venham a constituir fontes de inspiração, decisão e orientação pedagógicas.

Assim, torna-se importante conhecer e compreender os sistemas de valores predominantes entre os professores relativamente aos múltiplos aspectos da sua actividade profissional, associando nas análises os aspectos globais da profissão e os aspectos mais directamente relacionados com o ensino. Esta estratégia de investigação permitirá, não só compreender melhor o pensamento global dos professores, mas, também, tornar mais consequentes os programas e processos de formação inicial e contínua destes profissionais.

Com o presente estudo procurou conhecer-se:

- 1) A representação de sucesso e insucesso no exercício da profissão docente em Educação Física;
- 2) A representação de sucesso na leccionação da disciplina de Educação Física;
- 3) A representação de aluno com insucesso em Educação Física, e os motivos que explicam o insucesso nesta área disciplinar.

## *Metodologia*

### *Amostra*

Participaram voluntariamente no estudo 122 professores, 50 do sexo feminino e 72 do sexo masculino, todos com qualificação académica de grau superior em Educação Física, sendo 7 bacharéis, 73 licenciados e 41 estagiários. Relativamente ao grau de ensino, 52 leccionavam no ensino preparatório e 70 exerciam funções no ensino secundário. Quanto à situação profissional, 6 eram provisórios, 41 estagiários (5.º ano da licenciatura em ensino da Faculdade de Motricidade Humana — Universidade Técnica de Lisboa), 56 efectivos provisórios e 19 efectivos.

### *Procedimentos*

Os dados foram recolhidos através de um questionário, constituído por duas partes: uma primeira parte, onde se procedia a uma caracterização dos inquiridos; uma segunda parte, composta por 5 perguntas abertas, a saber:

1. «Em que consiste para si ter Sucesso no Exercício da Profissão Docente?»
2. «Dê um exemplo que explicita a Ideia, ou Ideias, mencionada na resposta anterior».
3. «Considera ter obtido Sucesso na Leccionação da sua Disciplina quando:».
4. «Em que consiste para si ter Insucesso no Exercício da Profissão Docente?»
5. «Um aluno manifesta insucesso na sua Disciplina quando:».

### *Análise*

Em primeiro lugar, realizou-se uma leitura completa das respostas de todos os questionários. Esta consulta proporcionou uma lista exaustiva de frases exprimindo as diferentes ideias mencionadas em cada uma das questões.

Em segundo lugar, elaborou-se uma grelha de análise, composta por nove categorias, elas igualmente subdivididas.

Em terceiro lugar, procedeu-se ao treino de aplicação da grelha, depois de se ter introduzido alterações e melhorias e garantido a sua validade.

Em quarto lugar, realizou-se uma análise de conteúdo de tipo lógico semântico das respostas dadas às questões 1, 3, 4 e 5. A análise efec-

tuou-se classificando as respostas em unidades de significado, tomando como referência as categorias ou subcategorias da grelha. Consoante a questão se reportava a indicadores de sucesso ou de insucesso, assim era atribuída, respectivamente, uma valência positiva ou negativa à categorização. A análise foi realizada pelos autores do estudo, através de uma sequência bem delimitada.

### Grelha de Análise

1. Factores das Condições da Instituição Educativa;
2. Factores Locais da Situação de Educação (Estabelecimento de Ensino);
3. Factores da Relação Educativa;
4. Factores Relacionais (Relação/Clima);
5. Factores Associados aos Professores;
6. Factores associados aos Alunos;
7. Indeterminado;
8. Não Responde;
9. Outros.

### Quadro 1

Em quinto lugar, determinaram-se as frequências das categorias ou subcategorias referidas por todos os inquiridos para cada pergunta do questionário, e apuraram-se as respectivas percentagens.

Finalmente, analisaram-se todas as respostas repartindo os professores segundo o sexo, o grau de ensino, e a situação profissional. A fim de respeitar a complexidade própria dos fenómenos que estávamos a estudar, a caracterização de cada grupo de professores, nas várias análises produzidas, realizou-se através da Classificação Automática (Cluster Analysis).

### *Resultados e discussão*

Os resultados são apresentados segundo a sequência seguinte: num primeiro momento, descrevemos, em contraposição, a respostas sobre o conceito de sucesso e insucesso no exercício da profissão docente; a seguir, apresentamos os resultados sobre o conceito de sucesso na leccionação em Educação Física; num terceiro momento, referimos as características associadas ao aluno com insucesso em Educação Física; finalmente, apresentamos os resultados da Classificação Automática (Cluster Analysis), segundo as várias análises realizadas.

Indicadores de Sucesso Profissional

Apresentamos na figura 1 os principais indicadores de sucesso no exercício profissional. O exame dos resultados revela que os professores associam o sucesso na profissão fundamentalmente a factores que relevam, em primeiro lugar, das condições da relação educativa (40.5%) — nomeadamente, a «consecução de aprendizagens», os «alunos manifestarem determinadas características de participação na actividade pedagógica», a «promoção da participação dos alunos», o «desenvolvimento de atitudes» e a «promoção de efeitos educativos gerais» —, e das características pessoais do professor (37.6%), tais como: revelar «competência na resolução das tarefas profissionais», «satisfação pessoal», e «ver reconhecidos os méritos».

Em segundo lugar, os professores referem factores associados às características das relações humanas no seio da escola (9,5%) — «relação professor/professores» e «relação professor/alunos».

## SUCESSO/INSUCESSO PROFISSIONAL

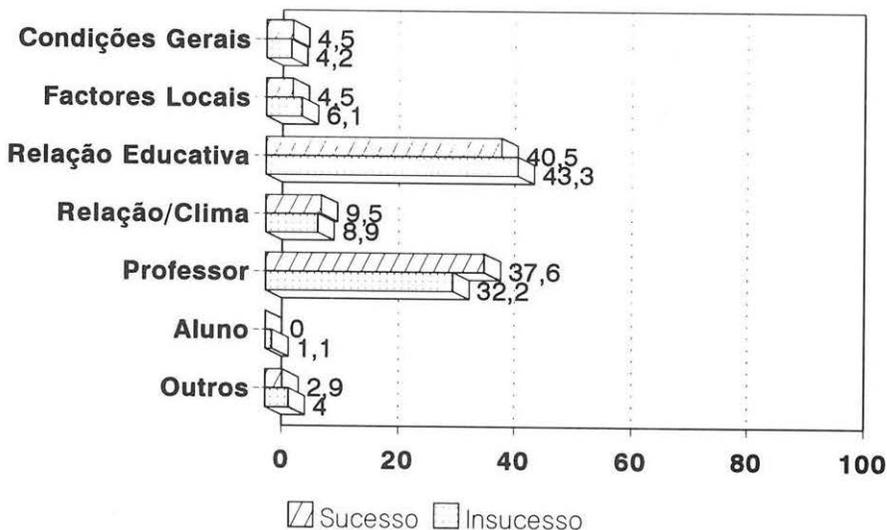


Figura 1

Em terceiro lugar, são mencionados, com idêntica frequência (4,5%), factores relativos às condições gerais da instituição educativa («condições de exercício profissional» e «opções da política educativa»), e factores que relevam das condições locais da situação educativa (as «condições de trabalho», os «recursos» existentes, e a «dinâmica entre os professores do estabelecimento de ensino»).

Finalmente, deve sublinhar-se que nenhum professor faz depender o sucesso profissional de factores associados aos alunos, tais como: o «meio socioeconómico e cultural de onde provêm»; a «escolaridade anterior»; as «capacidades/dotes», a «atitude face à escola», etc.

### Indicadores de Insucesso Profissional

A análise da figura 1 permite verificar que a ausência, ou a presença pela negativa, dos factores enunciados no ponto anterior, constituem motivos geradores de sentimentos de insucesso profissional. Na verdade, a posição relativa entre as várias categorias mantem-se.

Todavia, embora os professores associem o insucesso profissional sobretudo a condições da relação educativa (43,3%) e a características pessoais (32,2%), existe um aspecto que importa sublinhar: a tendência para valorizar as condições da relação educativa, sobretudo as «características da participação dos alunos na actividade pedagógica», em detrimento de factores associados a características pessoais («não ser capaz de resolver os problemas da profissão», «insatisfação», e «não ser reconhecido»). Pode pensar-se que revelar capacidade para resolver os problemas durante o exercício da função docente, e promover aprendizagens, constituem factores importantes para alcançar o sucesso profissional. No entanto, a ausência destes factores não suscita sentimentos de insucesso com idêntica intensidade.

Por último, é de referir o facto dos professores atribuírem maior importância às condições locais da situação educativa (6,1%) («ausência de recursos» e de «condições de trabalho») do que às condições gerais da instituição educativa (4,2%) («condições de exercício profissional» e «opções da política educativa»).

### *Indicadores de Sucesso na Leccionação em Educação Física*

Examinando a figura 2, pode ver-se que os professores referem maioritariamente os factores associados às condições da relação educativa (58,6%) como os que mais contribuem para o sucesso na leccionação em Educação Física.

Os professores enumeram a seguir, com uma importância significativamente menor, e por ordem decrescente, factores inerentes ao profes-

# SUCESSO NA LECCIONAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

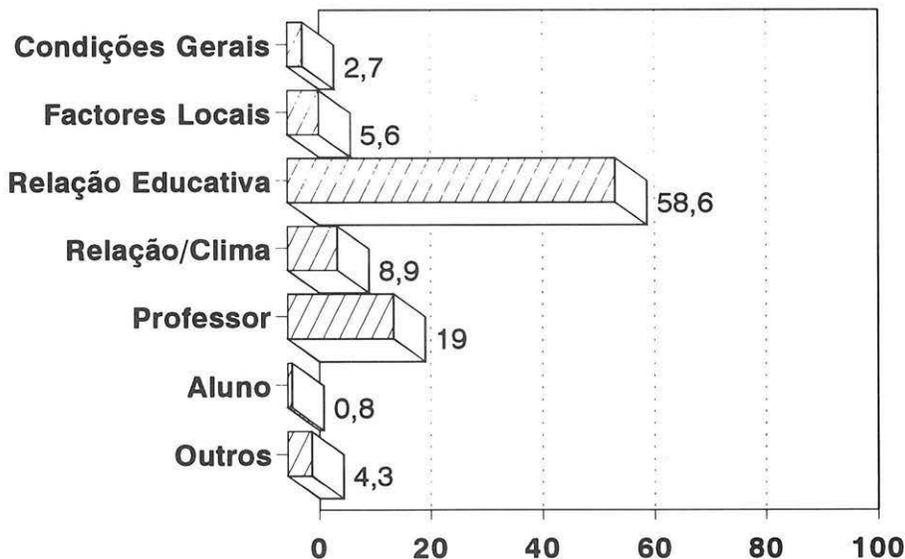


Figura 2

sor (19%) («competência revelada», 15%; «ser reconhecido», 2,4%; «satisfação pessoal», 1,3%), factores associados a um bom clima nas relações humanas, (8,9%) (principalmente entre professores do grupo de disciplina, 6,4%), factores relacionados com o estabelecimento de ensino (factores locais da situação de educação) (5,6%), e, por fim, factores que dizem respeito a condições gerais da instituição educativa (2,7%) e a características pessoais do aluno (0,8%).

Dado o valor atribuído pelo conjunto dos professores aos factores da relação educativa, era importante conhecer a percentagem de cada um.

Assim, pode ver-se na figura 3 que a promoção de aprendizagens específicas constituiu 33,9% das referências feitas pelos professores, surgindo numa posição imediata as características da participação dos alunos na actividade pedagógica (29,8%) («os alunos mostram-se interessados», «empenhados», «disciplinados», etc.), bem como factores relacionados com a promoção de efeitos educativos, a saber: desenvolvimento de capacidades (17%), desenvolvimento de atitudes (11%) e desenvolvimento de efeitos educativos gerais.

Finalmente, os professores apontam a promoção da participação dos alunos como um dos factores da relação educativa susceptível de gerar

# SUCESSO NA LECCIONAÇÃO

## FACTORES DA RELAÇÃO EDUCATIVA

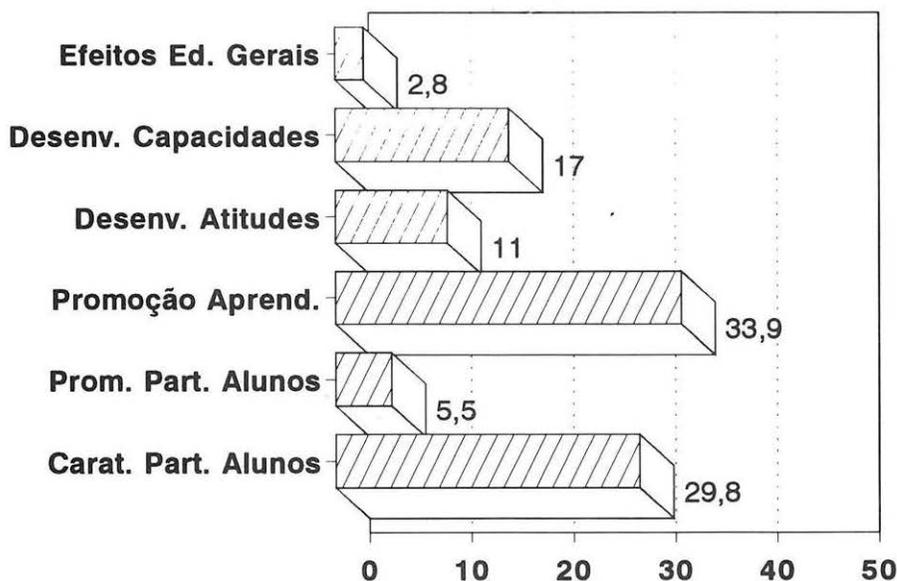


Figura 3

sentimentos de sucesso em educação física (5,5% dos factores referidos na categoria).

### *Características associadas ao aluno com Insucesso em Educação Física*

Apresentamos na figura 4, os factores associados aos alunos que revelam insucesso em Educação Física.

Os professores relacionam, numa percentagem bastante significativa (75,7%), o insucesso dos alunos com condições da relação educativa. Com uma importância bem menor, são enumerados a seguir factores relativos a características pessoais do aluno (11,7%) («ausência de pré-requisitos» e de «capacidades/dotes», «atitude face à escola e à escolarização»), à competência do professor (6,3%), à relação/clima (4,1%), e a características do estabelecimento de ensino (0,6%).

Dada a circunstância dos professores associarem tão vincadamente o insucesso do aluno em Educação Física a condições da própria relação educativa, analisámos as subcategorias que os professores citaram com maior frequência. Apresentamos os resultados na figura 5.

## ALUNO COM INSUCESSO EDUCAÇÃO FÍSICA

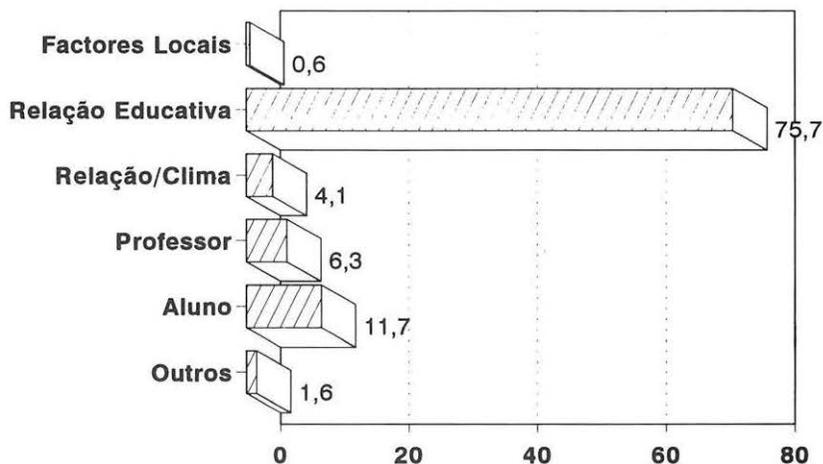


Figura 4

## ALUNO COM INSUCESSO EM E.F. FACTORES DA RELAÇÃO EDUCATIVA

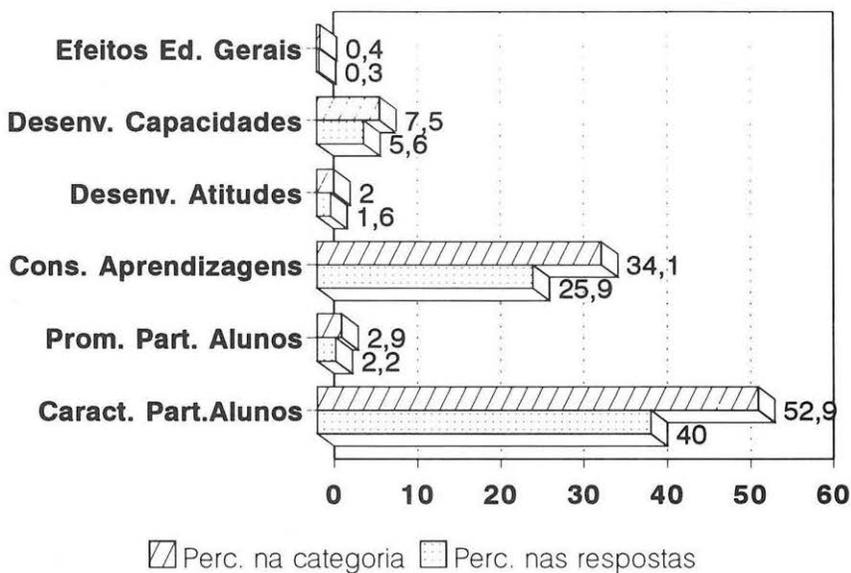


Figura 5

Como é possível constatar, os professores descrevem, em primeiro lugar, um aluno com insucesso em Educação Física em termos de características de participação na actividade pedagógica («mostram-se indisciplinados», «manifestam-se desmotivados e desinteressados», ou «apresentam falta de empenhamento»). Estas características constituem 40% do total de factores referidos nas respostas à questão 5 do questionário.

Em segundo lugar, os professores associam o insucesso à não consecução pelo aluno de aprendizagens específicas (25,9% dos factores referidos na questão), ao não desenvolvimento de capacidades (5,6% dos factores na questão) e atitudes (1,6%).

Finalmente, os professores referem a incapacidade de promover a participação do aluno na actividade pedagógica (2,2%) como uma das razões do insucesso em Educação Física.

### *Caracterização da representação da profissão docente em Educação Física*

Como referimos atrás, a Classificação Automática foi o método estatístico utilizado para caracterizar as respostas dos professores segundo o sexo, o grau de ensino e a situação profissional. As diferentes análises foram levadas a cabo utilizando todas as respostas dadas às cinco questões do questionário.

#### *Caracterização dos professores segundo a variável «sexo»*

Os professores do sexo feminino

As professoras inquiridas foram em número de 50 (40,98% da amostra), apresentavam uma média de idade igual a 27,8 anos, e leccionavam em média há 4,4 anos. Relativamente às questões que foram objecto de estudo, caracterizam-se por associarem o sucesso profissional à capacidade de promoverem a participação dos alunos na actividade pedagógica e por referirem que, quando fracassam neste propósito, isso suscita um sentimento de insucesso profissional. Todavia, deve destacar-se que o poder ilustrativo da variável «incapacidade em promover a participação do aluno» (variável 61, quadro 2) é menor do que o valor da variável «capacidade de promover a participação do aluno» (variável 17). Isto significa que a capacidade ou incapacidade em promover a participação dos alunos não tem o mesmo impacto no sentimento de sucesso ou de insucesso profissional.

De referir ainda que as professoras não referem quaisquer factores relacionados com a estrutura da Educação Instituição (variável 52)

(«qualidade dos programas», o «número de tempos semanais da disciplina», a «quantidade e qualidade dos recursos», o «apoio pedagógico», etc.) como geradores de insucesso profissional.

**Quadro 2**

Variáveis características			Média		Desvio padrão		V. Teste probab.	
			Classe	Geral	Classe	Geral		
Feminino			(peso = 50.00 Efectivo = 50)					
17. P1	33 Prom. da partic. dos alunos	Feminino 133	.320	.180	.760	.543	2.36	.009
61. P3	33 Prom. da partic. dos alunos	333	.360	.246	.794	.618	1.69	.045
36. P2	31 Efeitos educativos gerais	231	.000	.049	.000	.251	-1.79	.036
81. P4	321 Desenv. de capac. do aluno	4321	.040	.148	.196	.490	-2.01	.022
52. P3	12 Cond. da estrut. institucional	312	.000	.066	.000	.279	-2.16	.016
45. P2	52 Ser reconhecido	252	.000	.074	.000	.291	-2.32	.010
2.	Idade	IDAD	27.816	29.542	4.956	6.539	-2.39	.008
6.	Anos de serviço	ASER	4.400	6.205	5.215	6.367	-2.60	.005

Relativamente aos factores que suscitam sucesso na leccionação em Educação Física, as professoras distinguem-se dos seus colegas masculinos por não fazerem qualquer menção aos factores seguintes:

- a) ser reconhecida pelos alunos, pelos outros professores ou pelos encarregados de educação (variável 45);
- b) promover efeitos educativos gerais (variável 36).

Por último, as professoras caracterizam-se por apresentarem valores significativamente abaixo da média geral de referências ao não desenvolvimento de capacidades como uma das características «próprias» de um aluno com insucesso em Educação Física (variável 81).

**Quadro 3**

Variáveis características			Média		Desvio padrão		V. Teste probab.	
			Classe	Geral	Classe	Geral		
Masculino			(peso = 72.00 Efectivo = 72)					
6.	Anos de serviço	ASER	7.458	6.205	6.780	6.367	2.60	.005
2.	Idade	IDAD	30.732	29.542	7.201	6.539	2.39	.008
45. P2	52 Ser reconhecido	252	.125	.074	.370	.291	2.32	.010
52. P3	12 Cond. da estrut. institucional	312	.111	.066	.356	.279	2.16	.016
81. P4	321 Desenv. de capac. do aluno	4321	.222	.148	.606	.490	2.01	.022
36. P2	31 Efeitos educativos gerais	231	.083	.049	.323	.251	1.79	.036
61. P3	33 Prom. da partic. dos alunos	333	.167	.246	.441	.618	-1.69	.045
17. P1	33 Prom. da partic. dos alunos	133	.083	.180	.276	.543	-2.36	.009

## Os professores do sexo masculino

Os professores constituíam 59% (n = 72) da amostra, ensinavam em média há 7,4 anos, e tinham em média 30,7 anos de idade.

Como pode ver-se no quadro 3, os mesmos factores que caracterizam as professoras ilustram de forma inversa os professores. Na verdade, é interessante verificar que ser reconhecido pelos alunos, colegas ou encarregados de educação (variável 45) constitui o principal factor de sucesso na leccionação em Educação Física, associado a promoção de efeitos educativos gerais (variável 36).

Por outro lado, o valor negativo do factor promover a participação dos alunos na actividade pedagógica (variável 17) na resposta à questão 1, significa que esta situação não preocupa os professores. Provavelmente um sentimento positivo de capacidade e eficácia em levar a cabo aquele propósito explica estes resultados, bem como o valor ilustrativo negativo da variável 61 (não promover a participação dos alunos).

Finalmente, os professores, por oposição às suas colegas, referem as condições relativas à Educação Instituição como geradoras de um sentimento de insucesso profissional, e o não desenvolvimento de capacidades uma característica inerente a um aluno com insucesso em Educação Física.

### *Caracterização dos professores segundo o «grau de ensino»*

Como já referimos, do conjunto dos professores inquiridos, 40 leccionavam no ensino preparatório, e 82 no ensino secundário. No quadro 4, apresentamos as variáveis que caracterizam cada um dos grupos.

**Quadro 4**

Variáveis características			Média		Desvio padrão		V. Teste probab.	
			Classe	Geral	Classe	Geral		
Preparatório			(peso = 40.00 Efectivo = 40)					
24. P1	53 Competência pessoal	153	.775	1.041	.880	1.231	-1.66	.048
52. P3	12 Cond. da estrutura instituc.	312	.000	.066	.000	.279	-1.81	.035
26. P1	70 Indeterminado	170	.000	.074	.000	.261	-2.17	.015
Secundário			(peso = 82.00 Efectivo = 82)					
26. P1	70 Indeterminado	170	.110	.074	.313	.261	2.17	.015
52. P3	12 Cond. da estrutura instituc.	312	.098	.066	.335	.279	1.81	.035
24. P1	53 Competência pessoal	153	1.171	1.041	1.351	1.231	1.66	.048

Como pode ver-se, apenas um par de factores contribui para discriminar os dois grupos de professores: a competência revelada e as condições estruturais da Educação Instituição. Na verdade, os professores do ensino secundário distinguem-se, por um lado, por referirem, com valores significativamente acima da média geral, o nível de competência (variável 24) como um factor gerador de sucesso profissional — enquanto os professores do ensino preparatório apresentam valores nesta variável significativamente abaixo da média —, e por outro lado, por apontarem as condições estruturais da Educação Instituição como susceptíveis de influenciar o sentimento de insucesso profissional, ao contrário dos professores do ensino preparatório que as não referem.

### *Caracterização dos professores segundo a «situação profissional»*

#### Os professores provisórios

Os professores provisórios (n = 6) constituem 4,9% da amostra, e caracterizam-se por referirem factores com valores significativamente acima da média geral (quadro 5).

**Quadro 5**

Variáveis características				Média		Desvio padrão		V. Teste probab.	
				Classe	Geral	Classe	Geral		
Provisório		Provisório	(peso = 6.00 Efectivo = 6)						
85. P4	35	Desenvolvimento de atitudes	435	.333	.041	.745	.268	2.72	.003
26. P1	70	Indeterminado	170	.333	.074	.471	.261	2.48	.006
59. P3	321	Desenvolv. de capacidades	3321	.833	.180	1.213	.666	2.45	.007
49. P2	80	Não responde	280	.167	.025	.373	.155	2.30	.011
17. P1	33	Prom. da partic. dos alunos	133	.667	.180	.745	.543	2.24	.013
37. P2	321	Desenvolv. de capacidades	2321	1.000	.295	1.414	.817	2.16	.015

Relativamente ao sucesso profissional, a referência à promoção da participação dos alunos na actividade pedagógica constitui o factor que os individualiza, enquanto o não desenvolvimento de capacidades nos alunos é uma razão geradora de sentimento de insucesso profissional. Já, suscitar o desenvolvimento de capacidades nos alunos é um factor importante para sentir sucesso na leccionação da disciplina (variável 37).

Por último, os professores provisórios caracterizam-se por referirem o não desenvolvimento de atitudes como o factor que melhor ilustra o aluno com insucesso em Educação Física.

## Os professores estagiários

Os estagiários (n = 41) formavam 33,6% da amostra e apresentavam uma idade média de 24.4 anos. Mostramos no quadro 6 os factores que ilustram este grupo de professores.

**Quadro 6**

Variáveis características		Média		Desvio padrão		V. Teste probab.		
		Classe	Geral	Classe	Geral			
	Estagiário	Estagiário	(peso = 41.00 Efectivo = 41)					
46. P2	53 Competência pessoal	253	.756	.467	1.221	.832	2.72	.003
90. P4	53 Competência pessoal	453	.317	.139	.868	.548	2.54	.006
86. P4	41 Relações com professores	441	.073	.025	.260	.155	2.45	.007
62. P3	34 Caracter. da part. dos alunos	334	.439	.270	.857	.641	2.06	.020
48. P2	70 Indeterminado	270	.049	.016	.215	.127	2.00	.023
60. P3	322 Consec. dos objec./aprendiz.	3322	.707	.549	.707	.654	1.89	.029
39. P2	33 Prom. particip. dos alunos	233	.195	.098	.593	.413	1.83	.033
68. P3	53 Competência pessoal	353	1.049	.811	1.081	1.027	1.81	.035
82. P4	322 Consec. dos objec./aprendiz.	4322	.805	.672	.593	.579	1.79	.036
38. P2	322 Consec. dos objec./aprendiz.	2322	.732	.607	.542	.566	1.73	.042
18. P1	34 Caracter. da part. dos alunos	134	.341	.197	1.003	.673	1.68	.046
52. P3	12 Cond. da estrutura instituc.	312	.000	.066	.000	.279	-1.84	.033
10. P1	21 Recursos	121	.000	.057	.000	.233	-1.93	.027
54. P3	21 Recursos	321	.000	.098	.000	.393	-1.96	.025
50. P2	90 Outros	290	.000	.082	.000	.274	-2.34	.010
33. P2	22 Condições de trabalho	222	.000	.098	.000	.298	-2.58	.005
2.	Idade	IDAD	24.488	29.542	2.370	6.539	-6.07	.000
6.	Anos de serviço	ASER	.659	6.205	.900	6.367	-6.82	.000

Assim, relativamente às variáveis que caracterizam positivamente os estagiários, vemos que estes professores referem sobretudo a competência pessoal, a promoção da participação dos alunos na actividade pedagógica e a consecução de aprendizagens, como os factores que mais contribuem para o sentimento de sucesso na leccionação da disciplina. Quanto ao sucesso profissional, os estagiários citam, com uma frequência significativamente superior à média geral, as características da participação dos alunos na actividade pedagógica.

Por outro lado, a falta de empenhamento e de interesse dos alunos e a presença de comportamentos de indisciplina (variável 62) conjuntamente com a incapacidade pessoal, são os factores que mais concorrem para o sentimento de insucesso no exercício da profissão.

A não consecução de aprendizagens constitui o factor que caracteriza este grupo relativamente à questão 5 (quando é que um aluno manifesta insucesso na sua disciplina?). Esta realidade é apresentada como resultando da incompetência do professor (variável 90) e de um clima negativo na relação professor/aluno (variável 86).

Finalmente, os estagiários são caracterizados por não fazerem qualquer referência aos factores seguintes: à «quantidade e qualidade dos recursos da escola», quer para o sucesso profissional (variável 10), quer para o insucesso profissional (variável 54); às «condições associadas à estrutura da Educação Instituição» (variável 52), relativamente ao insucesso profissional; às «condições de trabalho» (variável 33), no que diz respeito ao sucesso na leccionação da disciplina.

### Os professores efectivos provisórios

Este grupo é constituído por 56 professores (45,9% da amostra).

**Quadro 7**

Variáveis características		Média		Desvio padrão		V. Teste probab.		
		Classe	Geral	Classe	Geral			
				(peso = 56.00 Efectivo = 56)				
	Efectivo provisório	Efectivo provisório						
54. P3	21 Recursos	321	.214	.098	.558	.393	2.99	.001
33. P2	22 Condições de trabalho	222	.179	.098	.383	.298	2.73	.003
10. P1	21 Recursos	121	.107	.057	.309	.233	2.17	.015
41. P2	35 Desenvolvimento de atitudes	235	.268	.197	.517	.437	1.65	.049
87. P4	42 Relações com os alunos	442	.018	.082	.132	.353	-1.84	.033
18. P1	34 Caract. da partic. dos alunos	134	.071	.197	.258	.673	-1.89	.030
14. P1	31 Efeitos educativos gerais	131	.089	.164	.285	.392	-1.93	.027
62. P3	34 Caract. da partic. dos alunos	334	.125	.270	.381	.641	-2.30	.011

Conforme os resultados descritos no quadro 7 mostram, os professores efectivos provisórios são ilustrados positivamente por referirem os recursos existentes na escola como os factores que mais contribuem quer para o sentimento de sucesso quer de insucesso profissional, e apontarem, com uma frequência acima da média geral, as condições de trabalho e o desenvolvimento de atitudes nos alunos os factores associados ao sucesso na leccionação da disciplina.

Por outro lado, os professores efectivos provisórios distinguem-se por relacionarem, com uma frequência inferior à média do conjunto da amostra, as características de participação dos alunos na actividade pedagógica e a promoção de efeitos educativos gerais com o sentimento de sucesso profissional, assim como as características da participação dos alunos com o insucesso profissional.

Finalmente, estes professores caracterizam-se negativamente pela variável «relações entre os alunos» (variável 87) no que diz respeito à descrição do aluno com insucesso em Educação Física.

## Os professores efectivos

Os professores efectivos representavam 15,6% da amostra (n = 19), apresentavam uma idade média de 40.4 anos e leccionavam em média há 17.2 anos (quadro 8).

Relativamente ao exercício profissional estes professores caracterizam-se por associarem, com uma frequência acima da média geral, as condições de exercício profissional ao sentimento de sucesso, e referirem a insatisfação pessoal como o factor que mais contribui para o sentimento de insucesso.

Quanto ao aluno com insucesso em Educação Física, os professores efectivos distinguem-se por referirem o não desenvolvimento de efeitos educativos gerais.

**Quadro 8**

Variáveis características			Média		Desvio padrão		V. Teste probab.	
			Classe	Geral	Classe	Geral		
	Efectivo	Efectivo	(peso = 19.00 Efectivo = 19)					
6.	Anos de serviço	ASER	17.263	6.205	6.632	6.367	8.21	.000
2.	Idade	IDAD	40.474	29.542	7.214	6.539	7.91	.000
80. P4	31 Efeitos educativos gerais	431	.053	.008	.223	.090	2.33	.010
92. P4	70 Indeterminado	470	.053	.008	.223	.090	2.33	.010
50. P2	90 Outros	290	.211	.082	.408	.274	2.21	.013
7. P1	11 Cond. de exerc. profissional	111	.316	.115	.921	.482	1.97	.024
66. P3	51 Satisfação pessoal	351	.368	.172	.741	.474	1.96	.025
29. P2	11 Cond. de exerc. profissional	211	.105	.025	.447	.201	1.90	.029
46. P2	53 Competência pessoal	253	.105	.467	.447	.832	-2.06	.020

Por último, os professores efectivos apontam, com valores bastante inferiores à média geral, a competência pessoal um requisito susceptível de gerar sucesso na leccionação em Educação Física.

\*  
\*   \*

Apesar da diversificação de papéis hoje atribuídos aos professores, é por demais evidente que os professores que constituíram a nossa amostra valorizaram essencialmente a actividade «ensino». Na verdade, a circunstância dos factores de sucesso e insucesso profissional gravitarem sobretudo em torno da relação educativa permite-nos pensar deste modo.

Por outro lado, os professores da amostra não se sentem muito responsáveis pelos resultados escolares menos satisfatórios dos seus alu-

nos. Os professores associam o insucesso escolar na sua disciplina maioritariamente a características da participação dos alunos na actividade pedagógica.

Esta atitude profissional é geradora de preocupação, na medida em que, ao pensarem desta forma, os professores podem estar a assumir, na relação pedagógica, uma postura pouco activa na procura de estratégias e formas de intervenção mais adequadas e eficazes, susceptíveis de promoverem o sucesso na aprendizagem. Com efeito, Brophy & Everston (1976) verificaram que os professores «mais» eficazes apresentavam um nível de expectativa elevado na relação educativa, criando um clima que comunicava a mensagem seguinte: «os alunos podem aprender; eu só capaz de ensinar».

O facto dos estagiários apresentarem sentimentos de maior responsabilização pela sorte dos alunos parece querer dizer que a experiência profissional vai progressivamente induzindo nos professores uma atitude de descomprometimento relativamente ao fracasso dos alunos. Na verdade, Schempp (1986) verificou que o sentimento de responsabilidade pelas aprendizagens dos alunos foi progressivamente diminuindo entre os professores estagiários à medida que estes foram adquirindo experiência de leccionação.

Assim, os resultados deste estudo parecem suportar a conclusão avançada por Lortie (1975), quando refere: «teachers believe that the teacher is the essential catalyst for student achievement» (p. 172). Isto é, os professores partilham a ideia de que são os grandes obreiros do sucesso dos alunos. Todavia, parecem assumir a posição que nada há a fazer quando um aluno decide estar desatento ou desinteressado.

Tais valores e sentimentos, a manterem-se entre os professores, constituirão obstáculos sérios à integração e assunção plenas dos princípios de intervenção profissional próprios de uma pedagogia promotora de sucesso.

### *Conclusões*

1. Os professores tendem a associar o sentimento de sucesso no exercício da profissão docente sobretudo a factores da relação educativa e a características pessoais.

2. Os professores, embora apontem os mesmos grupos de factores como geradores de sentimentos de sucesso e insucesso profissionais, tendem a desvalorizar os factores mais próximos da sua responsabilidade pessoal para justificarem o insucesso profissional.

3. Os professores associam o sucesso na leccionação em Educação Física sobretudo ao desenvolvimento pelos alunos de capacidades, atitudes e aprendizagens específicas, bem como a factores relacionados com as características da participação dos alunos na actividade pedagógica.

Por outro lado, deve sublinhar-se a desvalorização da capacidade de promoverem a participação dos alunos na actividade pedagógica como uma das condições favoráveis ao sucesso na leccionação em Educação Física.

4. Os professores descrevem o aluno com insucesso em Educação Física do modo seguinte: em primeiro lugar, não apresenta, na relação educativa, determinadas características de participação (aluno desmotivado, desinteressado, não empenhado, etc.); em segundo lugar, não atinge os níveis de aprendizagem desejados. Por outro lado, e na linha de coerência da conclusão anterior, os professores tendem a responsabilizar sobretudo os alunos pelo insucesso.

5. A capacidade ou incapacidade de promover a participação dos alunos na actividade pedagógica constitui o factor que distingue as professoras dos professores relativamente ao sentimento de sucesso e insucesso profissionais. Por outro lado, em termos de sucesso na disciplina, os professores valorizam sobretudo o factor «ser reconhecido».

6. A situação profissional dos professores condicionou as ideias que formularam relativamente ao conjunto de questões em estudo.

7. Os professores estagiários caracterizam-se por associarem o sucesso na disciplina a factores relativos às suas capacidades de intervenção pedagógica. Estes factores condicionam igualmente o sentimento de insucesso profissional e explicam o insucesso do aluno em Educação Física. Os estagiários caracterizam-se ainda por não fazerem qualquer referência a factores relativos às condições de trabalho, aos recursos, e às condições institucionais.

8. Os professores efectivos provisórios e efectivos tendem a a descentrarem-se dos factores mais directamente relacionados com a relação educativa, e a polarizar a sua atenção em torno de factores gerais e locais da situação educativa.

## *Referências*

- ARRIGHI, M. A. & YOUNG, J. C. (1987). Teacher Perceptions About Effective and Successful Teaching. *Journal of Teaching in Physical Education*, 6, 122-135.
- BORYS, A. & FISHBURNE, G. (1990). A Comparison of Preservice and In-service Teachers' Conceptions of Successful Teaching. In LIRETTE, M.; PARÉ, C.; DUSSUREAULT, J. & PIÉRON, M. *Intervention en Éducation Physique et Entraînement. Bilan et Perspectives*. Quebec, Presses de l'Université du Québec, pp. 41-46.
- BROPHY, J. & EVERTSON, C. (1976). *Learning from Teaching: A Developmental Perspective*. Boston: Allyn and Bacon.
- BROPHY, J. & GOOD, T. (1986). Teacher Behavior and Student Achievement. In Witrock, M. C. (Ed.). *Handbook of Research on Teaching*, 3rd edition. New York: McMillan.

- CARREIRO DA COSTA, F. (1988). O Sucesso Pedagógico em Educação Física. Estudo das Condições e Factores de Ensino-Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino Dissertação de doutoramento, F. M. H. U. T. L.
- CLARK, C. M. & YINGER, R. J. (1977). Research on Teacher Thinking'. *Curriculum Inquiry*, 7(4), 279-394.
- CLARK, C. M. & PETERSON, P. L. (1986). Teachers «Thought Processes». In Witrock, M. C. (Ed.). *Handbook of Research on Teaching*, 3rd edition. New York: McMillan.
- EARLS, N. F. (1981). Distinctive Teachers' Personal Qualities, Perceptions of Teacher Education and the Realities of Teaching. *Journal of Teaching in Physical Education*, 1 (1), 59-70.
- JACKSON, P. W. (1968). *Life in Classrooms*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- LORTIE, D. C. (1975). *Schoolteacher: A Sociological Study*. Chicago: University of Chicago Press.
- MACLEOD, G. (1988). Teacher Sel-Evaluation: An Analysis of Criteria, Indicators and Processes Used By Teachers in Judging Their Success. In Dunkin, M. J. (Ed.). *Educational Research in Australia*, I. J. E. R., vol. 12 (4), 395-408.
- PIÈRON, M. (1988). *Enseignement des Activités Physiques et Sportives. Observation et Recherche*. Liège. Presses Universitaires de Liège.
- PLACEK, J. H. (1982). *An Observation Study of Teacher Planning in Physical Education*. (Doctoral Dissertation, University of Massachusetts).
- SHAVELSON, R. J. J. & STERN, P. (1981). Research on Teachers' Pedagogical Thoughts, Judgements, Decisions, and Behavior'. *Review of Educational Research*, 51 (4), 455-498.
- SHEMPP, P. G. (1986). Physical Education Student Teacher' Beliefs in Their Control Over Student Learning. *Journal of Teaching in Physical Education*, 5, 198-203.
- ZAHORIK, J. A. (1980). Teachers' Experimental Knowledge About Teacher Verbal Behavior. *Journal of Teacher Education*, 31 (1), 44-49.

## Preferência Manual: Suas Relações com os Níveis de Avaliação em Educação Física e com a Assimetria Motora Funcional

Olga Vasconcelos \*

### *Resumo*

O objectivo deste estudo é contribuir para um melhor conhecimento do desempenho motor da criança sinistrómana e das semelhanças e diferenças que esta apresenta relativamente à criança destrómana.

Especificamente, um grupo de 253 crianças (125 rapazes e 128 raparigas) com idade decimal média de 11,24 anos foi dividido em sinistrómanos e destrómanos através da *Bateria de Avaliação da Preferência Lateral* de Coren *et al.* (1981). Em seguida, ambos os grupos foram testados em precisão, destreza e força manual, executando cada teste com a mão preferida e não preferida de onde resultaram diferenciais, posteriormente comparados. Foi também recolhida a nota de avaliação na disciplina de educação física, obtida no 2.º período do ano escolar.

A análise dos resultados não revelou diferenças significativas entre os sexos relativamente à percentagem de destrómanos e sinistrómanos, apesar destes terem surgido em número mais elevado nos rapazes. Este facto confirma a maioria dos estudos realizados neste domínio.

Na avaliação em educação física os rapazes sinistrómanos surgem significativamente destacados dos restantes grupos no nível máximo de avaliação (nível 5). Esta observação confirma a hipótese de que os sinistrómanos, vivendo num mundo «ao contrário», pensado para servir os destrómanos, desenvolvem uma série de coordenações na sua mão não preferida, tendo como resultado um grau elevado de ambidestria e de desempenho motor geral.

Nos três testes motores aplicados surgiram algumas diferenças significativas entre os dois grupos de preferência para cada sexo: nos rapazes, ao nível do diferencial de destreza; nas raparigas, ao nível da mão não

---

\* Assistente da FCDEF, Universidade do Porto.  
Boletim SPEF, n.º 4 Primavera de 1992, pp. 31-46.

preferida e dos diferenciais precisão e destreza; ao nível da mão preferida, apenas para a precisão. A força não revelou diferenças significativas. Quanto à diferença entre os sexos, para cada grupo de preferência, registaram-se diferenças significativas para os sinistrómanos, ao nível do diferencial de precisão; e para os destrímanos, ao nível do de destreza. No primeiro caso, a diferença parece dever-se ao fraco desempenho da mão não preferida dos rapazes; no segundo caso, a um elevado desempenho da mão preferida das raparigas.

Confirmando ainda uma outra hipótese colocada, e diversos estudos anteriores realizados neste domínio, os sinistrómanos possuem para os três testes valores diferenciais inferiores aos dos destrímanos.

Finalmente, a ANOVA II demonstrou que a preferência manual interactiva de forma muito significativa ( $p < .001$ ) com as assimetrias motoras funcionais (nas actividades de precisão, destreza e força) e, de forma menos significativa ( $p < .10$ ), com o desempenho motor geral (traduzido na avaliação em educação física). Isto de forma particular para cada sexo e grupo de preferência manual.

### *Introdução*

O estudo da preferência manual (entendida como a escolha de uma das mãos em situações em que apenas uma pode ser utilizada) e da assimetria motora funcional (entendida como o desempenho mais eficaz de um membro ou órgão dos sentidos independentemente daquele que é preferido) sempre fascinou, ao longo da história, vários pensadores e investigadores entre os quais Platão, Benjamim Franklin, Darwin, Watson, Baldwin, Broca, Freud e muitos outros, pertencentes às mais diversas áreas do saber, como a fisiologia, a psicologia, a antropologia ou mesmo a física. Todos colocaram questões ou efectuaram investigações sobre as assimetrias de comportamento traduzidas na forma de preferência lateral e, mais especificamente, de preferência manual.

O mundo humano está construído a partir de uma sólida tendência direita-esquerda. Esta tendência resulta, obviamente, de uma lateralidade desenvolvida a partir do próprio homem e cuja origem se situa na preferência que ele nutre pela mão direita. Mas talvez esta interacção seja recíproca e cumulativa: quanto mais o homem constrói instrumentos assimétricos e estabelece convenções assimétricas, mais importante é para ele próprio ser assimétrico e capaz de distinguir a direita da esquerda.

Um envolvimento lateralizado para a direita exerce subtis mas contínuas pressões no sentido da destralidade, destacando-se as pressões dos vários agentes de socialização (pais, professores, família em geral) e tecnológicos (ambiente laboral, instrumento de uso, competição profissional com os destrímanos) que aumentam a frequência da lateralidade destra na medida em que os sinistrómanos são forçados a mudar as suas naturais tendências. Estas alterações são mais evidentes ao nível da mão, já que é a sinistralidade manual que mais pressões sofre para

se evitar que actividades sociais de relevo como comer, escrever ou estudar, sejam executadas pela «mão do diabo».

A pressão no sentido da direita prevalece em qualquer situação ou ambiente em que nos encontremos, reflectindo-se nos mais variados instrumentos de estudo e objectos de uso diário, uns e outros manufacturados para a utilização com a mão direita.

Para conseguir sobreviver neste mundo lateralizado «à mão direita», os sinistrómanos desde muito cedo aprendem a executar com esta mão muitas actividades que os destrímanos nunca precisarão de executar com a esquerda. O resultado final traduz um certo grau de ambidestria, uma desorganização da orientação espacial e uma perda na consistência com que as coordenações da mão esquerda são executadas. Assim, ao ser obrigado a uma «dose» importante de destrialidade, o sinistrómano torna-se um pouco destrímano, podendo prejudicar o seu desempenho profissional e mesmo, se caso for, uma prática desportiva de alto nível.

A questão das preferências laterais vem sendo, assim, motivo de numerosas discussões há mais de dois séculos. Contudo, apenas há 10 anos começaram a surgir estudos verdadeiramente científicos que, com fundamento, esclareceram ou alteraram as velhas teorias e criaram outras novas.

As investigações contemporâneas centralizam-se fundamentalmente no estudo das relações entre as preferências laterais (manual, pedal, visual e auditiva), as assimetrias motoras funcionais (derivadas das actividades de precisão, destreza, força, etc.) e determinados indicadores biossociais como, por exemplo, os demográficos (sexo, idade, raça, dimensão da família, ordem de nascimento, etc.), os socio-económicos (actividade profissional, etc.), os genéticos (preferência manual familiar, estudos com gémeos, problemas perinatais, etc.), culturais (meio cultural, período histórico, etc.) e os educacionais (nível educacional, rendimento escolar e outros). Mais especificamente no domínio motor, estudos recentes consideram os sistemas neuronais de controlo e a génese do desenvolvimento celular, com o objectivo de esclarecer o modo como os diversos indicadores de preferência lateral e, especialmente, de preferência manual predizem as variações nas coordenações sensório-motoras.

## 1. *Enunciado do problema*

Partindo destas considerações, algumas questões interessantes se colocam:

- Destaca-se algum dos grupos de preferência manual nos níveis superiores e inferiores de avaliação em educação física? Existem diferenças entre os sexos?

- Observam-se diferenças entre sinistrómanos e destrímanos ao nível das actividades de precisão, destreza e força? E dentro de cada grupo de preferência, existem diferenças entre os sexos para as referidas actividades?
- Se existirem, essas diferenças processam-se do mesmo modo nos três tipos de actividade? Que actividade diferencia melhor sinistrómanos e destrímanos?
- Devido à contínua pressão sócio-cultural, apresentarão os sinistrómanos *performances* superiores para a sua mão direita relativamente aos destrímanos para a sua mão esquerda?
- A mesma pressão origina, então, diferenciais de precisão, destreza e força inferiores nos sinistrómanos (maior ambidestria)?

### 1.1. *Objectivo do estudo*

Com este estudo pretendemos sensibilizar todos os educadores e, em especial, os professores de educação física para algumas particularidades do desempenho motor da criança sinistrómana. Tentamos, também, realçar alguns dos aspectos que, ao nível do desempenho motor, diferenciam as crianças com diferentes preferências manuais. Os sinistrómanos, vivendo num mundo «ao contrário», pensado para servir os destrímanos (nomeadamente o mundo desportivo), apresentam características que têm de ser estudadas, respeitadas, compreendidas e nunca subvalorizadas.

### 1.2. *Hipóteses*

Partindo da breve síntese relativa aos fundamentos teóricos apresentados, colocamos então as seguintes hipóteses de trabalho:

- 1) Os sinistrómanos, devido à frequente utilização da mão não preferida, possuem maior ambidestria, verificando-se então, nos níveis mais elevados em educação física, uma percentagem superior destes indivíduos.
- 2) Pelas mesmas razões, os sinistrómanos apresentam diferenciais de precisão, destreza e força inferiores aos dos destrímanos. As raparigas sinistrómanas, sendo o grupo mais submetido às pressões sócio-culturais e familiares, apresentam os diferenciais mais baixos.
- 3) Os sinistrómanos são menos *sinistrómanos* do que os destrímanos *destrímanos*, isto é, a mão preferida dos primeiros apresenta valores de precisão, destreza e força inferiores aos da mão preferida dos segundos.

## 2. Metodologia

### 2.1. Caracterização da Amostra

A amostra foi constituída por 253 indivíduos, 125 rapazes e 128 raparigas de uma escola do 2.º ciclo do ensino básico da cidade do Porto. A idade decimal média foi de 11,24 anos.

### 2.2. Material e métodos

#### 2.2.1. Avaliação do comportamento de preferência manual

Foi utilizada a *Bateria de Avaliação da Preferência Lateral* de Coren *et al.*, 1981.

#### 2.2.2. Avaliação da assimetria motora funcional

Os indivíduos foram avaliados em três testes de *performance* motora: precisão (teste de pontilhação), destreza (teste de batimento em placas) e força (força de prensão manual). Primeiro executaram com a mão direita, depois com a esquerda. Posteriormente, compararam-se os diferenciais resultantes.

#### 2.2.3. Dados relativos à avaliação em Educação Física

Para cada indivíduo foi registado o nível quantitativo na disciplina de educação física, correspondente ao 2.º período do ano escolar de 1989/90.

### 2.3. Procedimentos estatísticos

A análise estatística compreendeu dois momentos:

#### 2.3.1. Estatística descritiva.

#### 2.3.2. Testes de hipóteses.

## 3. Apresentação dos resultados

Após termos classificado os indivíduos em destrímanos (quociente de lateralidade manual > 0) e sinistrómanos (quociente de lateralidade

manual <0) passámos a analisá-los em grupos separados, comparando os resultados entre um e outro grupo no domínio da avaliação em educação física e das assimetrias motoras funcionais.

### 3.1. Resultados mais significativos baseados na estatística descritiva

#### 3.1.1. Sexo e Preferência Manual

Uma análise inicial demonstrou não existirem diferenças significativas nas percentagens de sinistrómanos e destrímanos, entre rapazes e raparigas (quadro 1).

**Quadro 1**  
Percentagens de sinistrómanos e destrímanos, por sexo

	Total (n = 253)		Masc. (n = 125)		Fem. (n = 128)	
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.
Mão	92,5	7,5	92,5	8,0	93,0	7,0

#### 3.1.2. Avaliação em Educação Física e Preferência Manual

No quadro 2. podemos observar as seguintes diferenças significativas entre sinistrómanos e destrímanos, rapazes e raparigas:

- Ao nível 2:
  - Rapazes e raparigas destrímanos ( $p < .001$ ). Raparigas em percentagem superior.
- Ao nível 3:
  - Rapazes e raparigas destrímanos ( $p < .001$ ). Raparigas em percentagem superior.
  - Rapazes e raparigas sinistrómanos ( $p < .001$ ). Raparigas em percentagem superior.
- Ao nível 4:
  - Rapazes e raparigas destrímanos ( $p < .001$ ). Rapazes em percentagem superior.
- Ao nível 5:
  - Raparigas sinistrómanas e destrímanas ( $p < .10$ ). Destrímanas em percentagem superior.

- Rapazes sinistrómanos e destrímanos ( $p < .10$ ). Sinistrómanos em percentagem superior.

### Quadro 2

Percentagens de indivíduos em cada nível de aproveitamento em educação física, por sexo e por grupo de preferência manual

	Masculino		Feminino	
	Sinistrómanos	Destrímanos	Sinistrómanos	Destrímanos
2	—	—	—	5,9
3	30,0	47,8	88,9	69,7
4	30,0	48,7	11,1	23,5
5	40,0	3,5	—	0,8

### 3.1.3. Assimetria Motora Funcional e Preferência Manual

3.1.3.1. *Comparação entre os dois grupos de preferência, para cada sexo, relativamente aos testes de precisão, de destreza e de força*

### Quadro 3

Sexo masculino. Diferenças significativas entre sinistrómanos e destrímanos para os testes de precisão, de destreza e de força

	Precisão	Destreza	Força
Mão preferida			
Mão não preferida			
Diferencial		$p < .05$	

Os rapazes apresentaram apenas uma diferença significativa ( $p < .05$ ) ao nível do diferencial de destreza.

Podemos ainda referir que:

- Quer para a mão preferida, quer para a não preferida, os sinistrómanos apresentam valores inferiores de precisão relativamente aos destrímanos.
- Para a destreza e para a mão não preferida, são os sinistrómanos que apresentam valores superiores.
- Relativamente à força, os sinistrómanos têm mais força que os destrímanos em qualquer das mãos.

#### Quadro 4

Sexo feminino. Diferenças significativas entre sinistrómanas e destrímanas para os testes de precisão, de destreza e de força

	Precisão	Destreza	Força
Mão preferida	p<.01		
Mão não preferida	p<.01	p<.05	
Diferencial	p<.05	p<.01	

As raparigas apresentaram diferenças significativas a todos os níveis para o teste de precisão, bem como ao nível da mão não preferida e do diferencial para o teste de destreza.

Podemos ainda referir que:

- Para a mão preferida, as sinistrómanas apresentam valores de precisão inferiores às destrímanas. Para a mão não preferida, verifica-se o contrário.
- O mesmo se passa com o teste de destreza.
- No teste de força, as sinistrómanas têm mais força que as destrímanas em qualquer das mãos.

3.1.3.2. *Comparação entre os dois sexos, para cada grupo de preferência manual, relativamente aos diferenciais dos três testes motores*

#### Quadro 5

Níveis de significância na comparação entre os dois sexos para cada grupo de preferência manual em relação aos diferenciais de precisão, destreza e força

	Sinistrómanos	Destrímanos
DIF P	p<.05	
DIF D		p<.05
DIF F		

A diferença significativa entre rapazes e raparigas sinistrómanos no *DIF P* parece dever-se aos rapazes, pelo fraco desempenho da sua mão não preferida.

Para o *DIF D*, nos destrímanos, a diferença significativa entre os sexos parece dever-se ao bom desempenho da mão preferida nas raparigas.

### 3.2. ANOVA Factorial

A ANOVA II permitiu-nos tomar decisão quanto à presença de uma diferença significativa na relação entre as três variáveis que pretendemos comparar, assim como localizar onde se situam essas diferenças. As três variáveis foram: o *sexo* e a *preferência manual*, que mantivemos constantes (variáveis independentes); uma terceira variável, dependente, cuja associação foi estudada em relação ao *sexo*, à *preferência manual* e à *interacção*.

As variáveis dependentes que entraram na tabulação ANOVA II foram: AEF (avaliação em educação física); DIF P (diferencial de precisão); DIF D (diferencial de destreza) e DIF F (diferencial de força).

#### Quadro 6

Níveis de significância na comparação entre as variáveis *sexo* e *preferência manual* com:  
*AEF, DIF P, DIF D e DIF F* resultantes da ANOVA II

	Sexo	Preferência manual	Interacção
AEF	.001	.10	.10
DIF P	.001	.001	.001
DIF D	.10	.001	
DIF F		.001	

No quadro 6. podemos verificar que:

- A *AEF* parece estar muito associada à variável *sexo* e à *preferência manual*. A *interacção* das três variáveis é também significativa.
- O *DIF P*, ou seja, a diferença entre a mão preferida e a não preferida no desempenho motor de uma tarefa de precisão, demonstrou uma associação altamente significativa quer com a variável *sexo* quer com o tipo de *preferência manual*. A *interacção* demonstrou ser também muito significativa.
- O *DIF F* apresenta-se significativamente associado à *preferência manual*. Isto é, o facto de o indivíduo ser *sinistrómano* ou *destrímano* relaciona-se significativamente com o desempenho da sua mão preferida e não preferida em actividades de força. A variável *sexo* e a *interacção* não apresentam valores significativos.

#### 4. Discussão dos resultados

##### 4.1. Sexo e preferência manual

A diferença segundo os sexos, tal como em outros estudos (Levander e Schalling, 1988; Bryden et al., 1989; Nedjan et al., 1989), não demonstrou ser significativa, registando-se percentagens idênticas de sinistrómanos e destrímanos para rapazes e raparigas (ver quadro 1).

Uma frequência superior de canhotismo nos indivíduos do sexo masculino sempre foi e continua a ser um tema bastante controverso na literatura (Lansky et al., 1988; Ellis et al., 1988, entre outros). Certos autores demonstraram diferenças, por vezes bastante significativas, relativas a uma maior frequência na preferência pela mão esquerda no sexo masculino (Saunders e Campbell, 1985; Lansky et al., 1988). Os nossos resultados apoiam, em parte, estas conclusões, visto a diferença entre os sexos se ter revelado no sentido por eles encontrado. Não foi, contudo, significativa.

##### 4.2. Avaliação em educação física e preferência manual

Considerando o aproveitamento em educação física (ver quadro 2), as diferenças significativas encontradas, quer entre os dois grupos de preferência para o mesmo sexo, quer entre os sexos, permitem-nos sugerir uma relação entre o desempenho motor e a preferência manual.

Os nossos resultados reforçam assim os de Wokroj (1986a) que encontrou também uma relação entre a aptidão física e a preferência manual, dependendo a primeira da segunda.

Relativamente ao nosso estudo, a diferença muito significativa, para o nível máximo de aproveitamento, (5), entre rapazes sinistrómanos (40,0 %) e destrímanos (3,5 %), poderá ser interpretada como uma maior disponibilidade motora dos primeiros para a execução das actividades físicas, resultado de uma vivência num mundo «destro» que não respeita a sua preferência manual. Logo, os rapazes sinistrómanos são «obrigados» a executar muitas tarefas com a mão não preferida, adquirindo ao longo do tempo uma motricidade mais «plástica» que lhes permite uma resolução das tarefas de forma eficaz com ambos os lados do corpo. O mesmo não se pode dizer dos destrímanos que, como nunca necessitam de exercitar o seu lado esquerdo, este está, na maior parte das vezes, «atrofiado», de nada servindo para participar com eficácia na resolução e processamento das actividades físicas. Verifica-se assim, para os rapazes, a confirmação da primeira hipótese colocada.

Situação idêntica não se verifica, contudo, para as raparigas. Apesar das sinistrómanas, tal como os rapazes, não surgirem no nível de

avaliação negativo, 2, estão ausentes, contrariamente a eles, no nível máximo de rendimento motor, 5.

Uma possível interpretação poderá ser o facto de as raparigas, por condicionamentos de ordem social e cultural, não terem ainda uma actividade física semelhante à dos rapazes quer em termos de quantidade quer de qualidade (o rapaz, por exemplo, não ajuda tanto nas tarefas caseiras, empregando assim maior parte do seu tempo em jogos, corridas e outras actividades físicas). Isto, associado ainda ao facto de aquelas serem mais susceptíveis do que os rapazes às pressões sócio-culturais (principalmente as sinistrómanas), não nos deve fazer estranhar que a preferência esquerda seja, para estas últimas e relativamente à actividade física, um factor de desvantagem. O desembaraço que as sinistrómanas poderiam então possuir com ambos os lados do seu corpo, tal como os rapazes com o mesmo tipo de preferência, é assim prejudicado pela fraca disponibilidade motora.

A contrariar os nossos resultados que, no geral, apresentam no nível 5 as percentagens mais elevadas de sinistrómanos, surgem os resultados de Wokroj (1986b), defendendo para os destrímanos uma aptidão física superior. Para esta autora, uma eficaz assimetria funcional caracteriza-se pelo predomínio do lado direito cuja frequência de ocorrência depende (pouco) da idade dos indivíduos e das características da área em que residem e não depende, de forma alguma, do seu sexo.

#### 4.3. *Assimetria motora funcional e preferência manual*

O conceito de preferência manual sugere um elemento de escolha. A mão preferida é, assim, a mão escolhida quando apenas uma mão pode ser utilizada para uma dada actividade e é, geralmente, essa mão que a desempenha com mais eficácia. No entanto, pode acontecer que a mão preferida não seja a mais proficiente no desempenho da tarefa. A força e destreza, por exemplo, podem ser influenciadas por factores ambientais, tornando-se independentes da preferência (Porac e Coren, 1981).

Na literatura sobre lateralidade manual, coloca-se sempre a questão de saber até que ponto as medidas de preferência e de *performance* são indicadores de factores comuns ou dimensões separadas de comportamento com diferentes causas.

Muitos autores argumentam que a preferência manual tem origens diferentes das da *performance* manual, já que, segundo eles:

- 1) os dois tipos de medida não estão perfeitamente correlacionados;
- 2) as distribuições relativas da mão mais eficaz são normais (unimodais), com uma média deslocada para a direita, enquanto as distribuições da mão preferida geram uma curva de tipo J (bimo-

dais), com um pico principal indicando fortes preferências destrímanas e um pico menor, representando as preferências sinistrómanas.

Em relação aos três testes motores aplicados, o primeiro aspecto a considerar diz respeito à sua associação com a mão preferida e com a mão não preferida nos dois grupos. Como pudemos verificar destrímanos de ambos os sexos possuem valores superiores de destreza para a mão preferida e o mesmo se passa com os sinistrómanos para a mão não preferida. Comparativamente ao teste de precisão, surge uma diferença interessante: apenas as raparigas sinistrómanas possuem maior precisão na mão direita. Os rapazes apresentam valores inferiores, porque não sendo submetidos, como as raparigas, a tantas pressões, a sua mão não preferida é menos exercitada. Esta poderá ser uma explicação.

Também para ambos os sexos, os sinistrómanos apresentam diferenciais inferiores aos dos destrímanos. Vemos, assim, confirmada a hipótese 2.

A comprovar esta ideia temos os resultados dos três testes relativos à mão preferida e não preferida de cada grupo, em que verificamos serem os sinistrómanos «menos sinistrómanos» do que os destrímanos «destrímanos». Ou seja, a mão esquerda dos sinistrómanos apresenta valores inferiores à mão direita dos destrímanos. A terceira hipótese é pois também confirmada.

Ainda em relação aos diferenciais, e na comparação entre os sexos dentro do mesmo grupo de preferência manual, encontramos diferenças significativas ao nível do diferencial de precisão, para os sinistrómanos; e ao nível do diferencial de destreza, para os destrímanos (ver quadro 5). Consideremos estes dois casos.

Relativamente aos sinistrómanos, as raparigas apresentam diferenciais de precisão cuja média é significativamente inferior à dos rapazes. Isto poderá ser explicado partindo do conhecimento de que as raparigas estão mais habituadas a executar actividades caracterizadas por uma motricidade fina, enquanto os rapazes desenvolvem um tipo de actividade que, na maior parte das vezes, implica a participação de grandes massas musculares, ou seja, uma actividade mais do tipo global (motricidade grosseira). Logo, o diferencial de precisão aumenta não tanto por um elevado desempenho da mão preferida mas por uma fraca *performance* da mão não preferida, ainda muito menos habituada do que a outra às actividades de precisão. A isto se acrescenta o facto de, nos sinistrómanos, a pressão (sócio-cultural, familiar, etc.), que tende a reprimir o uso da mão esquerda se exercer com menos severidade sobre os rapazes.

Em relação aos destrímanos, a diferença significativa ( $p < .05$ ) entre os sexos situa-se ao nível do diferencial de destreza (ver quadro 5).

Aqui, e na mesma linha de considerações iniciais feita para os sinistrómanos, são agora as raparigas que apresentam diferenciais cuja média é superior à dos rapazes.

A destreza, envolvendo movimentos mais globais dos membros superiores do que a precisão, com uma consequente participação de maiores massas musculares, traduz-se em actividades mais características dos jogos e brincadeiras dos rapazes (note-se que a destreza de que falamos é, como acima referimos, relativa aos membros superiores e não a do corpo na sua totalidade). Estas apresentam, então, diferenciais superiores, resultado, certamente, não de uma excepcional eficácia da mão direita mas de um fraco desempenho da esquerda, já que não estão habituadas quanto os rapazes a uma actividade mais global dos dois braços.

As lutas, brigas e jogos de violência dos rapazes são disto exemplo: quem não tiver uma boa destreza de ambos os membros superiores (e inferiores) ficará em substancial desvantagem, com todas as inconveniências que isso implica.

Em relação aos diferenciais na comparação entre os sexos falta-nos ainda referir o diferencial de força. Este não se revelou significativo quer entre sinistrómanos, quer entre destrímanos (rapazes *versus* raparigas), podendo esta ausência de significância ser, ela própria, significativa (ver quadro 4).

Assim, em relação ao sexo e à preferência manual, os nossos resultados não confirmam a ocorrência de dimorfismo sexual, tal como os de Wolanski (1972), Drozdowski (1975) e Wokroj (1986b). Sugerimos, juntamente com os autores supracitados, que o grau de assimetria dinâmica das mãos é influenciado pela susceptibilidade do organismo aos estímulos (culturais, familiares, etc.) do envolvimento. Estes autores defendem, ainda, que os indivíduos com menores diferenciais na força de preensão apresentam uma aptidão motora mais elevada, e vice-versa.

Na mesma linha das nossas conclusões, citamos ainda Spionek (1970) que encontrou, para os sinistrómanos e para os destrímanos com valores superiores na força de preensão da mão esquerda, uma maior eficiência caracterizada por menores diferenciais entre as mãos. Este autor, tal como nós, interpretou os resultados na base dos efeitos sócio-culturais que, independentemente da preferência, tendem a favorecer a mão direita no aumento da proficiência.

#### 4.4. *Interacção das variáveis analisadas*

Apesar de a preferência manual não variar, de forma significativa, com o sexo, pretendemos observar de que forma interactuam estas duas variáveis com as restantes, e em que grau essa interacção, a verificar-se, é significativa.

Para o rendimento em educação física surge-nos um efeito muito significativo ( $p < .001$ ) atribuível ao sexo e um efeito significativo ( $p < .05$ ) atribuível à preferência manual e à interação sexo  $\times$  preferência manual (ver quadro 6). Assim, o facto de ser rapaz ou rapariga, sinistrómano ou destrómano, parece relacionar-se com o desempenho motor em educação física. No âmbito do nosso estudo, este aspecto é particularmente realçado pelas actividades de precisão e destreza sobre os quais já tecemos as devidas considerações.

A interação sexo  $\times$  preferência manual, assim como o efeito desta última, apresentou-se ainda bastante significativa para duas outras variáveis: DIF P e DIF D.

O diferencial de força não surge na interação pois apresenta um efeito significativo devido à preferência manual mas não ao sexo, assunto já discutido no ponto 4.3. No entanto, num estudo anterior (Vasconcelos, 1990), o sexo surgiu com um efeito significativo ( $p < .05$ ) mas apenas para o grupo de destrómanos. Uma possível explicação invocará, novamente, as pressões sócio-culturais a que o grupo sinistrómano é sujeito, assim como a frequente utilização da mão não preferida (direita) resultando, em consequência, uma redução dos diferenciais e um «nivelamento» das diferenças entre os sexos.

Situação diferente ocorre para o diferencial de destreza: apesar de se registar um efeito significativo devido ao sexo e à preferência manual, o sexo não parece associado a um efeito significativo ao nível da interação. Assim, apesar de o sexo não se relacionar de forma importante com o desempenho em actividades que impliquem destreza de movimentos, o mesmo não se pode afirmar em relação à preferência manual: ser destrómano ou sinistrómano parece constituir um aspecto importante na *performance* das destrezas motoras (ver quadro 4).

Podemos ainda sugerir que o elevado grau de significância da interação ( $p < .001$ ) para o diferencial de precisão se deve, em relação ao sexo, aos rapazes; e em relação à preferência manual, aos sinistrómanos. Assim, o facto de ser rapaz e sinistrómano tem consequências muito significativas na execução de actividades que envolvam movimentos de precisão, quer ao nível da mão esquerda quer da mão direita, já que a análise foi feita em termos de diferenciais.

## 5. Conclusões

### *Sexo e preferência manual:*

- Não se registaram diferenças significativas entre os sexos para o índice de preferência manual. A percentagem de raparigas destrómanas é superior à de rapazes.

### *Avaliação em educação física e preferência manual:*

- Existe uma relação entre a aptidão física e a preferência manual, sugerida pelas diferenças significativas, quer entre os sexos, quer entre os grupos de preferência no mesmo sexo.
- Os rapazes sinistrómanos apresentaram, com uma grande margem de diferença, os níveis mais elevados na avaliação em educação física.

### *Assimetria motora funcional e preferência manual:*

- Para ambos os sexos, os sinistrómanos evidenciaram diferenciais inferiores aos dos destrímanos nas actividades de precisão, de destreza e de força.
- A intensidade com que se manifesta a preferência manual nos sinistrómanos é inferior à intensidade com que esta preferência se manifesta nos destrímanos.
- Existem diferenças entre os sexos para os sinistrómanos, ao nível do DIF P (raparigas com valores inferiores aos dos rapazes); para os destrímanos, ao nível do DIF D (raparigas com valores superiores aos dos rapazes).
- Na força de preensão manual, os sinistrómanos têm mais força com a mão esquerda que os destrímanos com a direita. O mesmo se verifica para a mão direita dos sinistrómanos e para a mão esquerda dos destrímanos.

### *Interacção de variáveis*

- A AEF, o DIF P e o DIF D demonstraram uma interacção significativa com o sexo e a preferência manual.
- Assim, o tipo de preferência manual parece constituir um aspecto importante na *performance* das destrezas motoras.
- O facto de ser rapaz e sinistrómano tem consequências muito significativas na execução de actividades que implicam movimentos de precisão, quer da mão direita, quer da esquerda.

### *Referências*

Nota: São citadas apenas as fontes bibliográficas de consulta directa.

ANNETT, M. (1972): The distribution of manual asymmetry, *Br. J. Psychol.* 63, 343-358.

ANNETT, M. (1983): Hand preference and skill in 115 children of two left-handed parents, *Br. J. Psychol.* 74, 17-32.

- ANNETT, M. (1985): *Left, right, hand and brain: The right shift theory*, Lawrence Erlbaum Associates, London.
- BISHOP, M. (1989): Does hand proficiency determine hand preference?, *Br. J. Psychol.* 80, 191-199.
- BRYDEN, M. *et al.* (1989): Effects of cultural background and education on handedness, *Neuropsychologia* 27, 6, 893-897.
- CARSON, R. (1989): Manual asymmetries: feed-back processing, output variability and spatial complexity resolving some inconsistencies, *J. of Motor Behavior* 21, 1, 38-47.
- CARSON, R. *et al.* (1990): Manual asymmetries in the reproduction of a 3-dimensional spatial location, *Neuropsychologia* 28, 1, 99-103.
- COREN, S. *et al.* (1981): Lateral preference behaviors in preschool children and young adults, *Child Develop.* 52, 443-450.
- CUERRIER, J.-P. *et al.* (1990): Body coordination of children aged 6-12 years, comun. Inter. Conference Kinanthropometry IV, Bruxelas.
- ELLIOTT, D. *et al.* (1986): Sex differences in dual-task interference speaking and a manual force-production task, *Percept. and Motor Skills* 62, 3-8.
- FLOWERS, K. (1975): Handedness and controled movement, *Br. J. Psychol.* 66, 1, 39-52.
- GESCHWIND, N. e GALABURDA, A. (1985): Cerebral lateralization. Biological mechanisms, associations and pathology: 1, *Arch. Neurol.* 42, May, 420-459.
- KILSHAW, D. e ANNETT, M. (1983): Right and left hand skill I: effects of age, sex and hand preference showing superior skill in left-handers, *Br. J. Psychol.* 74, 253-268.
- KIMURA, D. e ARCHIBALD, Y. (1974): Motor functions of the left hemisphere, *Brain* 97, 337-350.
- LANSKY, L. *et al.* (1988): Demography of handedness in two samples of randomly selected adults (N = 2083), *Neuropsychologia* 26, 3, 465-477.
- LEVANDER, M. e SCHALLING, D. (1988): Hand preference in a population of swedish college students, *Cortex* 24, 149-156.
- PETERS, M. e DURDING, B. (1979): Left-handers and right-handers compared on a motor task, *J. of Mot. Behavior* 11, 2, 103-111.
- PORAC, C. e COREN, S. (1981): *Lateral preferences and human behavior*, New York, Springer-Verlag.
- SAUNDERS, D. e CAMPBELL, A. (1985): Handedness incidence in a population of black university students, *Percept. and Mot. Skills* 60, 355-360.
- SUBIRA, E. e FONT, A. (1986): Dinamometric strength between the right-handed and the left-handed student population in Barcelona, Actas do 5.º Congresso da Sociedade Europeia de Antropologia, vol. 1, Lisboa.
- VASCONCELOS, O. (1990): Asymmetries of manual motor response in relation to age, sex, handedness and habitual activities, *J. of Sport Sciences* 8, 2, 182.
- WOKROJ, J. (1986a). Functional asymmetry and physical fitness, *Studies in Human Ecology* 7, 265-276.
- WOKROJ, J. (1986b): Types of functional asymmetry and the frequency of their occurrence, *Stud. in Human Ecology* 7, 253-263.
- WOLANSKI, N. (1972): Function of extremities and their influence on the asymmetric structure of body in children and young persons from differential environmental conditions, *Acta Medica Auxologica* 4, 1, 3-11.

## Ensaio para um Percurso Histórico do Desenvolvimento da Noção e Prática de Psicomotricidade

Pedro Soares Onofre \*

Foram as descobertas do princípio deste século, com Dupré a ser o principal responsável e criador da noção de Psicomotricidade em 1909, que vieram invalidar o antigo conceito dualista de um corpo autónomo, separável, enquanto saúde ou estrutura física e biológica, da personalização e desenvolvimento integral da pessoa.

Heuyer, Wallon, Ajuriaguerra, Koupernik, Kohler, Guilmain, entre outros, a partir de estudos sobre a debilidade motora, a propósito do aprofundamento do estado patológico da motilidade, vieram abrir novos horizontes, situando o Corpo numa dimensão de participação fundamentalmente organizadora e de «autoria».

Tem sido no decorrer deste século que as várias noções de psicomotricidade entram em concordância. A motricidade relaciona-se com o carácter e com a inteligência, modificando as noções de desenvolvimento, de distúrbios e de tipo, onde Guilmain é conhecido como um dos pais da reeducação psicomotora.

Edouard Guilmain, beneficiando das ideias de Dupré e de Wallon, inicia uma corrente médico-pedagógica, numa dinâmica metodológica activa e criativa, onde, entre outros, João dos Santos, discípulo de Wallon, se vai enquadrar com Ajuriaguerra.

Começa a haver uma consolidação de suportes teóricos com o aprofundamento do gestaltismo e da fenomenologia. Aparece o conceito de esquema corporal, e a concepção fenomenológica da conduta.

Entre outros, Schilder propõe sínteses entre a noção neurológica de Head e a noção psicanalítica de Freud, constituindo a noção de «Imagem

---

\* Licenciado em Educação Física.

Boletim SPEF, n.º 4 Primavera de 1992, pp. 47-49.

dinâmica da motricidade». Entretanto, Reich desenvolve a noção de bio-energia.

De Husserl a Sartre e Merleau-Ponty, se começa a perspectivar o existencialismo do século XX que irá ter uma influência enorme na psiquiatria e na pedagogia. Merleau-Ponty relaciona a fenomenologia com a percepção, pondo a claro que os actos de perceber são dependentes da forma da pessoa estar no mundo. A consciência de si (consciência corporal) através do mundo, estrutura o comportamento humano.

Buytendijk desenvolve a sua concepção funcional do movimento, não como estudos de movimentos mas de pessoas que se movem como conjunto indivisível do movimento; acção e expressão «em devir», expressão e representação «em duração», ligadas ao modo de estar no mundo.

Gessel, Wallon e Piaget iniciam a concepção psicológica do desenvolvimento infantil. Wallon diz que o movimento elabora o pensamento e Piaget desenvolve a ideia de que o movimento é um instrumento de construção da inteligência.

Freud, Sptiz, Diatkine, Ajuriaguerra e João dos Santos, aí também, com a sua concepção psicanalítica acentuam que o corpo é lugar de prazer, contrariando a ideia de que o movimento se limita às suas manifestações mecânicas e neurológicas.

Simultaneamente, alguma pedagogia começa a dar uma viragem. De segmentar, tradicional e dualista para uma outra global, funcional, expressiva e criativa, onde encontramos nomes, entre outros, seus responsáveis, como Dewey, Decroly, Ferrière, Montessori, Freinet, etc., e mais ultimamente os grandes impulsionadores e sistematizadores da pedagogia livre e aberta, Paré, Paquette, entre outros.

Todos este pedagogos que têm feito, neste século, a recriação constante das metodologias e das perspectivas de relação pedagógica, vieram, assim, influenciar e dar suporte ao aprofundamento do estudo do comportamento das crianças com necessidades específicas de educação.

Daqui, foram surgindo propostas metodológicas desde as mais próximas das fisioterapia e ginástica tradicional, com noções de um corpo mecânico, de disciplina e de superficialidade, a uma evolução que tem vindo a passar por respostas às necessidades psicomotoras das crianças, progressivamente globalizantes, tais como a noção funcional e instrumental, a noção cognitiva, racional e escolarizante, a noção relacional e a noção de dinâmica fenomenológica. Aqui, nesta prática e sistematização, encontramos, para além de Guilmain, vários nomes como Rossel, Picq, Vayer, Le Boulch, Lapierre, Aucoutourier, Rioux, Chappuis, Denis, Parlebas, Vigarello, Guy Azèmar, etc.

Portugal, em mudança de mentalidade nestes campos, da motricidade, em particular (Educação Física e Psicomotricidade), da saúde mental e da pedagogia, começa a acompanhar todo este movimento internacional desde finais dos anos 60, princípios de 70, através da

prática e da investigação de muitos profissionais competentes e criativos.

Mais tarde, pelos anos 80, começaram, mesmo, a sistematizar-se a nível universitário, e por fim, os estudos científicos sobre esta área da Psicomotricidade nos Institutos Superiores de Educação Física (ISEFs).

Tudo é muito recente em Portugal, confuso mas promissor...

Por agora, temos que esperar que a nossa história da noção de Psicomotricidade se viva, se sinta e se perceba. Progressivamente irá sendo, por cada um de nós, representada e, mais tarde então, por todos nós, em conjunto e coerentemente avaliada.

### ***Bibliografia***

AJURIAGUERRA et DIATKINE (1948) — «Le Problème de la Debilité Motrice», *Enfance* n.º 22.

BUYTENDIJK (1957) — *Attitudes et Mouvements*, Desclé.

CAMUS, Jean le (1986) — *O Corpo em Discussão*, ed. Artes Médicas, Porto Alegre.

HEUYER et ROUDINESCO (1978) — *Les Troubles de la Motricité du Nourrisson*, Masson.

MERLEAU PONTY (1945) — *Phénoménologie de la Perception*, Gallimard.

PIAGET (1956) — «Perception, Motricité et Intelligence», *Enfance* n.º 22.

SARTRE (1965) — *La Transcendance de l'Ego*, Vrin.

SCHILDER (1968) — *L'Image du Corps*, Gallimard.

WALLON (1925) — *L'Enfant Turbulent*, Alcan.



*ARQUIVO  
HISTÓRICO*



## O Ócio da Lisboa de 1900 Tradição e mudança nas práticas e representações do ócio urbano

Rui Gomes \*

### *Resumo*

Se quiséssemos, e pudéssemos, sintetizar numa palavra o tema deste trabalho diríamos que ele trata do *tempo*.

Tempo que adquiriu valor económico e social; tempo que penetrou as sociedades modernas sob a forma de reestruturação radical e permanente dos ritmos, das alternâncias, das durações. Tempo, portanto, que reestruturou a própria história.

Como é que se desenvolveu este processo de formação dos «tempos modernos»? É precisamente essa a pergunta que tendo obtido já a resposta de alguns historiadores e sociólogos, se mantém sem resposta definitiva, se tivermos em conta uma das características fundamentais da mudança social. Esta não se apoia *no tempo*, em geral, mas sobre uma reestruturação *dos* tempos sociais.

Nestes termos, a diversidade e a heterogeneidade dos tempos sociais só pode ser surpreendida na globalidade de uma situação. Para além das modificações da sua morfologia, o que subsiste no tempo é a sua estrutura simbólica, a atitude mental. Temos assim de reconhecer a diversidade dos tempos físicos, biológicos, psicológicos, económicos e sociais. Havemos também que observar a heterogeneidade dos tempos religioso e familiar, do tempo do trabalho e do tempo do ócio.

A hipótese que emitimos é a de que o exame da formação das sociedades capitalistas permite esclarecer alguns passos do processo de formação dos tempos modernos. Mais concretamente, permite o reencontro com a génese de um dos tempos ascensionais das sociedades contemporâneas: o tempo de lazer.

---

\* Assistente convidado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação — U. L. Uma outra versão deste trabalho foi apresentada numa comunicação ao «World Leisure Congress 92», Lisboa, 2-5 Junho.

Boletim SPEF, n.º 4 Primavera de 1992, pp. 53-78.

## 1. Introdução

O lazer tem vindo a ser objecto de estudos cada vez mais frequentes no domínio das ciências humanas e sociais. Assiste-se a uma explosão do lazer como valor ou como técnica, como adorno que distingue ou como movimento social que produz a homogeneidade.

A emergência do corpo processa-se no quadro de uma profunda crise de valores, podendo mesmo entender-se como conjunto de instituições que asseguram a integração e coesão sociais num momento em que outras instituições — escola, família, igreja, partidos — se encontram enfraquecidas no seu papel de controlo social.

A associação do lazer a um espaço e a um tempo fora do espaço e do tempo social global parece irreal. O lazer não é uma realidade imanente, antes se revelando na sua historicidade. Demais, as práticas de lazer não se podem entender como realidades homogêneas, já que elas provêm de múltiplos «determinismos» — económicos uns, políticos outros, sociais todos.

Assim, para além da reflexão sobre os problemas da prática, levando à elaboração de novas perspectivas teóricas sobre o lazer, torna-se imprescindível integrá-las numa análise histórica. Sendo assim, esta encontra a sua principal justificação nos problemas que se colocam aos homens do mundo de hoje.

Final do século XIX, com a crescente eficiência técnica do desenvolvimento industrial. As necessidades da sociedade colocam o problema da formação corporal, sem que, no entanto, os meios de integração social sigam o progresso científico e tecnológico. As estruturas tradicionais de integração — família e igreja — revelam-se insuficientes.

À vida regular, ocupada nos trabalhos quotidianos, sujeita a um sistema de constrangimentos cada vez mais elaborados, de tempo linear, opõe-se a agitação e a efervescência da festa, o tempo cíclico do recreio e a valorização do ócio.

No corpo convergiam os problemas centrais da época: sociedade pobre e atrasada, mas onde a industrialização provoca a mobilidade social, assegurada em especial pelo êxodo do campo para a cidade, tendia a instalar-se uma morbidez corporal que prenunciava o anarquismo social. A civilização industrial tinha de ser controlada. A bem da sobrevivência humana, acautelava-se uma representação estática e tradicional do corpo, simultaneamente adversa da preguiça e da orgia energéticas. Representação essa que entrava em conflito com as novas aspirações de libertação do corpo.

Sendo assim, ao provocar a ruptura do habitual, a festa, o recreio e o ócio caracterizam-se por um tempo denso, de esquecimento e contestação, quando não mesmo de destruição das regras. Mas, por sua vez, esta libertação da monotonia do quotidiano e dos valores que o regem,

tende a ser reintegrada no circuito «tradicional», não apenas devido à sua estrutura cíclica, como também à ordenação progressiva do ócio.

Chegamos assim a uma das interrogações fundamentais deste trabalho: o tempo do ócio, mesmo quando destrói regras e ordens estabelecidas, não contribui para manter os novos ritmos e valores emergentes da sociedade industrial?

Este problema relaciona-se com outros dois, que nele se integram: a relação sagrado-profano na nova repartição dos tempos de trabalho e repouso; e a repartição aristocrática, burguesa e popular nos novos e velhos espaços de recreio e divertimento da cidade de Lisboa do último quartel do século XIX.

Reportando-nos ao tempo restrito em que o nosso estudo se centra — 1870/1900 —, uma das transformações sociais mais marcantes foi a concentração de grande parte da população em grandes cidades. Um tal desenvolvimento não tinha precedentes. Ninguém duvidará de que a Revolução Industrial trouxe vantagens materiais, ainda que desigualmente distribuídas. Mas trouxe a urbanização, paralelamente, riquezas sociais e culturais àqueles que se viram forçados a viver na cidade? Nas novas relações entre o campo e a cidade, envolvimento e sociedade, houve a necessidade de criar novos padrões de vida, como forma de manter a estabilidade social e de promover a realização individual. Os costumes tradicionais desgastam-se, o valor de cada comportamento mede-se por referência às formas de actuação de outros homens, promovendo-se a comparação e a homogeneização, mas, também, a liberdade de escolha, a mobilidade e uma mais larga série de experiências sociais e culturais.

A constituição de uma numerosa classe média cria um novo mercado para as formas públicas de ócio cultural. Numa certa medida, a fisionomia do ócio exemplifica e ilustra a composição, as aspirações e os conflitos da sociedade donde emerge.

Examinaremos quatro componentes fundamentais das principais transformações que afectam os modelos de ócio no período que analisamos: *o espaço; o tempo; as práticas; e as representações ideológicas* que presidem às relações interpessoais.

O recurso às fontes literárias colocar-nos-á no terreno das representações sobre determinadas relações sociais. Estando estas dependentes de uma ideologia particular, as fontes literárias revelarão a realidade social da mesma medida que a transfigurarem e encobrirem com os seus véus ideológicos. Desse modo, se se quiser fazer a análise das representações sociais em conjunto com a realidade, não podem ficar ignoradas as fontes documentais literárias, não apenas como meios de análise da realidade social, mas como verdadeira realidade social.

Se bem que as cidades de Lisboa e Porto vejam crescer a sua população, o desaparecimento das comunidades rurais ainda não é uma realidade. Mesmo no interior das maiores cidades. Na medida em que

novas formas de solidariedade — e de coesão — social tardam em aparecer, enquanto as antigas solidariedades camponesas se dissolvem em contacto com a lógica do mercantilismo e da concorrência de mercado, surgem novos tópicos, ainda não integrados, dos conflitos sociais. A sociabilidade é mais informal e mediata. A geografia dissolve-se como fundamento das relações humanas: em lugar de frequentar os vizinhos, os homens têm tendência a estabelecer laços de amizade com os seus companheiros de trabalho. O tempo de recreio e divertimento acompanha esta tendência.

A influência do trabalho sobre o tempo de ócio é manifesta. É verdade que alguns operários da indústria se mantêm presos às representações colectivas das comunidades rurais. A aculturação é lenta. Mas as condições de alojamento urbano são muito diferentes daquelas que prevalecem para as comunidades rurais. Num pequeno alojamento urbano já não é possível convidar família e amigos, nem organizar momentos de recreação e divertimento. Faz-se sentir uma nova necessidade: lugares públicos de recreação e encontro, fora do pequeno domicílio.

Com a industrialização e os seus novos modos de produção, o tempo de trabalho está distribuído de forma diferente: em 1880 predominavam horários acima das 10 horas, atingindo nalguns sectores 13 e 14 horas. A média de horas de trabalho é de 11h e 30m, descendo para 10h por volta de 1900. Só em 1891 é regulado o descanso semanal de um dia. A reivindicação das oito horas de trabalho só no final do século aparece com mais insistência nos congressos socialistas, das associações operárias e na sua imprensa. De qualquer forma, o horário fixo tende a substituir os horários variáveis, tornando possível a abertura de locais permanentes de recreio e cultura. As associações operárias de todos os tipos multiplicam-se.

De acordo com estes pressupostos, a nossa hipótese de trabalho é a seguinte: numa certa etapa da industrialização produz-se uma diminuição da duração do trabalho profissional e um reagrupamento do tempo disponível fora do trabalho. Se bem que subsistam grandes constrangimentos neste tempo libertado do trabalho profissional, tem lugar uma intensificação dos valores positivos do ócio — valorização do indivíduo, do seu desenvolvimento, da expressão da sua identidade, das relações com o outro e com a colectividade. À transformação científica e tecnológica sucede uma transformação ética centrada na valorização reforçada do indivíduo. Apesar de todos os condicionamentos, as mudanças sociais e culturais induzidas por esta nova ética transformam os modos de vida e o processo de aprendizagem cultural, dissipando, pouco a pouco, a aceitação dos duros constrangimentos do tempo imposto pelas instituições.

Por outro lado, as práticas de recreio, divertimento e ócio sofreram uma alteração no último quartel do século XIX, por força dos novos

ritmos impostos pela industrialização e pelos novos processos de produção urbana. As novas práticas, que acompanham as mudanças sociais, impõem novas representações acerca das formas de interação social, fundindo-se, no entanto, com representações tradicionais dos modos de estar em sociedade e de utilizar os espaços e os tempos do ócio.

Finalmente, o ócio revela-se como signo e símbolo distintivos, como uma das formas de a burguesia sublinhar a sua diferença relativamente aos que não lhe têm acesso. Não tendo adquirido um estatuto de diferença pelo nascimento, para a burguesia em afirmação política e social torna-se indispensável integrar a ostentação não apenas nas aparências, como também nos comportamentos e práticas diárias.

## 2. *Espaços e Tempos do Ócio*

A década de 70 decorrerá sob o signo de três acontecimentos que marcarão decisivamente a parte final do século XIX. São eles o fim do Passeio Público no Rossio e o início das obras da Av. da Liberdade em 1879; o crescente movimento operário em favor da redução dos horários de trabalho; e a polémica entre Igreja e Governo acerca do descanso dominical e do respeito pelos dias feriados do calendário religioso.

Estes três factos podem considerar-se a expressão mais visível, a ponta do icebergue, de uma disputa nem sempre tão evidente entre diferentes visões e modos de estar nos novos tempos e espaços urbanos.

De facto, o início das obras da Av. da Liberdade, se bem que marcado de forma indelével por uma polémica acesa entre a Câmara e alguns intelectuais<sup>1</sup>, revela uma nova representação do espaço urbano. Nela se concentram as preocupações higiénicas e sociais do momento. Como se pode verificar na proposta do vereador Rodrigo Affonso Pequito, em 1878, as preocupações com a decoração da cidade, o livre trânsito, a comodidade e segurança dos habitantes, a salubridade pública e a conveniência em evitar a aglomeração de populações, expressam a ideia de planear antes de agir: «... considerando que a higiene, o embellesamento, o trânsito e a falta de habitações urgentemente reclamam a abertura da grande avenida projectada desde o Passeio do Rocio ate as portas da cidade...»<sup>2</sup>.

O hábito de passear pela zona chique da cidade não só permaneceria como se alargaria a outros sectores. Vulgarizava-se o costume de dar passeios ao campo e fazer piqueniques, facilitados que estavam os transportes colectivos. As mulheres burguesas, até então enclausuradas, começam a passear-se pelas ruas, com *toilettes* ostentatórias, numa demonstração de que não se dedicam a nenhuma espécie de trabalho produtivo. O homem público passa a Homem público através deste acesso da mulher ao exterior.

Mas, «se este acesso ao exterior multiplicava as possibilidades de consumo dos tempos de ócio, [os clubes e os teatros são locais de reunião mundana muito apreciados] levantava, ao mesmo tempo, riscos de ‘prosmicuidade social’, tanto maiores quanto mais abertos ao público os lugares em que se realizava esse consumo»<sup>3</sup>. Daí o conjunto de estratégias sociais utilizadas pela burguesia para garantir a distinção e separação em relação aos demais. Estas estratégias decorrem em três domínios fundamentais — no domínio dos gestos e das maneiras, bem visível no rigor dos preceitos dos Manuais de Civilidade; no domínio das aparências, bem expresso nas formas de vestir; e no domínio do acesso a alguns espaços, quer através da sua estrita selecção quer da restrição pela via económica.

Mas para que estas distinções e separações se dessem, a burguesia tinha a mais algo que faltava ao mundo do trabalho — tinha muito tempo. Daí que tenhamos de abordar esse problema que, no último quartel do século XIX, apresenta uma importância económica e social cada vez maior.

### 2.1. Mais tempo para quê? A utilidade do tempo fora do trabalho

O panorama dos horários de trabalho, por volta de 1881, pode compreender-se lançando mão do *Inquerito Industrial de 1881*<sup>4</sup>. Para que uma comparação possa ser feita socorremo-nos da *Inquirição pelas Associações de Classe sobre a situação do operariado*, de 1910<sup>5</sup>.

Em 1880 predominavam horários acima das 10 horas, atingindo em alguns sectores 13h (estamparia) e mesmo 14h (tabaco). A média de horas de trabalho é de cerca de 11h 30m. No entanto, os horários eram muito variáveis. É o que podemos verificar nos resultados do inquérito de 1881, que indicava um intervalo de variação de 4 horas (10h-14h).

Este panorama mantinha-se alguns anos mais tarde, sendo mesmo agravado no que toca às mulheres. É o que podemos detectar em muitos artigos da *Voz do Operário* que, como este, relatam as condições de vida da mulher: «Tomemos por exemplo o que se passa na fábrica de tabacos de Xabregas. Ali as operárias entram as 7 da manhã e saem das oficinas as 10 da noite, o que quer dizer que trabalham 15 horas em cada 24. Estas pobres victimas são, em grande parte, mães de família, de modo que têm de ir aquella hora buscar os filhos a каза da mulher que fica com elles durante o dia»<sup>6</sup>.

Nestas condições, não é de estranhar que à maioria dos operários reste apenas tempo para o restabelecimento fisiológico necessário ao trabalho no dia seguinte. Toda a sua vida é dominada pelo trabalho. O tempo, tanto como o produto do seu trabalho, é uma mercadoria, tornando-se uma espécie de coisa, com um fluxo uniforme, não diferen-

ciado, e que pode ser subdividido em unidades iguais. Daí o processo de transformação que autoriza a passagem de uma representação mítica da sociedade e da natureza que a envolve, para uma objectivação baseada na relação social de mercados.

O que acabamos de dizer permite perceber porque é que, nas motivações das greves que têm lugar entre 1871 e 1900, a questão do horário de trabalho aparece em segundo lugar<sup>7</sup>. De facto, das 684 greves de que se conhecem os motivos, inventariadas entre 1871 e 1900, 111 (16,2 %) têm nos horários de trabalho a sua causa. Por outro lado, os cinco Congressos das Associações de classe que se realizam entre 1885 e 1895, o problema das horas de trabalho encontra-se sempre presente, inscrevendo-se mesmo no IV Congresso (1894) o dia de 8 horas de trabalho como uma das suas reivindicações.

Em resultado deste movimento, mas também devido às mudanças entretanto introduzidas na estrutura industrial portuguesa, a *Inquirição* de 1910 apresenta uma situação um pouco diferente. O horário das 10 horas de trabalho estava praticamente estabelecido, facto que já ocorria em 1900. É o que podemos verificar na listagem que a seguir apresentamos, retirada da *Inquirição* de 1910.

Quadro I

Indústria	Estabelecimento industrial	Horas
Estamparia	—	10.30
"	—	10.30
"	—	10.00
"	G. Graham J. & C. <sup>a</sup>	12V/13I *
"	Fábrica de Algodão — Xabregas	10.30
"	Centeno & C. <sup>a</sup>	10.30
"	J. A. Cambournac	11.00
"	Fábrica de Benfornoso	Sol a Sol
"	Pinto & C. <sup>a</sup>	10.00
"	Companhia de Lanifícios	Sol a Sol
"	Ramires & Ramires	9.30
Refrigerantes	Ferreira & C. <sup>a</sup>	10.00
Marcenaria	Sociedade Fabricantes de Móveis	10.00
Metalurgia	Companhia Perseverança	10V/12I *

\* V — Verão;

I — Inverno.

Estes dados devem ter uma leitura relativamente diferente da que é feita hoje em dia, já que a estrutura do tempo era também diferente. Na verdade, para o operário, a jornada de trabalho não correspondia apenas ao tempo durante o qual se produzia efectivamente, «... mas compreendia toda a parte do dia durante a qual o operário era mobilizado pela necessidade de trabalhar: transportes e intervalos para comer»<sup>8</sup>.

A ser assim, então poderemos considerar que os progressos realizados ao nível dos horários de trabalho são bem escassos.

Aliás, se a este dado acrescentarmos o facto de as associações culturais e o «movimento recreativo» da classe operária terem uma expansão evidente neste mesmo período, ficamos sem saber se foi a redução dos horários que produziu mais tempo fora do trabalho e este, por sua vez, mais tempo para dedicar a actividades de ócio, ou se foram as novas solicitações, valores e aspirações criados por um quase-tempo de lazer que, almejando mais tempo, deram mesmo novo alento ao movimento grevista.

Para esta questão não temos, por agora, resposta definitiva. Somos inclinados, por isso, a explicá-la através da analogia biológica: ter-se-á produzido uma simbiose entre os dois movimentos, de onde se torna difícil, e até redutor, encontrar uma relação de causa-efeito. De facto, a tradicional explicação economicista acerca dos movimentos em favor da redução da jornada de trabalho, esbarra neste caso com uma barreira intransponível: as mudanças na estrutura simbólica dos tempos sociais, ao fazer interpenetrar, com vigor evidente, o «tempo instrutivo» e o «tempo religioso» (transformado), andavam mais depressa do que as próprias transformações estruturais.

Entretanto, finalmente, em 1891 é regulado o descanso semanal. Para esse resultado terá contribuído o confronto já antigo entre o poder real e civil e a Igreja. A discussão, mesmo o afrontamento, entre a Igreja e o Poder Real e entre aquele e o Governo, acerca da observância do preceito dominical e da guarda dos dias santificados, atravessa todo o século XIX português, desde que as relações de produção começaram a influenciar de forma mais evidente a estrutura dos tempos sociais. Teremos pois de recuar no tempo para encontrar a génese do apoio que algumas associações operárias deram às posições da Igreja no último quartel do século XIX sobre o descanso semanal ou, melhor dizendo, o domingo santo.

Fortunato de Almeida, na sua *História da Igreja em Portugal*<sup>9</sup>, dá-nos informações preciosas a esse respeito:

- «As cortes constituintes determinaram em 1821 que nas alfândegas e casas fiscais somente fossem feriados os domingos e dias santos de guarda; que a biblioteca publica estivesse aberta nas manhãs e tardes de todos os dias do ano, excepto aos domingos e dias santos de guarda; e que fossem abolidos nas Relações de Lisboa e Porto todos os feriados, com determinadas excepções, entre as quais se contavam os domingos e dias santos de guarda»<sup>10</sup>. Reunidas para *regenerar* a Pátria, as Cortes expressavam bem o pensamento liberal de então: tentando conciliar o novo com o antigo, regula-se o tempo numa perspectiva de inten-

sificação do trabalho sem, no entanto, entrar em contradição aberta com as pretensões da Igreja.

- «A instâncias da Rainha D. Maria II, expediu Gregório XVI o breve *Quum ex Apostolici Nostri*, de 14 de Junho de 1844, pelo qual determinou que de futuro se deviam guardar em Portugal e seus domínios, sob ambos os preceitos, tão somente, além de todos os domingos, os seguintes dias festivos: da Circuncisão, Epifânia, Ascensão, Corpo de Deus, Natal, Santíssimo Coração de Jesus, Purificação, Anunciação, Assunção e Imaculada Conceição de Nossa Senhora; desde o meio-dia de quinta-feira de Endoenças até ao meio-dia de sexta-feira da Paixão; no patriarcado de Lisboa e no reino do Algarve, o dia do mártir S. Vicente, a 22 de Janeiro; só no patriarcado, o dia de S.<sup>to</sup> Antonio, a 13 de Junho; e em todo o reino e domínios de Portugal mais os seguintes dias: nascimento de S. João Baptista, a 24 de Junho; a festa dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a 29 do mesmo mês; e a de Todos-os-Santos no 1.º de Novembro»<sup>11</sup>.

Os outros dias que era costume guardar como de preceito foram abolidos. Os dias festivos passavam ao número de dezasseis, muito inferior ao que se registava até aí. As festas de padroeiros que invadiam o calendário de constantes paragens no trabalho seriam transferidas para o domingo seguinte ao dia da festa. Desta forma, o poder régio entrava no ritmo dos novos tempos — o trabalho era a maior das virtudes, o positivismo como filosofia do quotidiano era mais convincente do que a religião e, portanto, tudo o que reduzisse o produtivismo devia ser limitado.

- Entretanto, em 1865 «... o Dr. António Aires de Gouveia, ministro da Justiça, quebrava todas estas tradições na portaria de 23 de Março de 1865, publicada no *Diário de Lisboa* do dia seguinte. Baseando-se em que a abstenção do trabalho nos dias santificados não era ordenada na lei civil; nem o respeito da religião do Estado envolvia o dever de observar os preceitos dessa religião, determinava que o procurador-geral da coroa desse aos magistrados do ministério público, seus subordinados, as instruções convenientes para que, sempre que lhes fossem dirigidas queixas, ou remetidos autos de investigação tendentes a servir de base a procedimento criminal por violação do preceito de guarda dos dias santificados, só requeressem os competentes processos criminais quando se mostrasse que os actos praticados o foram com o fim e propósito de ofender a religião do Estado...»<sup>12</sup>.

Com este acto legislativo, António Aires de Gouveia provoca, finalmente, a descentração do controlo do tempo fora do trabalho para o

poder civil e para a escolha pessoal dos indivíduos. Com efeito, ao introduzir o conceito de *liberdade* na utilização dos dias santificados, o que se pretendia contemplar, fundamentalmente, era a possibilidade de o comércio e o trabalho se desenvolverem durante esse tempo. Não por acaso, este período corresponde exactamente a um tempo de exploração extensiva do trabalho, com o conseqüente aumento do número de horas a ele dedicadas.

- Finalmente, a década de 70 será fértil em intervenções da Igreja. Através de uma estratégia astuciosa, a Igreja aproveita-se de um movimento social que reclama, com cada vez maior insistência, a redução dos horários de trabalho e o descanso dominical. «Em 3 de Abril de 1871, D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo eleito do Porto, e no exercício do cargo de Vigário Capitular do patriarcado, expediu uma brilhante pastoral sobre a observância dos domingos e festas de preceito»<sup>13</sup>. E, ao que parece, os esforços da Igreja não foram estéreis. «Noutra pastoral de 18 de Abril de 1875, sendo já Bispo do Porto, anunciava que o tinha procurado uma deputação dos negociantes de ourivesaria e contrastaria do Porto, para lhe comunicar que, em reunião geral, haviam unanimemente concordado em que nenhum dos seus estabelecimentos se conservasse aberto ao comércio nos domingos e dias santificados; e ao mesmo tempo manifestaram o desejo de que os párocos tornassem bem conhecida de todos esta resolução»<sup>14</sup>.

Mas não eram só os negociantes que dirigiam para a Igreja as suas esperanças numa paragem nos afazeres da vida. Também os operários, como que respondendo à astúcia da Igreja com a sua própria astúcia, utilizavam alguns dos argumentos daquela em seu proveito. Durante as décadas de 70 e 80 são frequentes os artigos da imprensa operária com referências à validade dos argumentos da Igreja<sup>15</sup>.

Para que queria a classe operária mais tempo fora do trabalho? Para descansar, para se dedicar à família, para se cultivar?

A leitura da imprensa operária das três décadas que analisamos não deixa lugar a dúvidas acerca dos motivos principais desta reivindicação: redução da exploração do trabalho; compensação e descanso relativamente aos esforços dispendidos no trabalho; mais tempo para dedicar aos filhos e à família. As referências são sobretudo centradas no trabalho e na moralização dos costumes da família, «dispersa e atacada» nos seus hábitos ancestrais pela industrialização.

No entanto, não são as únicas referências. Com cada vez maior insistência, elas vão-se deslocando para as necessidades da «instrução», «cultivo» e «recreação». E que estas não se limitavam a simples figuras de retórica dos redactores da imprensa operária, é-nos revelado pelo acesso a outras fontes.

Com o final do século, o número de associações culturais de diferentes tipos aumenta a um ritmo maior. Estas associações podem agrupar-se em quatro tipos:

- as associações de tipo mutualista, que socorrem os trabalhadores na «doença» e na inabilidade, e que, para o fim do século, passaram a adquirir características culturais de promoção da moralização e instrução dos operários;
- as associações de tipo profissional, de defesa dos interesses dos trabalhadores;
- as associações com carácter recreativo e excursionista, que organizavam bailes, viagens e sessões de teatro;
- os círculos civis, que se dedicavam à promoção de conhecimentos junto dos trabalhadores e, em particular, à propaganda anti-religiosa.

## 2.2. *O ciclo religioso e o ciclo recreativo: o confronto entre a moralização e o marginal*

Como pudemos verificar através do debate existente acerca dos tempos sociais e dos tempos festivos, debate alargado a diferentes grupos sociais e a diferentes pólos de poder, a mentalidade da época continua vinculada a modelos de comportamento relacionados com o sagrado.

Com efeito, pensamos que os tempos sociais exprimem o desenvolvimento contraditório da sociedade. O tempo que predomina pouco a pouco no trabalho, constitui uma objectivação da realidade, no sentido em que toma qualidades de objecto e se torna progressivamente um instrumento para transformar a natureza e a sociedade. A transformação do tempo social tem a sua origem em dois factos intimamente relacionados mas nem sempre verificáveis — a extensão e complexificação crescente dos instrumentos de trabalho e a introdução da redução mecânica do tempo que estes permitem.

Mas apesar de este tempo valer mais do que qualquer outro ao nível do trabalho, permite, da mesma forma, que outros tempos continuem a medir a vida fora do trabalho. De facto, os ritmos colectivos mais antigos penetram os novos, *evocando* e *invocando* o peso da cultura popular e de costumes rurais para explicar a continuidade das funções rituais.

É exactamente este processo de implicação de uma pluralidade de tempos sociais, que por vezes implica hierarquias na sua organização — exprimindo também hierarquias sociais —, que poderemos verificar nos diversos ciclos de vida da cidade.

O que é preciso encontrar neste caso são os elementos constitutivos da medida dos tempos: como é apreendido e vivido o tempo quotidi-

ano, o tempo fora do trabalho, e o tempo das relações com vizinhos e colegas? Quais os ciclos e ritmos de evolução que marcam as actividades? Existem datas e locais determinantes na história dos indivíduos e dos grupos? Quais? A que espaços dizem respeito? Ao local de habitação, ao local de trabalho, à terra de origem? Os espaços utilizados correspondem a funções perfeitamente definidas ou respondem a uma multiplicidade de ansiedades e aspirações? As decisões sobre a forma de os utilizar aplicam-se à totalidade da sociedade ou a grupos particulares?

### 2.2.1. Da festa religiosa ao arraial: tempo do confronto

A consulta dos almanaques dá-nos informações preciosas acerca dos tempos sociais. O almanaque dirige-se sobretudo aos analfabetos e a quem lê pouco. Ele oferece um saber para todos: em primeiro lugar religioso e social, com as festas e especialmente as festas que dão lugar a feriados; mas também reúne informações utilitárias com a indicação das feiras e dos horários burocráticos; um saber astronómico, com os eclipses e as fases da Lua. Em particular, os almanaques e os calendários difundem um saber de tipo astrológico que influenciou bastante — e veiculou bem — as representações da época sobre o tempo.

Como se pode verificar pelo quadro que apresentamos de seguida, as festas religiosas das freguesias, os círios e as romarias são uma das constantes nos almanaques destes 30 anos que vimos analisando. Nas vésperas das festas das freguesias, os sinos dos campanários da respectiva igreja tocavam durante horas. Pelo cair da tarde, começava o movimento das famílias devotas que iam assistir às vésperas, envergando trajes de ver a Deus.

O referido quadro, elaborado com base em dados recolhidos em dois *Almanaques*<sup>16</sup>, dos mais lidos neste período, expõe os tempos festivos da Igreja, a par dos tempos festivos da Corte e de algumas festas populares.

### Quadro II

Data	Festas religiosas	Festas da Corte (+) Festas populares (=)
1 de Janeiro	Festa na Igreja da Graça	Dia de Grande Gala (+) Recepção no Paço
6 de Janeiro	Dia dos Reis Pontifical e oferta na Sé	Festa no Campo Grande (=)
9 de Janeiro	Festa na Freguesia de S. Julião	
14 de Janeiro	Festa na Igreja de S. <sup>to</sup> Amaro e Conceição Velha Começam as visitas à Capela de S. <sup>to</sup> Amaro	

Data	Festas religiosas	Festas da corte (+) Festas populares (=)
20 de Janeiro	Festa na Freguesia de S. Sebastião	
25 de Janeiro	Festa na Freguesia de S. Paulo	
26 de Janeiro	Festa em S. Paulo e S. Sebastião	
27 de Janeiro	Festa em S. Paulo e N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> da Piedade	
2 de Fevereiro	Festa nos Terceiros do Carmo, na Sé, Inglesinhos, Mártires, Buce-las e Sacavém	
3 de Fevereiro	Festa na Conceição Velha, S. <sup>ta</sup> Lu-zia e Mártires	
5 de Fevereiro	Matinas nas Chagas à festa do Orago	
7 de Fevereiro	Festas nas Chagas a S. <sup>to</sup> Urbano	
9 de Fevereiro	Festa no Convento das Mónicas	Entrudo (=)
15 de Fevereiro	Festa em S. <sup>to</sup> António da Sé	
17 de Fevereiro		Aniversário da Serenissima Se-nhora Infanta D. Antónia Pequena Gala (+)
19 de Fevereiro	Procissão dos Passos da Graça	
3 de Março		Serração da Velha (=)
21 de Março	Domingo de Ramos: Festa na Sé, Procissão da Ordem Terceira do Carmo de Lisboa, na Madre Deus e Campo Grande	
26 de Março	Sexta-feira de Paixão Procissão do enterro na Graça, Je-sus, S. <sup>ta</sup> Joana, Belém e S. <sup>ta</sup> Isabel	
28 de Março	Domingo de Páscoa	Pequena Gala (+)
5 de Abril	N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> dos Prazeres — Romaria Procissão, de manhã, de Santos para a Ermida dos Prazeres	Fecham-se as lojas às 10h (até 8 de Setembro)
18 de Abril	Festa a S. <sup>ta</sup> Maria Egipcíaca, nos Mártires, pela Real Irmandade dos Archeiros, e ao Patrocínio de S. José, na Estrela	
22 de Abril	Procissão de manhã da Irmandade de S. Sebastião e de N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> da Saúde	
29 de Abril		Aniversário da outorga da Carta Constitucional Grande Gala (+)
2 de Maio	Festa na Ermida aos Anjos, e da Rosa, no Convento de Sant'Ana, e Bom Sucesso	
5 de Maio	Embarca em Belém o Círio do Cabo [Espichel] Festeja N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> do Amparo, de Benfica	
9 de Maio	Procissão do Corpo de Deus, no Salvador	

Data	Festas religiosas	Festas da corte (+) Festas populares (=)
9 de Maio	Desembarca em Belém o Círio do Cabo Parte o Círio das Mercês da Igreja de S. Pedro em Alcântara e volta na terça-feira	
26 de Maio	Festa e Procissão do Corpo de Deus, nos Mártires	
27 de Maio	Procissão, de tarde, do Corpo de Deus da cidade	Assistem SS. MM. e a Câmara Municipal (+)
3 de Junho	Procissão do Corpo de Deus, na Sé	Festas Populares (=)
13 de Junho	Festa em várias igrejas	Touradas (+)
24 de Junho	Festa em S. Roque, Penha de França, S. João da Praça e Lumiar	
29 de Junho	Festas em S. Pedro de Alcântara, Inglesinhos e Sé	
24 de Julho		Desembarque do Exército libertador em Lisboa. Grande Gala (+)
31 de Julho		Juramento da Carta Constitucional. Cortejo. Grande Gala (+)
28 de Agosto	Embarcam os Círios para a Atalaia	
29 de Agosto	Festa em Belém ao Senhor Jesus da Serra	
30 de Agosto	Desembarcam os círios da Atalaia	
4 de Setembro	Embarca o círio para a Atalaia da Freguesia de S. <sup>to</sup> Estêvão d'Alfama, e volta na segunda-feira	
8 de Setembro	Festas em S. <sup>ta</sup> Marta, Vitória, Luz, Linda-a-Velha	
11 de Setembro	Embarca o círio para a Atalaia da Freguesia do Salvador e volta na segunda-feira	
12 de Setembro	Festa em várias igrejas, Belém e Cruz-Quebrada	
14 de Setembro	Festa na Graça, Francesinhas e Albertas	
28 de Setembro		Aniversário do Príncipe Real Cortejo
3 de Outubro	Festa e Procissão no Convento de Sant'Ana pela Irmandade do Terço, em S. <sup>ta</sup> Joana, no Bom Sucesso, em Benfca e em Mafra	Grande Gala (+)
10 de Outubro	Círio das Palmeolas, a N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> da Penha de França	Começa a Feira do Campo Grande (=)
16 de Outubro		Aniversário de S. M. a Rainha Cortejo. Grande Gala (+)
29 de Outubro		Aniversário de S. M. El-Rei Cortejo. Grande Gala (+)

Data	Festas religiosas	Festas da corte (+) Festas populares (-)
4 de Novembro		Aniversário do Seren. Senhor Infante. Pequena Gala (+)
1 de Dezembro	<i>Te Deum</i> na Sé	Aclamação de D. João IV e Restauração de Portugal
8 de Dezembro	Festa na Sé Patriarcal	Pequena Gala (+) Assistem SS. MM. e a Corte.
25 de Dezembro	Natal	Grande Gala (+)
31 de Dezembro	<i>Te Deum</i> na Sé	Pequena Gala (+) Assistem SS. MM. Pequena Gala (+)

Como facilmente se verifica, o tempo religioso continua a ter um peso determinante no calendário. Grande parte destas festas já não implicam paragem do trabalho, quando não coincidem com o descanso dominical. Todavia, a sua influência não será pouca nas novas necessidades da urbe moderna. Como acentua Alfredo Mesquita, «Afóra as festas que vêm marcadas no repertorio com a cruzinha dos dias santos, o alfacinha inventa muitas outras na volta rapida do anno»<sup>17</sup>. E, referindo-se aos anos de fim do século, dá-nos uma ideia correcta do movimento social existente: «As sociedades de *sport* crearam no povo a *sympathia* por um novo genero de diversões, que pouco a pouco se aclimata entre nós: os concursos de tiro, as regatas, as corridas de cavallos, de velocipedes e de automóveis. As associações operárias, as de socorro mutuo, cooperativas, musicas e dançantes, representam hoje um movimento muito consideravel de solidariedade entre as classes trabalhadores da capital, promovem tambem, e a muide, as suas festas, organizando sessões de recreio e de propaganda, reunindo em alegres soirées, com dança e com bazares, as familias dos seus consocios, que d'antes constituíam a habitual concorrencia dos bailes campestres...»<sup>18</sup>.

Esta é a imagem que o cronista nos dá da Lisboa vestida em fato de recreio dos finais do século XIX, inícios do XX. Enquanto estes espaços e actividades de integração e enquadramento não existiam, os bailes campestres, as romarias e os círios constituíram espaços úteis do recreio lisboeta. As descrições que nos são fornecidas pela imprensa da época não deixam lugar a dúvidas: as festividades de Lisboa encontram-se em degradação, a caminho da solenização pura. Elas revelam-se essencialmente conservadoras, canalizando a espontaneidade no espartilho da encenação preparada. São sobretudo festas de consagração e prestígio dos *de cima*, que esperam uma retribuição ordenada dos *de baixo*.

No entanto, nem sempre a solenização se mantém intacta. Subitamente a festa irrompe, quebrando ordens e regras. A romaria e o círio tornados arraial são o exemplo frequente desta ruptura.

«Sob lonas, em mesas de pinho, o leitão lourejava, esfarrapado já. Desde a madrugada que ali se comia e bebia. Daquela romaria de estrada, regulada pelas horas dos comboios, a vanguarda abancava logo, cheia de sede, e então de uma quartola numa carroça enfeitada, o vinho começava a espirrar rôxo e tentador»<sup>19</sup>.

As festas religiosas eram espaços interclassistas de aproximação. Os gestos e a simbólica da festa configuram uma situação não real da vida social, para a composição da qual são redistribuídas todas as cartas do jogo social: estatutos, papéis, funções, interpenetram-se, sem distinção, fundindo-se num caos que a aproxima, ao menos temporariamente, do caos primitivo.

«Promiscuidade grande! O burguês a ares, de bambu alto e boné bordado; ovarino de fato domingueiro, a cinta vermelha, o jaquetão forte, o registo do Senhor entalado na fita do chapéu enorme, a cachopa limpa, de fatos claros, largas rodas de saias, corações amarelos sobre os seios rijos, as arrecadas compridas; a saloia fuínha no seu trajar atravessado e pretensão selvagem; o Pintas, fadista ilustre, pálido moço d'olheiras fundas e ar gingão»<sup>20</sup>.

A festa religiosa, a romaria, tornava-se arraial. A romaria é vivida como festa, como acontecimento total e global, cuja característica principal é a ruptura do quotidiano, irrupção de uma realidade outra, outro universo.

«Varinas robustas, de peitos tesos [*a referência erótica sempre presente como imagem onírica de um tempo de sonho*], casacos claros, as saias cintadas por uma faixa branca, procuravam sombras estonteadas do ruído, da luz, do gaudío. Uma mesma aos seus ombros largos pendurava o cordão de uma viola. E no chapéu, d'aba curta, enrolada, tinham todas espetadas rosas de papel e imagens do Senhor. Ao pé de um carvalho enorme uma dança se formara com cantares rijos e um ruído achocalhado de guitarra, e viam-se sobre os grupos, como bicos de moringues, as mãos de varinas de braços erguidos, castanholando»<sup>21</sup>.

Os actos que se realizam na Quinta dos Marqueses de Belas, transformada em arraial, são profanos: canta-se, dança-se, toca-se música. O comércio é o reino da troca, não apenas comercial, mas também linguística e de signos. Os encontros de significação erótica são bem marcantes, num alarde de instalação total, ainda que provisória, de toda a existência. Os romeiros dormem, cozinham e amam no espaço do arraial, num espaço duplamente transgressor: porque ocupa fugazmente um espaço fechado à sua circulação durante o resto do ano e porque rompe com a densidade, variedade e nobreza da cidade para se instalar no espaço primordial — a natureza.

A comida é um dos pólos principais da festa. É em torno da mesa que se renovam as solidariedades familiares. «E sempre, por toda a parte, o grande instinto português, peninsular, comer e beber. Homens desciam de borracha na mão a buscar vinho, homens subiam das ven-

das, e atravessavam, cheios de cuidados, toda a largura do arraial, a panela de barro bem agarrada a mãos ambas, ou então o cesto de verga às costas, a bilha, o farnel suspensos (...) só as cigarras respondiam pelas brenhas, o *zum-zum* da guitarra continuava monótonamente, e uma senhora, num grupo burguês, riu o seu riso tilintado de delicada. E era também delicioso aquele grupo, da mediania em festa, onde abundavam as fêmeas»<sup>22</sup>.

Mas a mesa é também o local ideal onde se pode justapor o protocolo rigoroso das hierarquias sociais e urbanas. As relações de brincadeira e pilhéria, regadas de vinho, permitem a franqueza e a comunicação. Mas é sobretudo porque fazem um investimento total do corpo, que os prazeres da mesa têm uma tal importância na festa. A tradição dos ágapes permite o regresso contrastante a uma sociedade em que a relação do corpo com a alimentação era austera e difícil. A festa, como ruptura do quotidiano marca-se então, essencialmente, por uma boa refeição, e, geralmente, com grande abundância de comida.

As fontes iconográficas<sup>23</sup> mostram-nos, invariavelmente, uma imagem de rara abundância. Grupos sentados em volta das suas merendas, tabernas e barracas de comes e bebes revelam a existência de enchidos, caldeiradas, coelho, iscas. Numa apropriação diferenciada do espaço do arraial, as barracas dividiam-se pela qualidade das comidas. Nem todos podiam assinalar o acontecimento com faustos de quantidade e qualidade. Mas se os mais pobres não podiam chegar à comida, podiam beber. As romarias estão sempre marcadas pela presença dionisíaca do vinho, excitante que permite uma sociabilidade mais livre e que se conjuga com outras componentes da festa, tais sejam a violência e o erotismo. «Os *anjos* dos círios iam estropiando lôas (...) As irmandades iam todas de capas brancas, azuis ou cor de rosa; mas á volta era vê-las aos tombos, com as capas mais rotas do que a dos figos e todas roxas, da cor do vinho, que extravasava por não caber nos estômagos»<sup>24</sup>.

O espaço do arraial é o local de uma socialização intensa, mas diferente dos espaços citadinos: as regras habituais são suspensas, o trabalho está ausente e a gratuidade impera. A comunidade separada da cidade reencontra-se na comunhão do canto e da música. Ali tudo é possível menos uma coisa: o trabalho.«Agora sim. Ao abrigo destas árvores, sob a sombra amiga destas ramos, que nos importa o mundo com todas as suas fábricas, e as suas lojas e as suas oficinas. A verdadeira oficina, a verdadeira loja, a verdadeira fábrica, é esta. Aqui respira-se, come-se, bebe-se, dança-se, ama-se, goza-se. Viva a folia, viva o Senhor da Serra!»<sup>25</sup>.

Mas o afastamento do trabalho que quer dizer destruição, gasto, económico e energético, consumo, não impede, antes exige, a troca económica e o aparecimento de autênticos profissionais que com a festa lucram.

Na festa de Belas ao Senhor Jesus da Serra, que temos vindo a descrever, outros elementos rodeiam o espaço, dando-lhe a característica de feira e mercado: «Fora da quinta a feira boémia de barracas de lona, e *rodas* de jogar. E predominando naquelas ruas improvisadas de mercado chinezíssimo a tasca com mesas de pinho, imensos fogões de barro à entrada...»<sup>26</sup>. Conforme Virgínia Rau<sup>27</sup> comprova no seu estudo, as feiras e mercados têm, em Portugal, a sua origem ligada às Romarias. Os motivos seriam fundamentalmente de ordem utilitária. De facto, grandes concentrações temporárias de pessoas, obrigariam a um apoio logístico correspondente. No entanto, R. Caillois apresenta-nos uma justificação bem mais próxima desse «fenómeno social» e total que é a romaria-arraial-festa. «A festa, na sua forma plena deve ser definida como o paroxismo da sociedade que ela purifica e renova, ao mesmo tempo. Não é o seu ponto culminante somente do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista económico. É o momento da circulação de riquezas, dos mercados mais consideráveis, da distribuição prestigiosa dos tesouros acumulados. Aparece como o fenómeno *total* que manifesta a glória da colectividade e a fortifica no seu ser»<sup>28</sup>.

Sobretudo a troca económica deve servir como uma nova oportunidade de comunicação, discussão, perda de tempo, disputa agonística. «Uma varina correrá p'rá compra de um anel a rua inteira da quinquilharia, e safara-o afinal por 25, sendo o preço dele 30 réis. Descompuzera duas barraqueiras e perdera num aperto um pingente de filigrana da arrecada, mas levara-o afinal por 25!»<sup>29</sup>.

Já nos referimos ao clima de erotismo que marca a romaria e a festa, a propósito dos signos linguísticos do próprio cronista. Também no arraial e na feira se criam as condições de um outro regime de aproximação, encontro e vivência dos corpos. As barreiras impostas pelo quotidiano habitual da cidade, onde impera o «bom tom», tem aqui mais uma oportunidade de ruptura. Oportunidade que se acrescenta a outras: os bailes campestres para as classes populares, a igreja, o passeio ou o teatro para os burgueses.

O encontro tem dois níveis de resolução a que chamaremos o espectáculo do corpo e o encontro erótico propriamente dito.

No primeiro caso, é a imagem do corpo: o corpo é sugerido, visto nos mais diferentes registos — desde o corpo atlético ao corpo disforme. «À multidão compacta um saltimbanco gritava o extraordinário do seu trabalho: a menina gorda — o homem serpente — o alto baixo — o preto branco. Pasmavam lapuzes p'ros maillots sujos, lantejoulados.» *As oposições linguísticas, mais do que anunciar, sublinhavam a imagem.* Os aspectos visuais e sensoriais destes espectáculos ultrapassavam todas as barreiras da linguagem. O erotismo directo era substituído por uma forma culturalizada e sublimada de desejo — o prazer de ver. Não sem razão, o circo e o espectáculo funambulesco em geral são uma das raras formas de «passar o tempo» que a Igreja tolera. O circo, ao contrário do teatro,

chocarreiro com a Igreja, não contém nada de repreensível. Para se assegurarem das boas graças das autoridades religiosas, os saltimbancos davam frequentemente os proventos de algumas sessões à igreja local.

No corpo *visto* concentravam-se as ansiedades, mas também as aspirações de diferentes sectores sociais; num jogo de aparências, o corpo, da mulher burguesa especialmente, exhibia signos distintivos de um ócio honorífico, na esperança de provocar separações e barreiras sociais evidentes. Para o homem rural, recentemente impelido à condição de operário, a representação dos seus gestos precisava cada vez mais de uma imagem exterior para ser percebida. Na verdade, nas formas anteriores de trabalho, pré-industriais, o resultado da acção, imediatamente percebido era o critério de valorização da acção. Contudo, com a industrialização, a acção em si é cada vez mais valorizada já que, agora, o resultado da acção no trabalho não é imediatamente percebido porque integrado num sistema de acções complexas. Ao valorizar a acção em si, a industrialização abria a representação do corpo à escolha. Ora, para o poder de então, a escolha tinha limites impostos pela necessidade de prevenir o anarquismo social. A bem da sobrevivência humana acautelava-se uma representação tradicional e estática do corpo, simultaneamente adversa da preguiça e da orgia energéticas.

Há muito que os espectáculos de circo tinham penetrado na cidade. Mas o contexto inicial em que o tinham feito modificara-se profundamente. Da ocupação da rua, sem autorização às vezes, passara-se à legitimação e controlo dos espaços fechados — os «Circos Whittoyne», o «Circo Price» e o «Novo Circo Price» são disso um bom exemplo. Legitimação e controlo que passavam muitas vezes pelo encerramento judicial dos espaços circenses<sup>30</sup>.

Assim sendo, os saltimbancos e mesmo alguns artistas de circo reconhecidos, que sobravam das casas de espectáculo da cidade, viam-se compelidos a actuar fora de portas. E, numa espécie de movimento recorrente, o público regressava aos primórdios do espectáculo circense. Desta feita, o nomadismo do artista tinha correspondência no nomadismo do público: errante, vindo da cidade, assistia a espectáculos de qualidade muito duvidosa, mas de evidentes resultados funcionais. É de crer que o espectáculo do corpo constituísse o estádio intermédio entre o trabalho e a festa, num percurso que colocava opções ao corpo: excesso ou comedimento; orgia ou austeridade de costumes.

O encontro erótico tinha lugar em diferentes momentos: na dança, no prolongamento das refeições ou ao cair da noite.

«Algumas [*mulheres*] mesmo sem chapéu, tinham umas vermelhidões d'alcool nas bochechas finas, num desprezo claro de posições [*eram mulheres da burguesia*], e muito risonhas, espreguiçando-se no *surat* largo dos vestidos, estendidas sobre o mato seco, deixavam ver o seu pé miúdo, calçado em carneira. (...) No mais copado da mata havia um remanso grande que o sussurro do bulício ao longe fazia sobressair

mais. E os grupos continuavam-se, rareando, escondidos, por vezes dois, disfarçando ternuras ao sentir gente, fazendo idílio...»<sup>31</sup>.

Encontrando-se nos arraiais gentes de terras diferentes, organizadas, na maior parte das vezes, em círios de base religiosa, o anonimato e a fugacidade do contacto terão animado muitos ao estabelecimento de relações provisórias, tais quais as que tinham também lugar nas saídas domingueiras às hortas. Diz-nos a propósito Sousa Bastos: «... muitas saíam dali para irem casar, mas esquecendo-se de passar pela Igreja»<sup>32</sup>.

Em particular, os jovens tinham aqui uma verdadeira iniciação. Superando a sensação de fracasso que acompanhava tanto o amor burguês como o amor popular, imposta por barreiras de controlo social, a sublimação tinha neste espaço uma oportunidade de dissolução através do desregramento sexual.

*No arraial não se perde oportunidade para o agonismo lúdico.* Transfigurando as abluções religiosas em disputa profana, os romeiros disputam primazias. «Na madrugada de sábado para domingo, ha uma curiosa cerimonia a gosar no chafariz que fica quase junto à igreja da Atalaia: é a lavagem das caras dos romeiros, que se ordenam por grupos e vão das suas tendas, algumas co'as filarmônicas no couce e a frente ou mordomo ou juiz, que leva no braço a toalha com que, lavagem feita, se enxugam os carões de toda aquela rustilhada. (...) Aí começam tumultos facetos: o grupo que chegou primeiro não quer ceder lugar aos estranhos que vêm depois; ha gritarias, dichotes, chapadas de agua p'ró monte, debandadas de mulheres ganindo porque lhe molharam os casibeques... Intervenção dos maridos e dos manos, arremedos de batalha, 'te que algum trombone cheio de agua se despeje na cabeça de algum mais fogoso desordeiro»<sup>33</sup>.

O que era ritual sagrado, tendo sofrido uma teatralização progressiva, transforma-se no arremedo da teatralização de outro costume tradicional abandonado na cidade: o confronto entre aldeias. Bastante menos violento do que este, não comportando a morte, nem por isso deixa de dar razão às análises de Caillois: «A festa, com efeito, não comporta apenas orgias de consumo, da boca e do sexo, mas também desregramentos de expressão, do verbo ou do gesto. Gritos, zombarias, injúrias, vaivém de gracejos grosseiros, obscenos ou sacrílegos, entre um público e um cortejo que o atravessa (...), assaltos de dichotes entre o grupo das mulheres e o dos homens (...) constituem os principais excessos de linguagem»<sup>34</sup>.

Noutra romaria, o motivo lúdico da disputa é outro: «No alto da quinta, na clareira onde está a chamada Pedra Alta, ou dos Mouros, o rapazio e muitos romeiros entretiveram-se durante todo o dia a ver quem era capaz de subir ao pico daquele íngreme, escabrado e liso pedaço de granito, com cerca de seis metros de altura»<sup>35</sup>. Recorrendo a rituais ou fazendo apelo ao ludismo pueril, a disseminação da festa sofre da sua ambivalência profunda: regulamentada, salta fora das normas;

encarada como acontecimento sério é ao mesmo tempo fútil; interessando à Igreja como alargamento de uma influência em crise, acaba em multiplicação de acontecimentos gratuitos. Mas à Igreja restavam-lhe poucas soluções. Definindo o sagrado em boa ortodoxia católica, corria o perigo de ver acentuar-se o anticlericalismo da Lisboa republicana e anarquista; mantendo a situação, corria o perigo de alimentar a decadência da devoção religiosa.

Que a devoção estava em decadência, tendo aproveitado o exercício do culto para outros fins «indecentes» e «escandalosos», demonstra-o bem o decreto de 26 de Março de 1873 do Patriarca D. Inacio, de que transcrevemos parte substancial<sup>36</sup>:

«Tendo chegado ao nosso conhecimento que em várias Igrejas neste Nosso Patriarcado, e designadamente em algumas desta Cidade de Lisboa, se costumavam expor imagens a veneração publica por ocasião dos officios Divinos que se celebram nos dias de Quinta e de Sexta-Feira da Semana Santa, quando tal costume não passa de corruptela, por ser diametralmente oposto às Sagradas rúbricas, as quais estabelecem que todas as imagens estejam cobertas desde o Sábado da Paixão ate ao Sábado Santo, exceptuando sòmente desta regra a imagem de Nossa Senhora da Piedade; isto é, a imagem de Nossa Senhora com Jesus Cristo seu Filho, morto e reclinado em seus braços, e ainda assim mesmo com manto e véu negro, podendo assim ser conduzida em procissão na manhã de Sexta-Feira Santa, com pluviais negros (...) Tendo outrossim chegado também ao Nosso conhecimento que em algumas Igrejas deste Nosso Patriarcado e designadamente desta Cidade de Lisboa, vai continuar o abuso de se admitirem no número dos músicos pessoas do sexo feminino cantando com elles; o que certamente é perigoso e está em desarmonia com a disciplina da Igreja, segundo a qual só se tem permitido isso a tais pessoas quando viverem enclausuradas, e unicamente nas funções religiosas celebradas nas suas Igrejas conventuais, mediante muitas precauções, como se pondera no Rescrito que Sua Santidade Nos dirigiu em data de 3 de Fevereiro do corrente ano sob consulta Nossa.

E tendo Nós finalmente sido avisados que, em contravenção ao que dispõe a Constituição deste Patriarcado Liv. 4.º, Tit. 13.º, § 3.º *in fine*, nos três ultimos dias da Semana Santa em algumas freguesias deste Patriarcado voga o costume de tapar as janelas e frestas ao ponto de ficarem tão obscuras que as pessoas devotas não podem ler os livros de orações que levam consigo, e os incrédulos poderem praticar as acções mais imorais, indecentes e escandalosas, como desgraçadamente já tem sucedido. E querendo Nós cortar tais abusos, em desempenho do Nosso Ministério Pastoral, e em execução das mencionadas determinações, Ordenamos o seguinte:

- 1.º Que de ora em diante em toda e qualquer Igreja deste Nosso Patriarcado e Prelazias anexas, se cubram todas as imagens desde

- as vésperas do Sábado da Paixão até ao Sábado Santo, salvas as excepções acima mencionadas;
- 2.º Que em nenhuma dessas Igrejas se admitam pessoas do sexo feminino a cantar no número e coro exclusivamente composto de pessoas desse sexo, qualquer que seja a solenidade religiosa que se faça, ficando sòmente fora desta proibição as pessoas clausuradas com referência às suas Igrejas conventuais;
  - 3.º Que nos dias e noites da Semana Santa as Igrejas se conservem de tal modo iluminadas, que toda a pessoa que se encontrar dentro da Igreja, seja qual for o sítio em que estiver, possa aí ler livro que porventura tenha consigo, e daí presenciar tudo o que se fizer em qualquer sítio ou ponto interior da mesma Igreja.»

Não sabemos a que «acções imorais, indecentes e escandalosas» o Patriarca se refere. Todavia podemos antevê-las e descobri-las em referências de outras fontes. Alguns almanaques publicavam tratados sobre a «forma de namorar durante a missa»<sup>37</sup>, autênticos códigos gestuais de significado dissimulado — movimento dos olhos, das mãos, da cabeça — e de significado reconhecível. Nas igrejas das freguesias onde dominavam os costumes burgueses verificaram-se distrações profanas: um olhar que se cruzava, um sorriso que era uma promessa, um gesto discreto que confirmava esperanças. Mas os rituais de galanteria não se limitavam à ausência de contacto físico, numa estilização que segregava uma cultura amorosa específica. Bem diferente aliás da imagem reservada e cheia de pudor que nos fica das prescrições dos Manuais de Civildade de novecentos<sup>38</sup>.

O ritual do beliscão, descrito por J. Dantas<sup>39</sup>, frequente nas igrejas de Lisboa no século XVIII, manter-se-ia com certeza no século XIX, a avaliar pelos ataques da Igreja às acções imorais.

De facto, a Igreja, o espaço do sagrado, passara a ser um espaço privilegiado de sedução, contacto corporal e erotismo da burguesia. «A assistência à missa deixava de ter um significado religioso e cerimonial para passar a cumprir uma *função latente* específica: a de proporcionar oportunidades reais de galantaria»<sup>40</sup>. Também a burguesia pervertia o carácter religioso e cerimonial das manifestações religiosas. Efeitos do liberalismo e do positivismo reinantes ou de uma resistência às imposições da própria burguesia, o facto é que até as manifestações alegóricas e barrocas das festas religiosas eram desvalorizadas, numa afirmação clara de que as hierarquias e distinções se haviam deslocado para outros espaços.

Que esse carácter alegórico e barroco das festas religiosas estava em decadência demonstra-o bem a escusa pedida pela Câmara de Lisboa ao Governo de convidar os habitantes da cidade a armarem as frontarias das suas casas. «Em Lisboa era costume antigo a câmara convidar os moradores das ruas por onde passava a procissão [*Corpo de Deus*] a

armarem as frontarias das suas casas. Em 1866 a Câmara pediu e alcançou do governo escusa de fazer tal convite, com o fundamento de que muitas pessoas não acediam a ele. O costume, tanto em Lisboa como nas províncias, nesta e noutras procissões solenes, era adornar pelo menos as janelas com vistosas cobertas, no que se fazia grande ostentação»<sup>41</sup>. A festa hierática já não satisfaz sequer os escalões sociais superiores, que preferem os espaços públicos ou os salões privados para ostentarem a sua condição.

### 3. Conclusão

Nas representações ociosas do final do século XIX duas correntes divergentes se devem distinguir. A extrema valorização, revelando-se livremente nos comportamentos, como em alguma literatura, contrasta com um ataque excessivo quase a tocar o pudor.

Por vezes, são os mesmos círculos que mostravam tanto pudor no que diz respeito às práticas ociosas, que se dedicam à boémia na aspiração de «matar o tempo». O que devemos concluir então? Devemos concluir pela hipocrisia pura e simples das teses morais ou pelo cinismo de uma prática que esbarra com fórmulas incómodas?

Parece-nos que nem uma nem outra das respostas podem resolver totalmente o carácter ambivalente do ócio nos primórdios da industrialização em Portugal. Somos antes inclinados a defender que existiam duas camadas sobrepostas de civilização, em permanente compromisso, não obstante serem contraditórias.

Enquanto desejo, vivência ou recordação, o ócio polariza as relações sociais, comparando-as com «habitus» precedentes, muitos deles seculares, projectando-as em aspirações futuras. A comparação com um passado mítico, uma idade de ouro, de fausto e opulência, está permanentemente presente nos «habitus» burgueses. Mas, por outro lado, as mudanças sociais da cidade, confrontam cada vez mais o comportamento de bom tom do burguês com a rudeza do rural e do operário, impelindo-o a distinguir-se não apenas na riqueza mas também nas aparências e nos comportamentos do quotidiano. A burguesia assume as suas aspirações a classe dirigente.

Pelo seu lado, a classe operária tende à comparação com um passado mítico, de contacto íntimo com a natureza, de regresso à pureza inicial. As referências de tipo naturalista e festivo estão permanentemente presentes nos «habitus» populares. Todavia, a urbe em vias de industrialização confronta o comportamento destes homens com situações cada vez mais complexas, impelindo-os a afirmarem-se por uma instrução mais evoluída e por um conhecimento técnico e profissional mais destre. Alguns sectores populares assumem as suas aspirações a uma vida cultural e instrutiva mais completas.

No ócio pudemos descortinar heranças culturais que transmitem a continuidade e a sobrevivência, a par de perdas que provocaram desaparecimentos e substituições. Se, como acentua J. Le Goff, o estudo das mentalidades é a «*história da lentidão na história*», o estudo do lazer constitui um campo por excelência desse desfazamento entre económico, social e político, por um lado, e mental por outro. É que o ócio de Lisboa no século XIX consiste sobretudo na recorrência a comportamentos tradicionais ou na imitação actualizada de signos e símbolos aristocráticos ou rurais.

E se a mudança vai tendo lugar, ela nunca é suficientemente convincente para que alterações decisivas tenham lugar. Mas, como vimos, a análise do ócio fez revelar um tempo mental retardado relativamente ao social e ao económico. E, neste sentido, nunca se trata de mudar tudo, mas de mudar *alguma coisa*. E esta alguma coisa não é coisa de somenos quando nos colocamos numa perspectiva de história de longa duração, já que pode contribuir para o esclarecimento dos mecanismos que nos levam hoje a dar uma importância cultural tão grande ao mal-chamado tempo livre.

No decurso da sua história, o tempo livre, longe de se constituir em tempo privativo, egocêntrico, ou de relação imediatista com o envolvimento, afirmou-se como tempo social, no sentido sociológico do termo, quer dizer, como tempo criador de novas relações sociais e portador de novos valores. Os valores são definidos aqui como os princípios e as normas que guiam a acção, que permitem justificar os julgamentos e que sustentam as decisões dos indivíduos, dos grupos e das sociedades, aqueles que determinam as escolhas fundamentais e que regem os seus comportamentos individuais e colectivos.

Pela difusão de novos valores, o tempo social criado pelo aumento, ainda que ténue, dos tempos livres, nos finais do século XIX, é um tempo social que dá nascença a um novo *ethos* que podemos qualificar de *pre-consumatório* ou de *ethos do tempo instrutivo*. É um *ethos* que relativamente a alguns sectores operários sucede ao *ethos* do trabalho e do produtivismo que caracteriza todo este período da industrialização. Ele está fundado sobre o valor atribuído ao tempo instrutivo e sobre a ideia de que o crescimento económico não pode ser obtido sem que os indivíduos se possam «completar» e equiparar às classes possidentes.

O tempo livre ou, mais propriamente, o tempo fora dos constrangimentos do trabalho, é um terreno de lutas e conflitos que estão na origem de certas modificações das estruturas sociais, de novas normas, de novas regras e de novas relações sociais. Suscita igualmente novos valores que contribuem para orientar e sustentar as aspirações e as escolhas dos indivíduos e dos grupos sociais, a propósito da utilização do tempo, influenciando assim a mudança social.

É certo que não se pode falar, com propriedade, em tempo de lazer, no período que analisámos. Mas pudemos verificar como em conjugação

com a reivindicação da redução dos horários de trabalho se detectam novas formas de utilizar o tempo: o recrudescimento do *tempo religioso* e do *tempo festivo*, em aparente contradição com o anti-clericalismo urbano, parece ser uma dessas formas. Mas não é a única. Aquilo a que chamámos *tempo instrutivo*, que se caracteriza pela profusão de associações culturais, recreativas e excursionistas, em crescendo no final do século XIX, e por uma maior afirmação de uma cultura popular específica, permite a afirmação periférica, sectorial e variante de novos valores.

Como é que estes novos valores periféricos, sectoriais e variantes se tornaram centrais, globais e estruturantes na nossa sociedade actual, é uma questão que só pode ser respondida através de dois percursos de investigação. Um percurso diacrónico que permita identificar as géneses:

- a experiência de um tempo livre em crescendo contribui para a tomada de consciência dos homens, na vida vivida, das possibilidades de uma melhor qualidade de vida?

Um percurso sincrónico que permita identificar as tipologias:

- os tempos da vida humana, os lugares e os grupos sociais afirmam-se no mesmo, ou buscam maneiras opostas de representar e viver o lazer?

Dissemos no início deste trabalho que a análise diacrónica da génese do lazer encontra a sua principal justificação nos problemas que se colocam aos homens do mundo actual.

Mas com isto não se quer dizer que se pretenda descobrir no passado ensinamentos que se possam aplicar à realidade presente. As condições materiais e mentais da sociedade são diferentes. Pretende-se sobretudo compreender os valores e as operações em jogo no âmbito de actividades sociais aparentemente libertas dos mecanismos de controlo social, abrindo pistas de crítica aos dogmatismos do presente. Crítica problematizante e simultaneamente interventiva.

### *Notas Bibliográficas*

<sup>1</sup> ORTIGÃO, R. (1943/46) — *As Farpas*, Lisboa, passim.

<sup>2</sup> in *Arquivo Municipal de Lisboa* (1878) — sessão de 7/1/1878.

<sup>3</sup> SANTOS, M. L. L. dos (1983) — *Para uma sociologia da cultura burguesa em Portugal no século XIX*, Ed. Presença, p. 41.

<sup>4</sup> *Inquérito Industrial de 1881* (II.<sup>a</sup> Parte — Livro primeiro), Portugal, Ministério das Obras Públicas Comércio e Indústria.

<sup>5</sup> *Inquirições pelas Associações de Classe sobre a situação do operariado*, in *Boletim do Trabalho Industrial*, n.º 49, 1910.

<sup>6</sup> VIDAL, Angelina (1886) — «As operarias portuguesas» in *Voz do Operário*, n.º 327, 31 de Janeiro.

<sup>7</sup> TENGARRINHA, J. (1983) — «Movimento grevista e sociedade em movimento: numa perspectiva histórica até 1920» in *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 59-70.

<sup>8</sup> CABRAL, M. V., (1977) — *O operariado nas vésperas da República (1909-1910)*, Lisboa, Editorial Presença, pp. 120-121.

<sup>9</sup> ALMEIDA, Fortunato de (1970) — *História da Igreja em Portugal*, vol. III, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Porto-Lisboa, Livraria Civilização.

<sup>10</sup> *idem, ibidem*, p. 461.

<sup>11</sup> *idem, ibidem*, p. 462.

<sup>12</sup> *idem, ibidem*, p. 463.

<sup>13</sup> *idem, ibidem*, p. 463. Esta pastoral é integralmente publicada in *Bem Público*, série XIV, p. 305.

<sup>14</sup> *idem, ibidem*, p. 463. Esta pastoral é integralmente publicada in *Bem Público*, série XVIII, p. 354.

<sup>15</sup> in *Voz do Operário*, Lisboa, 1875, 1880, 1885, passim.

<sup>16</sup> *Almanaque Taborista para 1870*, (1869) — Lisboa; e *Almanaque Ilustrado do Ocidente para 1882*, (1881) — Lisboa.

<sup>17</sup> MESQUITA, A. Lisboa, (1903) — *Empreza de História de Portugal*, Sociedade Editora, p. 598.

<sup>18</sup> *idem, ibidem*, p. 598.

<sup>19</sup> FONSECA, Arnaldo, (1890) — «O Senhor da Serra» (Belas), in *Revista Ilustrada*, 15/IX.

<sup>20</sup> *idem, ibidem*.

<sup>21</sup> *idem, ibidem*.

<sup>22</sup> *idem, ibidem*.

<sup>23</sup> Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa (n.ºs 7791, 14 871, 17 041, 7571, 7572, 11 197).

<sup>24</sup> BASTOS, S. — *Lisboa Velha*, cit. por CÂNCIO, F. in *Arquivo Alfacinha*, vol. I, caderno VIII (p. 2).

<sup>25</sup> VICTOR, Jayme (1890) — *Brasil-Portugal*, 1/IX.

<sup>26</sup> *idem, ibidem*.

<sup>27</sup> RAU, V. (1943) — *Subsídios para o estudo das feiras medievais portuguesas*, Lisboa.

<sup>28</sup> CAILLOIS, R. — *O homem e o sagrado*, Lisboa, edições 70, pp. 122-123.

<sup>29</sup> FONSECA, Arnaldo — in *op. cit.*

<sup>30</sup> COSTA, Mário (1950) — *Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa*, Lisboa, C. M. L., p. 278.

<sup>31</sup> *idem, ibidem*.

<sup>32</sup> BASTOS, Sousa (1917) — *Lisboa Velha (1850 a 1910)*, Lisboa, p. 27.

<sup>33</sup> ALMEIDA, Fiamó (1953) — *A Esquina*, cit. por Francisco CÂNCIO in *Arquivo Alfacinha*, vol. I, caderno XI, p. 18.

<sup>34</sup> CALLOIS, R. (1979) — *O homem e o sagrado*, Lisboa, Edições 70, pp. 118-119.

<sup>35</sup> PIMENTEL, Alberto (1903) — *A Extremadura Portuguesa*, vol. II, Alberto Pimentel transcreve relatos de Jornais de 1903.

<sup>36</sup> in *Bem Público*, série XVI, p. 313.

<sup>37</sup> *Almanaque das Travessuras do Cupido para 1913*, Porto, 1913, cit. por PAIS, José Machado in *Artes de amar da burguesia*, Lisboa, edições do I. C. S. da U. L., 1986, pp. 39-41.

<sup>38</sup> SANTOS, Maria de L. L. dos (1983) — *Para uma sociologia da cultura burguesa em Portugal no século XIX*, Lisboa, Ed. Presença, passim.

<sup>39</sup> DANTAS, J. (1916) — *O Amor em Portugal no Século XVIII*, Porto.

<sup>40</sup> PAIS, J. M. (1986) — *Artes de amar da burguesia*, Lisboa, edições do I. C. S. da U. L., p. 37.

<sup>41</sup> ALMEIDA, Fortunato de (1970) — *História da Igreja em Portugal*, vol. III, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, p. 456.

## 50 Ans d'Éducation Physique en Europe

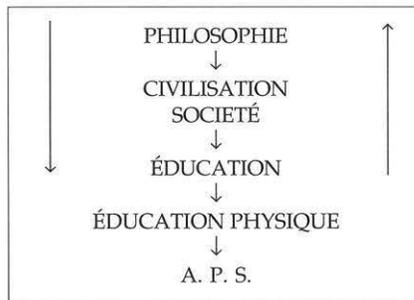
Walter Dufour \*

### *Introduction*

Sans doute est ce une impossible gageure que de tenter, en un délai si bref de réaliser une synthèse précise et complète de 50 années d'évolution de l'idée de l'éducation physique en Europe.

C'est pourquoi nous nous limiterons à un survol rapide qui devrait tenter pourtant de dégager quelques lignes directrices, quelques invariants qui sous tendent toutes les options.

Pour structurer ce débat nous nous situerons aux deux pôles extrêmes du champ dialectique qui nous occupe, c'est à dire que nous opposerons d'une part les choix philosophiques fondamentaux à réaliser, aux activités physiques et sportives, d'autre part qui furent concrètement développées dans nos pays.



**Figure 1**

\* Vrije Universiteit Brussel.  
Boletim SPEF, n.º 4 Primavera de 1992, pp. 79-97.

Il s'agit bien d'un *champ dialectique* car si l'on peut admettre que c'est d'abord une philosophie de la vie qui détermine un choix de civilisation, un type de société, d'éducation et de pratiques physiques il faut admettre, par ailleurs que le système est réversible et que c'est parfois un choix existentiel de pratiques physiques (ou autres) qui modifie le programme des A. P. S., le concept d'éducation, la société et sa vision philosophique (voir figure 1).

### 1. Les 4 grands choix philosophiques

Divisant traditionnellement le champ des méditations philosophiques en 4 domaines (voir figure 2): la métaphysique — la logique — l'axiologie et l'épistémologie nous en étudierons successivement les grands options pour tacher d'orienter un débat qui sera forcément réduit à ses données essentielles.

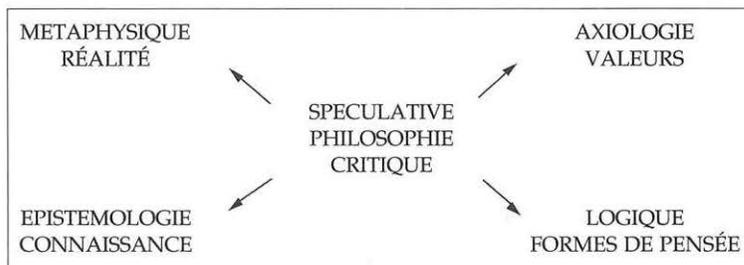


Figure 2

#### 1.1 Un choix métaphysique: monisme et nature; dualisme et culture (voir figure 3)

MONISME et NATURE	DUALISME et CULTURE
1. DETERMINISME 2. FIXISME	1. SCIENCE 2. TRANSCENDANCE
GUTS MUTHS JAHN HÉBERT JEUX JAZZ	PESTALOZZI LING LE BOULCH
EXISTENTIEL	ESSENTIEL
 PHÉNOMÉNOLOGIE	

Figure 3

Toute l'E. P. a toujours été influencée par une sorte de rapport mythique à la nature, à une conception moniste d'un corps intégré à son milieu.

Cette idée de nature implique 2 notions importantes:

1. Les lois de la *philogenèse* et de l'évolution regissent les êtres vivants qui obéissent ainsi à un *déterminisme* physiologique.
2. La «nature» est un principe directeur, une ligne de conduite, un *but*.

Elle est une finalité. Elle seule apprend à connaître (*Kenntnis durch Erlebnis*).

Le rationalisme de l'abbé Fleury, l'empirisme de Rabelais, Montaigne, J. J. Rousseau, Guts Muths, la méthode naturelle de G. Hébert, le *naturliches Turnen* de Gaulhofer, les «organische Bewegungen» de Bode, Medau, les recherches instinctives, profondément animales des techniques de jazz, par exemple, sont de cette veine. Les philosophes Klages, Dilthey pour n'en citer que deux, ont été les penseurs de cette tendance.

C'est parfois très empirique, irrationnel, trop fixiste mais c'est en tout cas profondément ancré dans le corps humain, profondément senti, profondément vrai, ce ne peut donc être oublié.

L'*idée de culture* (souvent associée au dualisme) suppose une attitude inverse et a tendance à séparer les techniques corporelles d'une transcendance qui les dépasse.

L'homme doit diriger ses instincts, apprendre à les objectiver et à les transcender. Il faut donc apprendre à maîtriser la machine et pour cela l'analyser. C'est donc le domaine des hommes de sciences: anatomistes, physiologistes, psycho-pédagogues.

C'est Galien, Paracelsus, Borelli, avec son iatomécanique, c'est d'Alembert qui fait, de l'E. P., une science exacte, c'est Vieth.

C'est aussi la rationalisation du mouvement qui conduit à Spiess, Nachtegael, Ling, Törngren, Thulin, Niels Bukh et les psycho-cinétiens sans oublier les cybernéticiens.

Ces études du mouvement humain courent hélas souvent le risque de ne présenter de l'acte humain qu'une facette simpliste, ridicule, insuffisante hors de la réalité phénoménale. Elles deviennent alors un exercice de style qui utilise un langage seul accessible aux initiés.

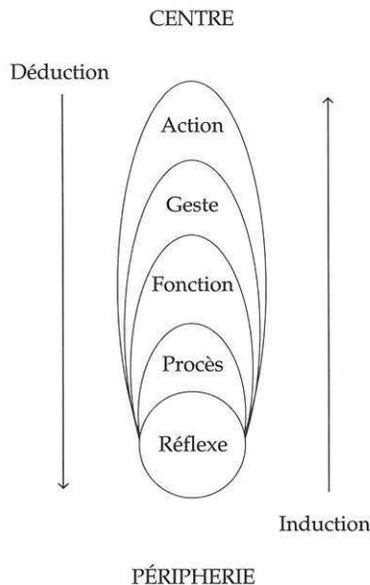
Ainsi le conflit principal a conditionné depuis toujours le comportement de ceux qui ont étudié ce passionnant phénomène du mouvement humain et il continue à déterminer les oppositions dans tous les domaines qu'ils soient extérieurs à l'E. P. ou proprement internes.

Actuellement (voir figure 4) avec l'avènement de la phénoménologie cette opposition volontiers manichéiste semble être réduite à des oppositions moins tranchées car on peut considérer le comportement moteur comme une structure à double entrée où l'enchaînement «reflexe-process-

-fonction-gestes fondamentaux-actions cognitives» peut être mis en jeu dans les deux sens.

Tantôt c'est le cortex qui lance ses ordres à la périphérie (c'est le dualisme Cartésien), tantôt c'est la périphérie elle-même qui suscite des comportements et des prises de conscience nouvelles (c'est la parole parlante de Merleau-Ponty).

Dans un tel système à boucle perpétuelle, induction et déduction se combinent dans un monisme plus moderne combinant objectivité sévère et subjectivité totale.

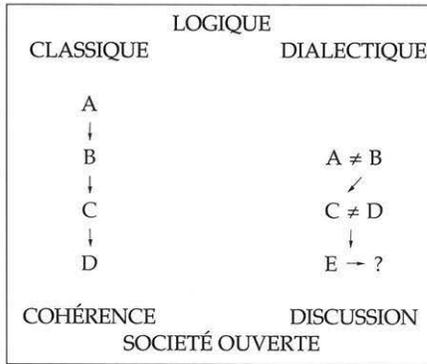


**Figure 4**

### 1.2 Un choix de logique: (voir figure 5)

Cette option d'un système qui s'auto-structure en une perpétuelle remise en question correspond d'ailleurs elle aussi à la révolution hégélienne qui oppose:

- à la logique classique d'un système cohérent mais statique aux structures immanentes;
- une logique dialectique où les extrêmes s'opposent tout le temps dans une révolution permanente avec des remises en cause contingentes et des resynthèses inattendues.



**Figure 5**

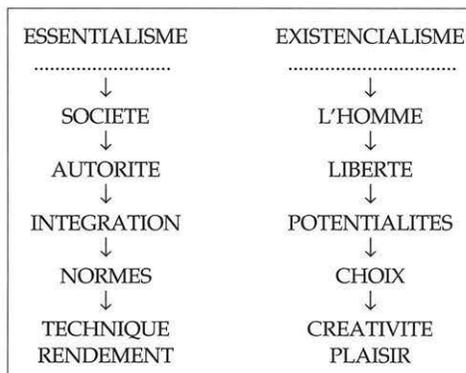
Notre mode de vie actuel suppose une société ouverte (Karl Popper) qui suspecte toute vision structuraliste d'un fixisme intolérable et la refuse obstinément: entre cohérence et révolution!

### 1.3 Un choix de système de valeurs: (voir figure 6)

Toutes nos sociétés on été confrontées à une difficile option des taxonomies.

Tantôt c'est une société autoritaire qui intègre l'individu dans un réseau de normes et de devoirs et qui exige de lui rendement et perfection technique. C'est une option essentialiste qui ne laisse pas de place à l'individu et ne lui donne un sens que par son efficacité dans la collectivité d'un système.

Tantôt c'est une société permissive qui laisse l'homme libre de ses choix, qui suscite et développe toutes ses potentialités, qui cherche d'abord à motiver et à plaire avant de convaincre et d'imposer.



**Figure 6**

C'est une option existentielle, anthropocentrique.

La mort du Marxisme nous a montré d'une manière spectaculaire la faillite d'un des systèmes appliqué jusqu'à l'aveuglement, mais la permissivité de nos sociétés capitalistes nous suggère de modérer sans doute notre enthousiasme pour l'autre option. Structures et libertés devraient pouvoir se combiner dans nos programmes modernes. Le respect de l'individu n'implique pas nécessairement l'abdication d'un système éducatif qui oblige à respecter certaines règles essentielles de la vie en société.

1.4 Un choix épistémologique: (voir figure 7)

EPISTÉMOLOGIE		
CULTURE QUALITÉS MOTRICES		NATURE HABILITÉS TECHNIQUES
.....		.....
	F	
MUSCLE	S	ELEM.: G, L, S, W
	VIT	
CARD. P.	END	SPORTS: BB, HB, FB
S. N. — COORD.		
.....		.....
A-SPÉCIFIQUES		SPÉCIFIQUE
OBJECTIVES	≠	SUBJECTIVES
UNIDIMENSIONALES		MULTI
DEDUCTION		INDUCTION
?		

Figure 7

C'est en ce point précis que le choix des options a les conséquences les plus importantes sur les techniques des A. P. S., car il s'agit ici de savoir si les qualités physiques et motrices comme la force, la souplesse, la vitesse, l'endurance, la résistance, la coordination sont réellement des concepts scientifiques valables.

La science sportive conteste de plus en plus le caractère a-spécifique de ces qualités, aucune n'est unidimensionnelle, aucune n'est indépendante de son contexte.

Dès alors, est remis en question tout un mode de pensée qui consistait à développer à l'école une série de qualités de base, transférables partout et justiciables d'un entraînement formel, utilisant des exercices artificiels, objectivement mesurables, analytiques et détachés de leur contexte (voir figure 8). La science de l'entraînement opte de plus en

plus des exercices spécifiques, situés dans leur contexte et respectant au maximum les caractéristiques des facteurs force, temps, espace, vitesse qui copient au mieux le geste technique.

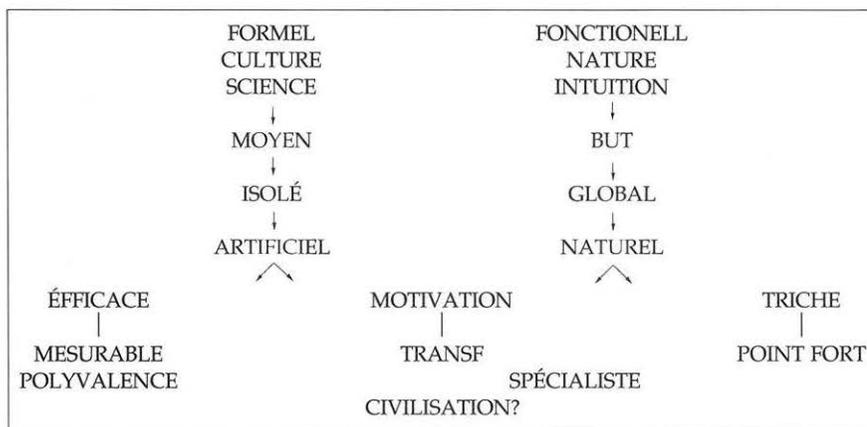


Figure 8

Pour nombre de pédagogues, il s'agit d'une véritable révolution épistémologique qui a amené toute l'E. P. en situation de crise.

En effet s'il est vrai que la polyvalence, l'école de base préparant toutes les options, le transfert des qualités de base se révèlent autant d'utopies; alors il faut procéder à une révision déchirante que beaucoup ont réalisée avec enthousiasme. Il faut puiser dans les jeux sportifs et même dans la mode du moment des activités fonctionnelles, spécifiques, attrayantes et se limiter à une hyperspécialisation valorisante mais restreinte. C'est ici sans doute le point le plus délicat du débat philosophique.

Mais il faut bien admettre que ce débat n'est pas neuf et qu'il a toujours constitué le coeur même des discussions méthodologiques et techniques.

Sans doute, ces 4 options philosophiques primordiales mériteraient elles un fort long débat mais contentons nous pour le moment d'utiliser ces 4 clés pour examiner dans une perspective diachronique comment les praticiens ont tenté de constituer une méthode justifiable.

## 2. Survol historique — Les options pratiques

2.1 Déjà au XVIII<sup>ème</sup> siècle les fondateurs de notre pédagogie des activités physiques actuelles sont opposés et divisés: (voir figure 9).

- a) Guts Muhts qui s'inspire du sensualisme de J. Locke, hésite entre les procédés de classification des exercices.

A cause de Rousseau il voudrait préférer les critères pédagogiques, à cause de Fuller il s'intéresse au classement basé sur la mécanique, à cause de Tissot il pense au classement anatomique mais il préférera à tout cela le simple classement générique et par genre d'activités naturelles (grimper, sauter, danser, courir, etc.). Il est homme de la nature.

- b) Pestalozzi, théologien, pédagogue va au contraire préférer dans son *A. B. C. der Physischen Tätigkeiten* une classification anatomique, abstraite et scientifique.  
D'un côté l'homme de la nature, de l'autre celui de la culture.

XVIII SIÈCLE	
GUTS MUTHS	PESTALOZZI
1755-1839	1746-1817
Gymn. für die Jugend	ABC der Phys. Tätigkeiten
GENÉRIQUE	ANATOMIQUE
XII FAMILLES	TÊTE
MARCHE	TRONC
COURSE	BRAS
SAUTS...	JAMBES

Figure 9

Ici déjà le contraste est présent. D'un côté le fonctionnel, de l'autre le formel...

2.2. Au XIX<sup>ème</sup> siècle: vont s'opposer en Europe 3 systèmes précis: le turnen, la gymnastique médicale et le sport. (voir figure 10).

XIX SIÈCLE		
GYMN.	SUÉDOISE	SPORT
JAHN	LING	ARNOLD
NATIONALISME	SANTÉ	ÉDUCATION
GENÉRIQUE	GÉNÉRIQUE	JEU
	ANATOMIQUE	SPORT
Fr. Fr. Fr. Fr.	DRILL	STRUGGLE FOR LIFE

Figure 10

- a) La gymnastique médicale de Ling reste fidèle aux principes scientifiques purs et objectifs et se cantonne dans des activités de plus en plus formelles et situées hors de la mode et des pulsions instinctives. Elle connaîtra son apogée en 1900 dans nos pays.

b) Par contre le *turnen* et le sport sont deux activités qui, prenant leur racine dans les activités naturelles, instinctives (*Grund-tätigkeiten*), sont déviées de leur but utilitaire premier pour être façonnées par la société.

Le «*turnen*» de Jahn devient un instrument de formation populaire (Frish — Frei — Fromm — Fröhlich) à but nationaliste et Spiess aura bien du mal à lui rendre un caractère plus purement pédagogique. L'Allemagne de l'Est en récupérera les motifs politiques.

c) Le «sport» qui s'appuie lui aussi sur des activités instinctives, spontanées et jouées va en modifier profondément les aspects en les enfermant dans des compétitions strictes et réglementées.

Ici encore l'influence de l'acculturation est sensible. Ainsi, à la fin du XIX<sup>ème</sup> siècle les activités physiques ont pris trois directions qui ont été bien définies mais s'opposent. C'est la période des conflits de méthodes et de personnes.

2.3 Si l'on tente un *panorama des tendances de notre siècle* actuel on peut référer *six orientations fondamentales* qui toutes sont nées de ces mêmes oppositions fondamentales entre la culture et la nature. L'essentiel et l'existentiel, le formel et le fonctionnel. Passons les brièvement en revue. (voir figure 11).

XX SIÈCLE	
1. NATURELLE	HÉBERT
2. PHYS. MORPHO.	GAULHOFER
3. MUSICALE	SUÉDOISE
	BODE
4. PSYCHO. MOT.	GRAHAM
	LE BOULCH
	SCHNABEL
5. PÉDAGOGIQUE	BERNETT
	PARLEBAS
6. SPORTIVE	COMPÉTITION
	RECRÉATION

Figure 11

2.3.1 *La méthode naturelle* (voir figure 12) a connu en France avec Georges Hébert et en Autriche avec Karl Gaulhofer (*der Natürliche Turnen*) son prolongement le plus pur. Hébert reste attaché aux gestes propres à l'espèce humaine, au perfectionnement foncier (endurance) au contact avec les obstacles de la nature et ses principes seront la règle de base de la préparation physique de toutes les armées du monde.

	NATURELLE
	PHYLOGENÈSE
	CLASSIFICATION GÉNÉRIQUE
HÉBERT	PERF. FONCIER PARCOURS NATUREL
GAULHOFER	ORGANISCHE BEWEGUNG
FORMATION	CORPS MOUVEMENT PRESTATION CREATIVE

**Figure 12**

Gaulhofer, plus élaboré, plus au courant des autres tendances (notamment: suédoises) tente de réaliser une synthèse mais reste obsédé par la recherche du geste naturel, instinctif. Sa systématique qui s'appuie sur les quatre *Bildunggsabsichten* (éducation du corps, du mouvements, de la prestation sportive et de la création) semble tenter une synthèse mais son idée de base reste le respect de la nature et de ses lois. Il n'a cessé d'affirmer que, pour lui, l'E. P. ne serait jamais l'oeuvre d'un scientifique et qu'elle ne serait jamais mise au point que par un praticien intuitif et «artiste».

*En l'an 2000* (voir figure 13):

I. 2000?
1. LA NORMALITÉ?
2. SEULEMENT EN PRIMAIRE?
3. BASE DU SPORT
4. PRÉPARATION MILITAIRE?
5. CONTRE LA CORRUPTION SPORTIVE
RETOUR A LA NATURE
«LA GLISSE»
CALIFOR.
BIO-ÉNERGIE

**Figure 13**

Sans doute, l'idée de nature pose le problème connexe de la normalité et faudra-t-il choisir dans la typologie de Buitendyck entre le «naturel», le «courant», le «biologiquement» normal, le social et l'individuel pour resituer l'idée mythique de Hébert dans un context plus moderne.

Mais il reste que ces techniques de base sont et demeureront longtemps encore la base de l'école maternelle et primaire, de la

préparation militaire (pistes d'obstacles), de la préparation sportive. En tant que telle, elle reste incontournable. Pourquoi pas voir dans les modes du retour à la nature (la glisse, les techniques Californiennes, la bio-énergie) un prolongement de l'idéal Hébertiste et un contre poids à la corruption sportive?

2.3.2 *La tendance physio-morphologique* (voir figure 14) appelée aussi suédoise a connu 3 orientations différentes et souvent opposées.

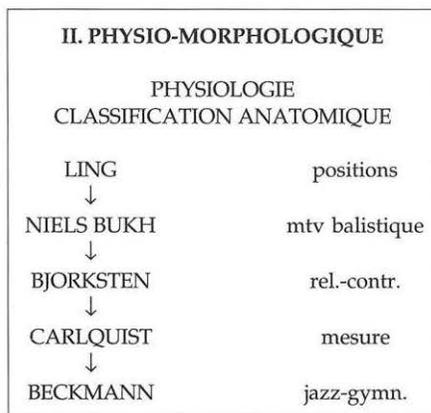


Figure 14

Avec Niels Bukh elle s'est épurée, a restreint ses objectifs pour ne viser que le «*body building*».

Les techniques simplifiées de musculation et d'assouplissement sont centrées sur quelques muscles et la «*Primitiv Gymnastik*» est la cristallisation de l'esprit «suédois» poussé à l'extrême. Niels Bukh en était conscient même dans le choix du titre de sa méthode «*Primitiv Gymnastik*». Le power training, le circuit power training sont aussi des méthodes basées sur les mêmes principes.

Avec Elin Falk, Eli Bjorksten, Maja Carlquist, Jalkanen et Monica Beckmann l'esprit du «suédisme» a dû évoluer vers plus de naturel, plus d'instinct, plus d'intuition féminine.

Les techniques de relâchement, les idées de rythme et plus récemment les influences de la Modern Dance et du jazz font subir à la gymnastique «anatomique» des assauts sévères.

Et Thulin et Lindhard qui tenteront eux aussi la difficile synthèse par leur «*éclectisme physiologique*» ont senti combien la «rationalité» des fondateurs est mise en question par les intuitions souvent brillantes des praticien et des artistes. Ici encore le débat n'est pas tranché.

En l'an 2000 (voir figure 15)

- |                              |
|------------------------------|
| <b>III. 2000?</b>            |
| 1. FITNESS et POWER TRAINING |
| 2. AEROBICS                  |
| 3. JUSTIFIC. PARA-MÉDICALE?  |
| 4. LE CORPS                  |
| jogging                      |
| body building                |
| fitness                      |
| stretching                   |
| rope skipping                |
| 5. ENSEIGNEMENT SECONDAIRE?  |

Figure 15

Il faut s'attendre à ce que la justification para-médicale d'un tel mode de pensée demeure un des derniers bastions de la défense de l'E. P. et du sport à l'école.

Les modes du «physical fitness» et du «power training», de l'«aerobics», les retours au corps du «jogging», du «stretching», et même du «rope skipping» sont probablement plus acceptés par leur caractère d'exotisme anglo-saxon ou par leur impact dans les mass media (cfr. Galaxie, Gutenberg, Mac Luhan) que par leur valeur propre. Il n'est resté pas moins que nos sociétés techniciennes éprouvent instinctivement ce besoin de recentrage sur le corps que l'enseignement secondaire se doit d'inciter, d'enseigner, de développer.

2.3.3 *La tendance musico-esthétique* (voir figure 16) devrait être ici encore le triomphe de la nature si elle n'était une fois de plus corrigée par la culture.

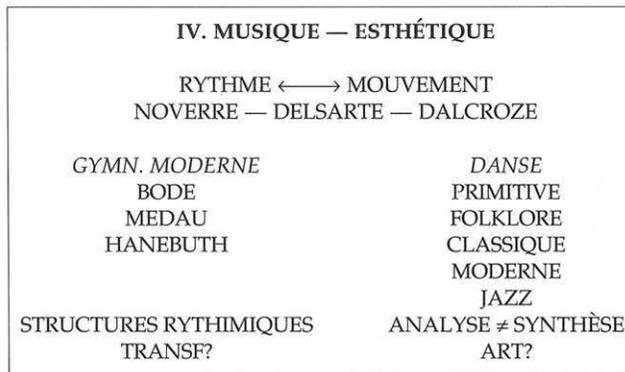


Figure 16

Depuis toujours la danse et les activités rythmées ont représenté une part importante de l'éducation physique féminine. Mais après les travaux de Noverre, Delsarte, Duncan et Dalcroze l'interpénétration du rythme et du mouvement a donné naissance à deux courants complémentaires qui ont profondément réformé les techniques corporelles: la gymnastique moderne d'une part et la modern dance d'autre part.

a) *La gymnastique moderne* qui fut l'oeuvre de Rudolf Bode, H. Medau en O. Hanebuth représente la recherche obsessionnelle des structures rythmiques de base communes aux mouvements gymniques et sportifs élémentaires.

«*L'organische Bewegung*» que Bode a tenté de systématiser est avant tout un placement des accents et des temps faibles où la tension musculaire alterne avec les relâchements.

Le jeu des forces dans l'espace et le temps, enseigné par les techniques utilisant les balles, les cerceaux, les cordes, les anneaux de fer, les engins de gymnastique et d'athlétisme a été brillamment illustré par tous ces mystiques allemands.

Pour eux le rythme est élevé à la hauteur d'un mythe cosmogonique mais il reste un moyen d'apprendre le «richtige Bewegung» (le mouvement correct).

b) *La modern dance* par contre représente une finalité en elle même. En partant de la danse primitive et en passant par les formes rituelles et symboliques du ballet académique, la danse évolue vers des formes plus modernes qui motivent puissamment la jeunesse. En Allemagne: Von Laban, Mary Wigmann et Kurt Joos; aux U. S. A.: Martha Graham, José Limon, Merce Curnningham et Alvin Ailey ont systématisé le fruit de leur recherche minutieuse. Par les techniques de la Modern Dance et du jazz ballet, ils imposent un écolage du mouvement très strict, très analysé. Ainsi la danse, expression créatrice primitive par excellence, se caractérise par un retour à l'intuition, à l'essentiel, mais impose une analyse quasi religieuse du corps et une redécouverte des articulations que les rationalistes comme Ling n'auraient pas désavouées. Ici encore la culture et l'art s'appuient sur la nature et la raison.

En l'an 2000 (voir figure 17)

V. 2000	
1. RYTHMIQUE	G. R. S.
2. DANSE PRIMITIVE	MODE?
FOLKLORE	MORT
DANSE MODERNE	NARCISSISME
JAZZ	JEU? ou ART? ou GYMNAST.
3. FORMATION AU MOUVEMENT	

Figure 17

Il faut bien constater que toutes les techniques formelles de la gymnastique moderne sont rangées aux oubliettes de l'histoire. Au contraire, on a fait des principes de Medau, une utilisation bien pauvre en centrant toutes ces techniques sur des numéros de jonglerie de compétition: la GRS.

Le formel est devenu un sport et a perdu sa pureté...

La danse elle-même reste hélas bien sujette aux modes du moment. La primitive garde quelques adeptes vite rassasiés. Le folklore meurt lentement. La modern dance, par son exigence ascétique sélectionne des adeptes volontiers narcissistes. Le jazz enfin reste un jeu, est parfois encore une gymnastique et n'est que bien rarement un art d'expression.

Il reste que cette tendance demeure un excellent outil de formation au mouvement mais la mode risque bien de faire perdre la tête aux pédagogues même les mieux armés.

2.3.4. *La tendance psycho-motrice* (voir figure 18): Quand Ling cherchait à mettre au point une gymnastique de base qui pourrait rendre l'homme «apte à toutes les activités physiques» ultérieures, il pensait trouver le facteur de «cohérence», l'invariant qui réglerait tout le comportement humain. C'était l'anatomie! Les cybernéticiens comme Frederich Fetz, les psycho-cinéticiens comme Le Boulch (en France) et les travaux de Cratty (aux U. S. A.) et de Ungerer (en Allemagne) sont tous influencés par la même idée qui s'exprime dans les théories plus générales du «structuralisme» et la recherche d'un idéal d'intelligibilité.

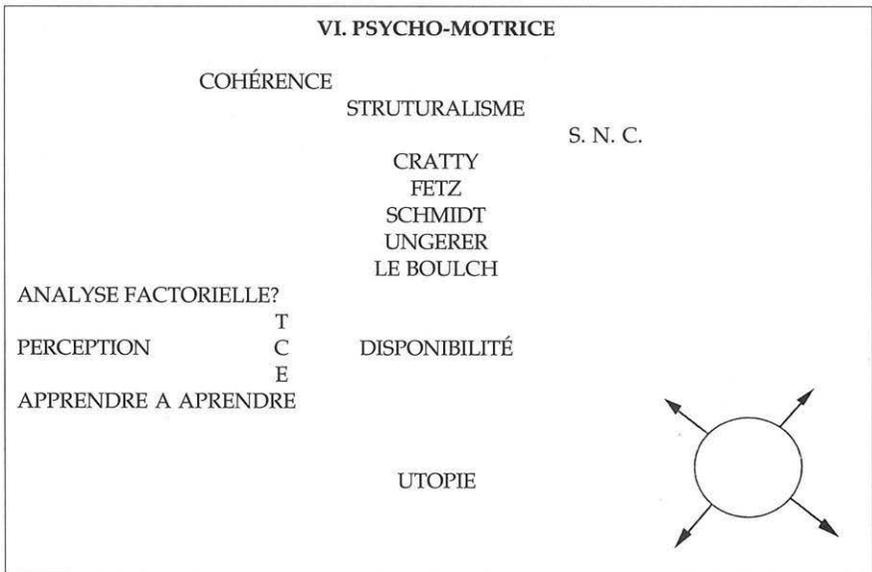


Figure 18

Il s'agit de trouver (comme chez Le Boulch) les facteurs qui conditionnent l'apprentissage neuro-moteur, d'étudier avec précision les mécanismes de la perception, de la fonction d'adaptation, de la coordination pour dégager (si possible) une série de techniques formelles susceptibles de réaliser ainsi une éducation de base. Avec elle l'individu «apprend à apprendre» et devient «disponible», c'est à dire capable d'apprendre n'importe quelle activité physique. Cette démarche cartésienne s'est beaucoup développée en France et au Canada et surtout dans les pays latins. La fascination de la cohérence rappelle le cartésianisme.

Hélas, cette recherche passionnante n'a jusqu'à présent pas souvent abouti à une pédagogie nouvelle.

Elle reste au niveau de l'expérience, sinon de l'utopie. Le transfert des *learnings* n'est guère prouvé!

Et les praticiens qui s'inspirent inversent le processus c'est à dire qu'ils justifient leurs progressions (souvent traditionnelles) d'exercices par des références à la théorie.

Ici encore, on s'aperçoit que la théorie scientifique, toute valable qu'elle soit, ne propose que des exercices extraits de leur contexte et dont la motivation est très difficile.

*En l'an 2000:* (voir figure 19).

On va s'apercevoir, comme l'avait présenté Monique Vial, qu'il y a bien peu de pédagogie des opérateurs et que la pratique insiste toujours plus sur celle des opérations. Les tendances structuralistes de P. Parlebas à propos des conduites motrices, celle de F. Mahlo sur l'acte tactique en jeu sont des théories fascinantes que la pratique infirme trop souvent et la querelle des partisans d'une «General Motor Ability» (habileté polyvalente) contre ceux de la spécialisation à outrance n'est certes pas près de se terminer.

Peut-être les neuro-sciences (cf. Paillard) nous donneront-elles les réponses attendues?

VII. 2000?	
1. PÉDAGOGIE DES OPERATEURS DES OPÉRATIONS?	M. VIAL
2. STRUCTURALISME ET CONDUITES MOTRICES	PARLEBAS
3. ACTE TACTIQUE EN JEU?	F. MAHLO
4. POLYVALENCE ≠ SPÉCIALISATION SKILL ≠ SKILLS?	
5. NEURO-SCIENCES	PAILLARD?

Figure 19

2.3.5. *La tendance pédagogique* (voir figure 20): tous les programmes d'activités physiques se sont toujours basés sur des objectifs plus ou moins implicites qui sont souvent *apodictiques* (p. ex. le saut développe le courage, la gymnastique développe l'intelligence, etc.)

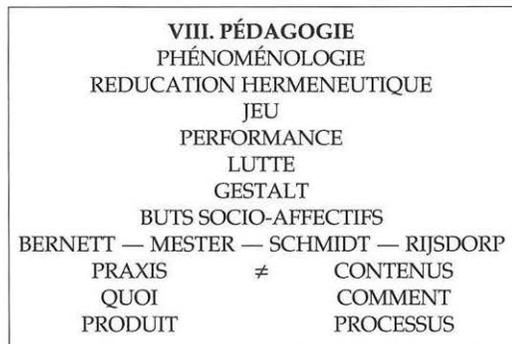
Les pédagogues du 20e siècle cherchent au contraire à justifier les activités physiques par l'analyse de leur valeur intrinsèque.

C'est notamment le but de nombreux philosophes et pédagogues allemands comme Omo Gruppe, Otto Hanebuth, Ludwig Mester, Hajo Bernett ou néerlandais comme Groenman, Gordijn ou Rijdsorp.

Presque tous réagissent en phénoménologues et tentent de dégager une «herméneutique» des activités proposées à l'enfant.

Il faut tâcher de trouver les motivations profondes des 4 activités de l'homme.

- a) la détente spontanée, le plaisir (le jeu).
- b) la maîtrise volontaire de l'environnement (le turnen)
- c) les actions du type compétitif ou agonale (le sport).
- d) créativité, la création musicale, l'introversion corporelle (la danse, la gymnastique) (Gestalt)



**Figure 20**

Ici encore la double polarité des aspects subjectif et objectif est le plus grand obstacle à la réalisation d'une synthèse acceptée par tous.

La liaison profonde de l'éducation physique avec l'action, la praxis, empêche une différenciation qui soit basée sur l'analyse toujours incomplète des contenus «éducatifs», «sociaux», «psychiques», «psychanalytiques». Les philosophies comme celle de Dilthey (l'esprit objectif) et celle de Merleau Ponty (la phénoménologie de la perception) peuvent donner une idée de la dynamique dialectique qui oppose l'homme à son milieu mais ici encore la détermination des «normes» et des «catégories» reste une tentative de synthèse quasi impossible.

En effet tous ces pédagogues donnent toujours la primauté à la manière d'enseigner, à la motivation de l'enfant pour laisser au second

plan ce qui est réellement enseigné. De ce fait ils entrent en conflit avec le praticien centré sur l'apprentissage d'un «skill» à l'aide d'un «drill» d'autant plus efficace qu'il est automatisé et inconscient.

En l'an 2000: (voir figure 21)

IX. 2000?	
1. CRITIQUE SOCIALE	
M. MAUSS: le corps	
VIGARELLO: le corps redressé	
PARLEBAS: l'E. P. en miettes	
J. M. BROHM: le corps et le pouvoir	
2. LE ROLE DE L'IMAGINAIRE	
B. JEU	
M. BOUET	
BUYTENDIJK	
	LA CULTURE?
3. LA SOCIÉTÉ ≠ L'HOMME	

Figure 21

Il faut s'attendre à voir s'accroître encore cette recherche éperdue d'une transcendance de l'acte moteur vers des fins plus «nobles».

La critique sociale du mouvement sportif dans la société est de plus en plus sévère.

Les recherches de M. Mauss sur le corps, de Vigarello sur le corps redressé, de Parlebas sur l'E.P. en miettes, de J. M. Brohm enfin sur le corps et le pouvoir mettent à dure épreuve les pédagogues chargés de rédiger les instructions ministérielles et de spécifier d'un programme. Le rôle de l'imaginaire souligné par M. Bouet, B. Jeu et autre Buytendick n'est pas là pour faciliter les choses.

Il reste que le choix de la place du corps dans la société moderne est un point central de toute taxonomie. C'est un choix de civilisation.

2.3.6. *La tendance sportive* (voir figure 22):

X. SPORTIVE	
JEU: AGON — ALEA — MIMICRY — ILINX	
SPORT: PAIDIA → LUDUS	
LES SCIENCES DU SPORT	
OPTIMISME	PESSIMISME
CATHARSIS	CONDITIONNEMENT
VALORISATION	QUANTIFICATION
OLYMPISME	FOIRE
E. U. A. — R. D. A.	
TECHNIQUE COMME MODÈLE	

Figure 22

Dans notre société où la spécialisation et la haute technicité donnent sa supériorité, il était normal que le sport suive aussi les règles du *struggle for life* et en copie les aspects. Pratiquement tous les pays de l'Est, les U. S. A. et, en général, tous les pays jeunes ont remplacés le terme «d'éducation physique» par «enseignement du sport» (Sportunterricht).

Au lieu de se limiter à une éducation polyvalente de base ou d'une «grammaire du mouvement» il suffit de détecter au plus tôt les points forts de l'enfants, de l'orienter vers un sport où il peut briller et de le pousser ensuite vers la compétition.

C'est probablement en Allemagne de l'Est que ce procédé a été poussé le plus loin puisqu'il répondait en plus à un but politique avoué.

Le marxisme a donné au sport de compétition un statut tout à fait exceptionnel. La science du sport s'y développait plus qu'ailleurs et l'homme avait le devoir de concrétiser sa valeur physique et morale par des prestations et des records.

Les 5 qualités de base: force, souplesse, vitesse, endurance et coordination n'ont de valeur que par le canal de la prestation chiffrée. Le geste naturel s'est codifié, quantifié, limité. Cette conception, à cause du climat social actuel, remporte de plus en plus de succès dans tous les pays et il semble bien que si un compromis nature ≠ culture peut être trouvé, c'est dans le sport qu'on s'en approche le plus.

Mais les humanistes et les hommes de sciences perçoivent très bien le danger de la course aveugle aux performances et recherchent désespérément ce qui est essentiel à l'homme.

C'est la lutte de l'humanisme contre le technicité, c'est la lutte de deux civilisations: celle de l'efficacité et du rendement contre celle de la sagesse et de la tradition. C'est la lutte aussi de deux philosophies de l'existence: l'essentialisme et l'existentialisme.

En l'an 2000: (voir figure 23)

- |  |
|--|
| <p><b>XI. 2000</b></p> <p>1. QUEL SPORT A L'ÉCOLE?<br/>7 SACREMENTS ≠ CURRICULUM OUVERT?</p> <p>2. PARASCOLAIRE</p> <p>3. LE SPORT et LE MARCHÉ LIBRE</p> <p>4. LE DROP-OUT</p> <p>5. APPRENDRE EN JOUANT ≠ ENTRAÎNEMENT</p> <p>6. DIVERSIFICATION ou DESINTÉGRATION</p> |
|--|

**Figure 23**

Se posera plus que jamais la question du choix des activités sportives car il faudra trouver un critère de selection qui satisfasse à la fois aux réalités scientifiques et surtout aux culturelles.

Le sport est devenu un élément du marché libre de l'offre et de la demande. Les médias le vendent, les professionnels du management le structurent à leur manière.

Beaucoup de jeunes, d'abord séduits, quittent bientôt ce milieu mercantile et c'est sans doute l'école seule qui pourra conserver les idées saines du développement corporel individuel.

Sinon le sport plutôt que de rester un facteur de diversification de l'E. P., pourrait en devenir le facteur de désintégration.

**Conclusion** (voir figure 24)

Ce rapide survol des tendances extrêmes qui marquent notre siècle n'a eu pour but que de montrer combien difficile et délicate est la tâche de ceux qui doivent former les éducateurs.

A notre avis il serait indéfendable de leur imposer une doctrine qui ne permette pas un libre examen de toutes les autres.

Nous pensons que c'est en comparant les avantages et les défauts des unes et des autres que l'on pourra approcher la vérité et résoudre le conflit séculaire de la nature opposée à la culture.

Peut être faudra-t-il considérer aussi Buytendyck que la culture n'est à tout prendre qu'une seconde nature, une transcendance de l'homme et que dès lors cette opposition séculaire serait sans objet. C'est à nous en tout cas que revient le devoir de trouver ce compromis délicat.

Comme le dit R. Barthes, il existe une érotique du nouveau, l'ancien est toujours suspect. Lévi Strauss constate pour sa part que la transmission des connaissances se fait maintenant bien mieux horizontalement dans la synchronie du village global, que verticalement dans la diachronie des traditions... Notre tâche n'en est que plus ardue.

	1. NATURE	2. PHYSIO	3. MUSIQUE	4. PSYCHOMOT	5. PEDAGO	6. SPORT
LOI	PHYLOGEN	ANATO	ART	NEURO- -PHYSIO	PHILO	CULTURE
CLASS	GENRE	ANATO	INTUIT	FACTEURS STRUCT	COMPORT	GENRE
BUT	FORM MOUVEMENT	FORM CORPS	BEAUTÉ	DISPONIBILITÉ	HOMME	PERFORM

**Figure 24**



## Instruções para os Autores

Pretende-se que o Boletim seja um espaço de recepção e ampla divulgação de comunicações originais da autoria de especialistas na área das actividades físicas, desportos e recreação. Para este efeito os artigos podem ter estruturas diversas, conforme a oportunidade ou a profundidade do estudo.

Faz-se em seguida referência aos principais tipos de artigo susceptíveis de publicação no Boletim da SPEF.

### TIPOS DE ARTIGO

#### 1. *Artigos breves*

Estes artigos devem abordar preferentemente temas da actualidade (e. g. pareceres sobre legislação publicada ou a publicar). A sua extensão máxima é de 8 páginas dactilografadas (incluindo quadros, figuras, bibliografia e o resumo, que deverá ter até 50 palavras).

#### 2. *Análises da literatura*

Com uma estrutura semelhante à das investigações originais, estes artigos poderão abordar temas diversos — com base numa investigação sobre os conhecimentos disponíveis nessa matéria.

#### 3. *Investigações originais*

Estão neste caso os trabalhos experimentais, descritivos/analíticos, correlacionais e os artigos filosóficos, históricos ou técnicos.

#### 4. *Teoria-Prática*

Estimula-se a publicação de artigos que pretendam abordar as implicações metodológicas dos dados da investigação — i. e., de um modo global, estabelecer uma ponte entre a

investigação e a actividade profissional, entre a teoria e a prática. A extensão destes artigos será deixada ao critério do autor — no entanto não deverá ultrapassar as 20 páginas.

## 5. *Cartas*

Pretende-se que em todos os números haja um espaço destinado a favorecer a discussão intelectual de artigos publicados no Boletim. Estes artigos, que podem assumir a forma de Cartas ao Editor ou Cartas Abertas não devem ultrapassar as 500 palavras.

## ORIGINAIS

Os autores deverão remeter os originais para análise do Conselho Editorial na sua forma definitiva, dactilografados a dois espaços (incluindo o resumo de autor, quadros e cada referência bibliográfica), em papel branco do formato A4 (210 × 297 mm), numa só face do papel e com margens uniformes de 4 cm em cima, em baixo, à esquerda e à direita de cada página.

A extensão dos artigos não deverá exceder 20 páginas, incluindo quadros, figuras e bibliografia.

A primeira página do manuscrito deve incluir:

- a) título conciso e claro quanto ao objecto e propósito do estudo;
- b) palavras-chave (máximo de 6);
- c) nome do autor;
- d) instituição a que o autor está adstrito e/ou onde realizou a investigação;
- e) morada do autor;
- f) outras indicações que entenda útil referir.

## RESUMOS DE AUTOR

Os artigos devem ser precedidos de um resumo de autor de 100/150 palavras que deverá permitir aos leitores um reconhecimento rápido dos métodos e do conteúdo do artigo.

A forma e o conteúdo variarão segundo o tema (e.g. artigo de opinião ou artigo científico). Porém, dentro do possível, o resumo deverá obedecer à estrutura do artigo.

## TEXTO

A organização do artigo deverá obedecer ao seguinte modelo:

- a) Introdução — descrição e enquadramento do problema, definindo o quadro de hipóteses e mencionando a literatura relevante;
- b) Desenvolvimento metodológico — incluindo a descrição da amostra, instrumentos, manipulações experimentais, recolha e tratamento dos dados;
- c) Resultados e discussão — descrição e interpretação dos resultados e hipóteses de explicação;
- d) Conclusões e, eventualmente, implicações para a prática e pistas futuras de investigação;
- e) Bibliografia referenciada no texto.

## BIBLIOGRAFIA

As referências bibliográficas deverão seguir as normas comumente utilizadas no âmbito das ciências sociais e humanas — o *Publication Manual of the American Psychological Association* (3rd ed.), 1983.

Serão assinaladas no texto pelo nome do autor ou autores, seguido(s), entre parênteses, do ano de publicação da obra citada. No caso do número de autores ser superior a dois, indicar-se-à apenas o nome do primeiro autor, seguido da expressão abreviada *et al.*

Para a elaboração da lista bibliográfica no final do artigo — por ordem alfabética de autores — damos alguns exemplos:

**a) Artigo numa publicação periódica**

Willee, A. W. (1990). Physical education in the age of post-industrialization. *FIEP Bulletin*, 60(2/3), 18-35.

**b) Livros**

Siedentop, D. (1983). *Developing teaching skills in physical education* (2nd ed.). Palo Alto, CA: Mayfield.

**c) Artigo ou capítulo num livro**

Lindner, K. J. (1987). Transfer of motor learning: From formal discipline to action systems theory. In L. D. Zaichkowsky & C. Z. Fuchs (Eds.), *The psychology of motor behavior: Development, control, learning and performance* (pp. 65-85). Ithaca, NY: Movement Publications.

**d) Actas de congressos, simpósios ou seminários**

Cloes, M. & Piéron, M. (1990). Identification de comportements enthousiastes d'enseignants en éducation physique. In J. Duran, J. L. Hernandez & L. M. Ruiz (Eds.), *Congreso Mundial AIESEP/88: Humanismo y nuevas tecnologías en la educación física y el deporte* (pp. 95-99). Madrid: MEC/CSD/INEF.

**e) Teses de mestrado ou doutoramento**

Costa, F. C. (1988). *O sucesso pedagógico em educação física: Estudo das condições e fatores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino*. Tese de doutoramento não-publicada, Instituto Superior de Educação Física-Universidade Técnica de Lisboa.



## ASSINATURAS

Anual (4 números)

Sócios grátis \*

Não sócios 2500\$00

Instituições 2000\$00

Endereçar a:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Apartado 103

2796 LINDA-A-VELHA CODEX

PORTUGAL



Considerem-me assinante do BOLETIM da SPEF a partir do n.º ..

Nome .....

Morada .....

Localidade ..... Código Postal .....

Sócio

Não sócio

Instituição

Junto envio:

cheque n.º ..... Banco .....

vale postal n.º .....



\* Com a actualização das quotas decidida na última Assembleia Geral, os sócios passam a receber gratuitamente o BOLETIM.





*Editorial*

FRANCISCO SOBRAL

ESTUDOS, PRÁTICAS E PROBLEMAS

*As Representações de Sucesso e Insucesso Profissional  
em Professores de Educação Física*

FRANCISCO CARREIRO DA COSTA, LUÍS CARVALHO,  
MARCOS ONOFRE, JOSÉ ALVES DINIZ

*Preferência Manual: Suas Relações com os Níveis de Avaliação  
em Educação Física e com a Assimetria Motora Funcional*

OLGA VASCONCELOS

*Ensaio para um Percurso Histórico do Desenvolvimento  
da Noção e Prática de Psicomotricidade*

PEDRO SOARES ONOFRE

ARQUIVO HISTÓRICO

*O Ócio da Lisboa de 1900*

— *Tradição e mudança nas práticas e representações do ócio urbano*

RUI GOMES

*50 Ans d'Éducation Physique en Europe*

WALTER DUFOUR